

CARINA ÁVILA - TOUROS, "TAPAS" E MEIAS PRETAS - CRÔNICAS DE UMA BRASILEIRA EM SEVILHA

CARINA ÁVILA

touros,  
"tapas"  
meias pretas

CRÔNICAS DE UMA BRASILEIRA EM SEVILHA

# Touros, *tapas* e meias pretas

Crônicas de uma brasileira em Sevilha

Carina Ávila



*Sevilla, tan sonriente, yo me lleno de alegría cuando hablo  
con su gente*

*Sevilla enamora al cielo, para vestirlo de azul, capazo  
duerme en Triana*

*Y la luna en Santa Cruz*

*Sevilla tiene un color especial, Sevilla sigue teniendo,  
su duende*

*Me sigue oliendo a azahar, me gusta estar con su gente*

*Sevilla, tan cariñosa, tan morenita, gitana, tan morena y  
tan hermosa*

*Sevilla enamora al río y hasta San Lucas se va, y a la  
mujer de mantilla*

*Le gusta verla pasar*

Los Del Río

TEXTO  
Carina Ávila

ORIENTADOR  
Paulo Paniago

CAPA  
Letícia Castro

DIAGRAMAÇÃO  
Jéssica Martins

# Agradecimentos

A Deus, que me deu a vida e todos os meus dons: ofereço este trabalho realizado com amor.

À Maria, mãe de Jesus: obrigada pela proteção materna em todos os momentos da minha vida.

Aos meus maiores fãs (e maiores tesouros): papai, mamãe, Mandinha e Belinha. Obrigada por terem tornado o sonho do intercâmbio possível, por sempre vibrarem com minhas conquistas e por acreditarem em mim mais do que eu mesma acredito. Amo vocês.

À melhor personagem do livro: Vovó Irene. Obrigada por sempre me render ótimas histórias e boas risadas. Suas pérolas alegam as páginas deste trabalho.

Aos amigos que se tornaram família: Carla, Bettina, André e Pâmella. Conhecê-los foi um dos melhores presentes que Sevilha me deu. Obrigada por compartilharem tantos momentos incríveis comigo, na cidade que mais amamos. Sem vocês, o intercâmbio não teria sido tão sensacional.

Ao meu orientador: Paulo Paniago. Obrigada por acreditar no projeto e me ajudar a torná-lo realidade com a ótima orientação ao longo do semestre.

A todos que acompanhavam os “4 fatos de Sevilha” pelo Facebook e me motivaram a transformá-los em livro. A grande repercussão na rede social foi essencial para que eu acreditasse no potencial do projeto.

# Índice

Introdução	8
Essência de Sevilha	13
Centro histórico	20
Game of Thrones	26
Tortuguita	29
Qualidade de vida	32
Horários	39
Cidade musical	42
Lágrimas santas	45
Semana santa	48
Cruzcampo	52
Tomei água da torneira e não morri	57
“Um café e um amor, quentes, por favor”	61
Sócias importadoras	65
Cozinheira de mão cheia	69
Dona de casa	74
Cem opções de felicidade	78
Chinos	81
<i>¿Eres de Tomares?</i>	86
Transporte público	89
<i>Bici</i>	94
Estradas	100
Surfe em sofás	104

Coração bandido	110
Cinemas de verão	116
Respeita meu frio	123
Ano novo fora de época	129
Chuva que ninguém vê	135
Filmes dublados	141
Expressões linguísticas	147
Universidade	151
Jornalismo e publicidade	157
Estereótipos	160
Precisamos falar sobre moda	166
Estética e cosméticos	170
Aparentemente ilegal	173
Natal	177
Nomes	180
A volta	183
Em terras brasileiras	186



# Introdução

Espanha nunca havia se passado pela minha cabeça, muito menos Sevilha. Sempre sonhei em estudar fora, mas pensava em Estados Unidos, Inglaterra, Irlanda, Irlanda do Norte... Queria algum país de língua inglesa. Quando a Assessoria de Assuntos Internacionais da UnB (INT) liberou o edital do segundo semestre de 2013 para alunos que quisessem passar o semestre seguinte em alguma universidade estrangeira conveniada à instituição, rapidamente corri atrás de toda a documentação exigida e me inscrevi no processo seletivo. Foi quando me disseram: “Não temos convênio com universidades norte-americanas. Suas opções na Europa são França, Espanha e Portugal”.

Logo eliminei Portugal, pois não teria oportunidade de praticar outro idioma (um dos grandes benefícios de intercâmbio). Contudo, para conseguir vaga em algum país de língua estrangeira, era necessário comprovar proficiência no idioma. Não falo francês, mas tinha o certificado de conclusão de curso de espanhol no Instituto Cervantes de Brasília. Assim, a opção que me restou foi Espanha.

“Madri ou Barcelona”, pensei. Eu nunca havia estado na Espanha antes e tinha as duas maiores cidades do país como principal

referência. Fui aprovada no processo seletivo e, no dia de escolher o local de destino, disseram-me que, naquele semestre, só havia vagas para estudantes de jornalismo em três cidades espanholas: Sevilha, Burgos e Castellón de la Plana. Meus planos caíram por terra mais uma vez.

Comecei a pesquisar sobre as três opções e escolhi Sevilha por ser a maior cidade dentre as três – e por causa da famosa ópera *O barbeiro de Sevilha*, sobre a qual eu já havia assistido a um desenho animado do Pernalonga. Descobri que não apenas é mais populosa que Burgos e Castellón de la Plana, é a quarta maior cidade do país, com cerca de 700 mil habitantes, atrás de Madri, Barcelona e Valencia, respectivamente. A área metropolitana de Sevilha também é a quarta maior do país em número de habitantes (por volta de 1,5 milhão).

No meu primeiro dia na Espanha, postei no Facebook as primeiras quatro observações sobre a cidade nova. A repercussão foi enorme, recebi mais de 200 curtidas e diversos comentários (inclusive de pessoas que nem faziam parte da minha lista de amigos). No segundo dia, postei mais quatro observações que haviam chamado minha atenção justamente por serem tão diferentes da realidade à qual estava acostumada. A repercussão também foi grande e me motivou a continuar. Os fatos, que começaram superficiais, passaram a se aprofundar cada vez mais na cultura sevilhana. Anotava cada nova observação sobre Sevilha e passei a escrever sobre elas regularmente.

Como eu sempre escrevia as observações de quatro em quatro, as postagens ficaram conhecidas como “os 4 fatos de Sevilha” e transformaram-se em uma série que as pessoas acompanhavam, curtiam, comentavam, cobravam e compartilhavam. Usuários que não me conheciam passaram a me adicionar no Facebook para seguir as publicações. Alguns amigos de Sevilha e do Brasil que também viviam na Espanha começaram a me

sugerir novos fatos que se diferenciavam da cultura brasileira. Desconhecidos que sentiam vontade de fazer intercâmbio ou conhecer a Espanha me enviavam dúvidas e pediam dicas. Outros contavam que haviam decidido viajar a Sevilha por causa dos meus relatos.

O meu caso de amor com Sevilha tornou-se tão sério, que, quando completaram-se os seis meses que passaria na cidade, não conseguia pensar em sair de lá. Solicitei a prorrogação do intercâmbio na universidade espanhola e, para a minha alegria, o pedido foi aceito. Prorroguei a estadia por mais sete meses e vivi na capital andaluza por mais de um ano (de 23 de janeiro de 2014 a 16 de fevereiro de 2015).

“Os 4 fatos de Sevilha” foram uma maneira que encontrei de compartilhar com meus amigos todas as experiências curiosas e encantadoras que vivia pelas terras andaluzas. Claro que estes fatos eram uma maneira muito limitada de descrever Sevilha, que é indescritível. É preciso vivê-la para senti-la. Mas acho que consegui transmitir pelo menos um pouco da essência andaluza.

Em 23 de janeiro de 2015, quando completou-se um ano da minha chegada a Sevilha, fiz a seguinte publicação no Facebook:

*Sabe quando você nunca foi à Espanha e pensa na Espanha?  
É em Sevilha que você está pensando*

*Sabe quando você pensa em violeiros no meio da rua, em dançarinos de flamenco e no som de castanholas? É em Sevilha que você está pensando*

*E quando você pensa em ruazinhas de paralelepípedo e prédios coloridos com cores bem vivas? É em Sevilha que você está pensando...*

*Sabe quando você está longe e pensa na Espanha? É em Sevilha que você está pensando...*

*Sabe quando você pensa em carruagens no meio da rua, ciganas e touradas? Deixa eu te falar que é em Sevilha que você está pensando...*

*E quando você pensa em baladas nas quais a galera vai à loucura com músicas latinas? Vou te contar que também é em Sevilha que você está pensando...*

*Sabe quando você se imagina tomando um vinho de boa na beira do rio? Cara, é em Sevilha que você está pensando...*

*Sabe quando você pensa em tapas deliciosas ou numa cervejinha com amigos no meio de uma ruazinha centenária? Também é em Sevilha que você está pensando...*

*E quando você pensa em uma mistura belíssima de arquitetura clássica com arquitetura árabe? É Sevilha, cara, isso aí que você está pensando...*

*Sabe quando você pensa em uma cidade que tem uma igrejinha linda em cada esquina e ruas com nomes divertidíssimos, como “Cabeza de Don Pedro” e “Paseo de las Delicias”? É Sevilha essa cidade na qual você está pensando...*

*Sabe quando você pensa em espanhóis charmosos e sensuais? É em Sevilha que você está pensando...*

*Sabe quando você pensa em siesta, em almoço às 15h e jantar às 23h? É em Sevilha que você está pensando...*

*Sabe quando você imagina uma feira com barracas que tocam música flamenca e onde todas as pessoas estão vestidas a caráter,*

*as mulheres com leques e flores no cabelo? É na Feria de Abril de Sevilha que você está pensando...*

*Sabe quando você pensa em uma cidade que para completamente para viver a Semana Santa da forma mais bela e fervorosa possível? É em Sevilha que você está pensando...*

*Sabe quando você pensa em espanhóis orgulhosos de suas raízes, de sua música, de sua dança, de sua comida, de sua cultura como um todo? É em Sevilha que você está pensando...*

*Sevilha é o que há de mais espanhol na Espanha. Se você veio a esse país e não veio a Sevilha, desculpe-me, mas você não sentiu direito o que é ser Espanha. Arrepiada, emociona, apaixonada.*

*Hoje completa-se um ano que cheguei em Sevilha. Ano de sonho. Eu sempre havia sonhado em fazer intercâmbio, mas tinha medo de que só fosse bonito na imaginação. Medo que se provou totalmente infundado, pois a vida real é ainda mais bonita.*

*Obrigada, Sevilha. Morro de amores por você.*

No fim das contas, a falta de opções que me fez ir a Sevilha foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. E agora já era: meu coração estará eternamente dividido entre dois lugares, entre dois mundos. Voltei para o Brasil em 2015 com centenas de observações sobre a capital andaluza e decidi transformá-las no meu projeto final do curso de jornalismo: um livro de crônicas sobre a cidade que me tem comendo na palma da mão. No título, coloquei elementos bem representativos da cultura sevilhana, que serão explicados nas crônicas: touros, tapas e meias pretas.

Espero que apaixonem-se comigo pela cidade ao longo do livro.

## Essência de Sevilha

Sevilha é a capital da Andaluzia, região sul da Espanha. A Andaluzia é conhecida por viver até hoje, de maneira muito forte, todas as “típicas” tradições espanholas, como flamenco, castanholas, violeiros, touradas, músicas e danças ciganas etc. Os “estereótipos espanhóis” apresentados em outros países por meio de filmes, personagens, fantasias, músicas e desenhos animados foram tirados do sul do país e têm presença fortíssima em Sevilha. Costumo dizer que a capital andaluza é o que existe de mais espanhol na Espanha. A imagem que outros países têm dos espanhóis é retrato de Sevilha, já que, mais ao norte, a cultura é completamente diferente do que se mostra para estrangeiros.

É muito comum chegar em qualquer bar da capital andaluza e encontrar pessoas dançando e cantando flamenco, ou dançando as famosas *sevillanas* (música típica da região, dançada em pares), enquanto todos acompanham com palmas e gritos de “¡Dale!” e “¡Olé!”.

A relação com o flamenco é tão forte, que acontece uma festa popular em Sevilha todo mês de abril chamada Feria de Abril, na qual as pessoas passam uma semana vestidas a caráter – as mulheres com longos e belos vestidos, flores no cabelo, leques, sapatos

de dançarinas de flamenco; e os homens com chapéus, botas, coletes, ternos etc. – e se reúnem em barracas em forma de tendas chamadas casetas para dançar as *sevillanas*, ouvir flamenco, tomar *rebujitos* (bebida alcoólica de camomila, típica da Andaluzia, na qual se mistura vinho de camomila, próprio do sul da Espanha, refrigerante de limão e folhas de hortelã) e comer pratos tradicionais da região, como peixe frito, *salmorejo* (espécie de sopa de tomate gelada) e bacalhau com grão de bico.

As *casetas*, que podem ser públicas ou privadas, são montadas lado a lado em um descampado no bairro Los Remedios. As casetas privadas pertencem a famílias ricas tradicionais da região ou a empresas e só convidados podem entrar nelas. Quem não tem convites ou contatos para entrar nas tendas privadas, participa das públicas, de entidades sociais e governamentais. As tendas têm palcos para os participantes dançarem as *sevillanas* e bares onde se pode comer e beber.

Durante a Feria de Abril, as pessoas locomovem-se em charretes, carroças ou montadas a cavalo. Alguns participantes que vivem em cidades próximas, cavalgam até Sevilha. A abertura do evento reúne milhares de pessoas para fazer contagem regressiva na entrada até que as luzes do espaço se acendam e a festa começa. Os sevilhanos, aficionados pela Feria, vestem suas melhores roupas no evento e ensaiam as *sevillanas* o ano inteiro para arrasarem na festa de abril.

Há festas do tipo em diversas cidades da Andaluzia, mas a de Sevilha é de longe a mais famosa, mais visitada e a que tem maior impacto econômico na região. Pessoas do país inteiro participam todos os anos da festa popular que faz a capital andaluza parar.

As principais touradas do ano também acontecem durante a semana da Feria, na famosa e tradicional Plaza de Toros de la Maestranza, um dos pontos turísticos mais emblemáticos e visitados da cidade, localizado bem no centro da capital andaluza.

Proibidas em muitas partes do país, as corridas de touros (como também podem ser chamadas as touradas) continuam legalizadas na Andaluzia. A tauromaquia (arte de lidar com touros bravos) gera intenso debate entre os que a apoiam e a criticam, pois, apesar de ser tradição antiga que representa o domínio da razão do Homem sobre a força violenta e bruta do animal, os touros são muito machucados e, nas touradas tradicionais, como as que acontecem na Andaluzia, são mortos. Na tourada, o Homem representa os valores humanos da coragem e superação perante a violência e o caos do touro. O chamado “espetáculo” termina quando o toureiro mata o animal.

Eu nunca tive coragem de assistir a uma corrida de touros ao vivo, pois já havia visto alguns vídeos que me enojaram. Eu sentiria raiva e, obviamente, torceria pelo touro, que está sempre em desvantagem. Acho uma tremenda covardia com os animais, que geralmente não têm chance alguma.

Touros mais perigosos são colocados para correr antes das touradas, de forma que já comecem o duelo cansados. Quando o animal consegue derrubar o toureiro, outros homens entram na arena para ajudar a abater a fera. São raros os casos em que os animais conseguem vencer, como ocorreu em julho de 2016, na cidade de Teruel, no norte da Espanha, quando o toureiro espanhol Víctor Barrio, de 29 anos, morreu após ser chifrado no peito por um touro. O torneio estava sendo transmitido ao vivo pela televisão e os telespectadores puderam ver quando o touro derrubou Barrio no chão e o chifrou. Ele chegou a ser levado com vida à enfermaria do local, mas não resistiu aos ferimentos e morreu poucos minutos depois.

Alguns restaurantes de Sevilha, antigamente, chegavam a comprar os touros antes das touradas, para prepararem pratos com a carne da fera abatida depois. Os fãs da tauromaquia aplaudem e comemoram encantados a cada vez que o toureiro enfia uma



estaca no bicho. Outras regiões do país não chegaram a proibir as corridas de touros, mas tornaram ilegal matar os animais (eles permanecem vivos após o “espetáculo”).

Na capital andaluza, a temporada de touradas começa sempre no domingo de Páscoa e vai até 12 de outubro (quando é celebrada a festividade da *Virgen del Pilar* na Espanha). A Plaza de Toros de la Maestranza, apelidada popularmente de *Catedral del Toreo* (Catedral do Toureio, em português), é uma das mais antigas do país. Construída originalmente em madeira em 1733 (em 1914 foi reformada e a madeira foi substituída por pedra), é a primeira Plaza de Toros ovalada da Espanha (feita em formato circular/oval).

Dentro da Plaza de Toros de la Maestranza, também há o Museo Taurino (Museu Taurino), localizado embaixo das arquibancadas. O museu foi fundado em 1989 e conta a história da tauromaquia na Espanha. Tem pinturas, trajes de toureiros, esculturas, bustos de toureiros lendários, cabeças empalhadas dos principais touros, azulejos etc.

Além do flamenco e das touradas, há muitas ciganas na capital andaluza, assim como em várias outras cidades da Europa (em Roma, por exemplo, o número é enorme). As de Sevilha são mulheres “normais” que abordam os passantes oferecendo-lhes raminhas de romero. Se a pessoa recusa, elas insistem dizendo: “É grátis, minha senhora, para te dar boa sorte, saúde, riquezas...”. O esquema é continuar andando até que elas desistam, porque, se a pessoa aceita, elas também pedem para ler a mão e, durante esse processo todo, a vítima já foi roubada e não percebeu. Quando cheguei na cidade, não sabia que as mulheres que me ofereciam ramos de plantas eram ciganas, muito menos que tentariam me furto. Sempre que pensava em cigana, lembrava-me da maravilhosa Esmeralda de *O Corcunda de Notre Dame*.

O povo cigano está presente na Andaluzia há centenas de anos e o flamenco tem muita influência da música cigana. Por

exemplo, em Granada, outra cidade importante da Andaluzia, os espetáculos de flamenco são apresentados dentro de cavernas, da mesma forma que os ciganos faziam antigamente. A arte é maravilhosa de ver. Alguns dos melhores cantores de flamenco da Espanha têm origem cigana.

Outra forte tradição espanhola se manifesta fortemente na culinária sevilhana: as *tapas*. Praticamente todos os restaurantes da cidade são de *tapas*. Em Sevilha, elas dizem respeito ao tamanho da refeição. Explico melhor: *tapa* pode ser qualquer comida que a pessoa escolher, vinda em pequena quantidade. Dessa forma, é possível ir a um restaurante e provar um pouco de tudo. É só pedir *tapas* de vários pratos, que cada refeição vem em quantidade de aperitivo e pode-se comer várias opções do cardápio.

Os restaurantes de Sevilha costumam dar duas opções de tamanho de prato: a opção *ración* (ração, em português), que equivale a um prato normal suficiente para deixar uma pessoa satisfeita, e a opção *tapa*, que é o mesmo prato, mas em quantidade reduzida. As *tapas*, em consequência, costumam ser bem baratas. Há *tapas* de tudo o que se puder imaginar, desde bacalhau, carne de porco, frango e batata, até caracóis, buchada e hambúrguer (o hambúrguer de *tapa* costuma ser pequenininho). A expressão *salir de tapas* (sair de tapas) é muito comum na cidade, para chamar amigos para beliscar diversas comidinhas enquanto tomam vinho ou cerveja.

Apesar de os andaluzes terem muito orgulho do país, da cultura e do sangue espanhol – ao contrário dos catalães e dos bascos, por exemplo, que buscam mais que tudo tornarem-se nações independentes da Espanha –, a Andaluzia tem muita influência árabe (na minha opinião, um dos maiores encantos da região).

O sul do país esteve sob domínio árabe por quase 800 anos (de 711 a 1492). No século XV, os reis cristãos reconquistaram

o território (Sevilha havia sido conquistada um pouco antes, em 1248), chamado pelos conquistadores islâmicos de Al-Andalus, mas a cultura islâmica que havia dominado a Andaluzia por tanto tempo continuou impregnada na região. Por isso, em Sevilha, é possível perceber traços árabes pelas ruas, na arquitetura, na culinária, nas expressões linguísticas etc.

Uma última referência sobre a capital andaluza para amantes de ópera: a maravilhosa ópera Carmen, do compositor francês Georges Bizet, passa-se em Sevilha. O primeiro ato começa em uma praça da cidade, onde se situa uma fábrica de tabaco e um quartel. Carmen é uma cigana que trabalha nessa fábrica e utiliza seus talentos de dança e canto para enfeitiçar e seduzir vários homens. O mais interessante é que essa fábrica de tabaco da ópera é real e, hoje em dia, é nada mais nada menos que a reitoria e o *campus* principal da Universidad de Sevilla. Sim! O belíssimo, histórico e centenário *campus* principal da Universidad de Sevilla é a antiga fábrica de tabaco onde se passa a história de Carmen. Fiquei muito empolgada quando descobri isso. E, para melhorar, a última cena da ópera acontece em frente à Plaza de Toros de Sevilha.

Bom, quando cheguei na Andaluzia, não sabia nem metade do que acabei de escrever para tentar explicar um pouco do que é a capital andaluza e situar Sevilha. Cada dia na cidade nova era repleto de novas descobertas que me encantavam e me enamoravam.

Precisei participar da Feria de Abril para entender a importância que ela tem para a cultura não só de Sevilha, mas do país como um todo. Precisei conhecer as ciganas, os dançarinos e músicos de flamenco, precisei comer tapas toda semana, provar *rebujitos* e *salmorejo*, precisei aprender a dançar as *sevillanas*, precisei conhecer construções repletas de traços árabes, precisei comer *kebab* na rua toda vez que sentia larica de madrugada, precisei aprender a dizer “não” às mulheres que me ofereciam plantinhas pelas ruas.

Mas a verdade é que, apesar de ter convivido intensamente com todas estas fortes características sevilhanas, só fui perceber que Sevilha havia me infectado permanentemente quando comecei a montar playlists de reggaeton, salsa e bachata para tomar banho. Cantar músicas em espanhol no chuveiro enquanto remexia o quadril ao som de ritmos latinos me fez ver que não havia mais volta: Sevilha já fazia parte de mim.

## Centro histórico

É muito fácil se perder pelas ruas de Sevilha, porque elas são malucas. Fazem muitas diagonais, juntam-se em lugares inusitados, mudam de nome do nada. Às vezes, você pega uma rua à esquerda e acredita que vai para a esquerda, mas, na verdade, ela te leva em uma diagonal a sudeste e, quando você vê, não sabe mais em que bairro está, o que fará da vida e como voltará para casa. No início, bate um leve desespero, porém, logo em seguida, passa um grupo de jovens perdidos que te pedem informações, você não sabe dar as informações e vê que está todo mundo perdido e feliz na cidade. Assim, em vez de se preocupar porque está perdido, começa a admirar a beleza de cada ruela.

Como é lindo estar perdido em Sevilha! As ruas são muito lindas! Indico fortemente se perder no bairro de Santa Cruz, que é o bairro judeu da cidade. Você anda, anda e sempre acaba em alguma praça charmosa. Certa vez, caminhava com um grupo de amigos para a balada às 2h e nos perdemos no meio da rua. Alguns jovens, também perdidos, vieram nos pedir informações para irem justamente ao lugar em que estávamos antes, mas havíamos feito tantos ziguezagues pela cidade que não fazíamos a mínima ideia de qual caminho eles deveriam tomar. No fim das contas, Google Maps salva a todos. Como devia ser difícil a vida dos viajantes antes da existência de GPS no celular.

No meu segundo semestre em Sevilha, morei justamente no bairro de Santa Cruz, conhecido como *La Judería de Sevilla*. Quando Sevilha foi conquistada pelo rei cristão Fernando III de Castilla, em 1248, judeus começaram a povoar a cidade e habitar o bairro de Santa Cruz. Foi a segunda comunidade judaica mais importante da Espanha, atrás apenas da de Toledo, cidade mais ao norte. O clima era pacífico e o filho de Fernando III, Alfonso X, deu aos judeus quatro mesquitas, que pertenciam aos árabes antes da reconquista cristã, para que eles as transformassem em sinagogas – hoje, correspondem às igrejas Santa María la Blanca, San Bartolomé, Iglesia de Santa Cruz e Convento Madre de Dios. Mas a paz em Sevilha não durou muito tempo.

Em 1391, os cristãos atacaram a *judería* – foi o primeiro assalto do país a uma comunidade judaica. Cristãos sevilhanos, instigados contra os judeus por autoridades religiosas, revoltaram-se e entraram em Santa Cruz para destruir lojas e agredir habitantes. Alguns meses depois, a multidão voltou a entrar na *judería* e assassinou quatro mil judeus (quase todos os que viviam em Sevilha). Em 1492, foi decretada a expulsão dos judeus da Espanha ou a conversão deles ao cristianismo. Depois da matança em Sevilha, restaram poucos judeus na capital andaluza. Contudo, os traços judaicos no bairro permanecem.

As ruas de Santa Cruz, de paralelepípedos e muito estreitas, formam labirintos que sempre terminam em alguma praça ou pátio sevilhano. O bairro conserva todo o encanto e estilo da época em que era ocupado por judeus, repleto de vasos de plantas, flores, chafarizes, azulejos. Grande parte das ruas é tão estreita, que carros não conseguem entrar (só é possível entrar a pé, de moto, ou de charrete – as pessoas passeiam muito de charrete em Sevilha, principalmente turistas).

Eu vivia em uma das ruas mais estreitas do bairro, chamada *Dos Hermanas*. Para entrar na rua, é preciso passar por um portal lindo e centenário. Adorava ficar na varanda do quarto e observar

as charretes que passavam, ouvir o barulho dos cascos dos cavalos contra os paralelepípedos e dos músicos pelas ruas. Também ficava encantada com as cores da cidade. Os prédios do centro histórico são muito coloridos (com cores quentes, como vermelho, laranja e amarelo). Minha rua era pintada de um tom forte de amarelo que sempre me alegrava. O contraste do amarelo com o azul do céu era belíssimo.

E é no bairro de Santa Cruz que estão localizadas as construções mais importantes da cidade: Catedral, Archivo de Indias, Real Alcázar e Casa de Pilatos. A Catedral de Sevilha é a terceira maior catedral católica do mundo, atrás somente da Basílica de São Pedro, em Roma, e da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida (SP). Sendo assim, é a maior catedral da Espanha. Além disso, é a maior igreja gótica do planeta. Em 1987, foi declarada Patrimônio da Humanidade pela Unesco, juntamente com o Real Alcázar e o Archivo de Indias.

O ponto turístico mais emblemático de Sevilha é a torre da catedral, que tem até nome próprio: Giralda. Nenhuma construção do centro da cidade pode ser mais alta que a torre, que tem 104 metros de altura. A Catedral de Sevilha começou a ser construída em 1401 por cima da antiga mesquita árabe que existia no local (a construção da mesquita começou em 1172). Só duas áreas da mesquita se mantiveram: a Giralda e o Patio de los Naranjos (pátio enorme repleto de laranjeiras).

Uma curiosidade interessante é que os restos mortais de Cristóvão Colombo, descobridor da América, estão na Catedral de Sevilha, assim como vários reis espanhóis também estão sepultados lá. O templo é rico em obras de arte, muitas de artistas renomados – como dos pintores espanhóis Murillo, Zurbarán, Luis de Morales e Francisco de Herrera el Mozo, e os escultores Pedro Roldán, Juan de Mesa e Alonso Martínez –, artigos religiosos repletos de pedras preciosas e ainda tem a Biblioteca Colombina, doada pelo filho de Cristóvão Colombo, Fernando Colombo. O

valor documental e histórico da biblioteca é incalculável. Ela contém um número enorme de manuscritos, entre eles o original do Livro das Profecias, escrito por Cristóvão Colombo em 1504, e *La Imago Mundi*, de Pierre d'Ailly.

A Catedral está na principal avenida da cidade, chamada Avenida de la Constitución. Também nesta rua, ao lado da Catedral, há o Archivo General de Indias (Arquivo Geral de Índias), arquivo histórico espanhol criado em 1785 por iniciativa do rei Carlos III, com o objetivo de centralizar em um único lugar a documentação referente às colônias espanholas.

O acervo inclui documentos como o Tratado de Tordesilhas – celebrado entre o Reino de Portugal e a Coroa de Castela para dividir as terras “descobertas e por descobrir” por ambas as Coroas fora da Europa (o Brasil estava entre as divisões) – e documentos pessoais de Cristóvão Colombo, Fernão de Magalhães, Vasco Nuñez de Balboa, Francisco Pizarro e Hernán Cortés. O arquivo conserva cerca de 43 mil documentos, com 80 milhões de páginas, oito mil mapas e desenhos.

Demorei mais de um ano para visitar o Archivo de Indias e, quando fui, perguntei-me por que havia demorado tanto para ir. Para quem gosta de história e geografia, como eu, o lugar é incrível. Lembro muito bem que, no dia em que fui lá, estava agoniada com uma música brasileira que não saía da minha cabeça: Traz a bebida que pisca, da Gaiola da Popozudas. Analisei antigos mapas e documentos enquanto o fundo musical da minha cabeça era “traz a bebida que pisca pisca pisca pisca pisca”.

Entre a Catedral e o Archivo de Indias, há uma praça e, do outro lado desta praça, está o Real Alcázar de Sevilha, conjunto de palácios rodeado por uma muralha. A construção desses palácios começou na Idade Média, quando os árabes conquistaram Sevilha em 712. Os líderes islâmicos habitavam a fortaleza, que inclusive contribuiu para evitar a invasão da cidade pelos vikings, em 884.



Depois que o rei cristão Fernando III reconquistou a cidade, em 1248, o Alcázar tornou-se alojamento real. O filho de Fernando III, Alfonso X, iniciou as primeiras reformas no complexo de palácios após a conquista e mandou construir três salões em estilo gótico. Ao longo da história, reformas continuaram a ser feitas, o que confere ao Real Alcázar uma mistura de diferentes estilos – desde o islâmico e o mudéjar, de seus primeiros moradores, até gótico, renascentista e barroco, que vieram com os reis cristãos. Mas o que mais impressiona nos palácios são os resquícios do período árabe, com sua riqueza, ornamentação, e perfeccionismo nos detalhes.

Muitos importantes acontecimentos históricos se passaram no Real Alcázar de Sevilha, como o casamento de Carlos I com sua prima, Isabel de Portugal, em 1526, e o nascimento de alguns príncipes. Atualmente, o local é utilizado como alojamento da Família Real Espanhola e chefes de Estado sempre que visitam a cidade. Segundo a Unesco, o Real Alcázar é o palácio real ativo mais antigo da Europa.

No bairro de Santa Cruz, em uma rua um pouco mais afastada da avenida principal (cerca de 15 minutos a pé), também há outro importante ponto turístico: a Casa de Pilatos, um palácio construído em 1483 por um nobre chamado Pedro Enríquez de Quiñones. Este belo palácio também mistura o estilo mudéjar espanhol com o italiano renascentista.

A Casa de Pilatos já foi usada como cenário de vários filmes de Hollywood, como a mítica superprodução ganhadora de sete Oscar (inclusive de melhor filme) *Lawrence da Arábia* - algumas cenas foram gravadas no palácio em 1962. Em 1992 e 2005, o diretor Ridley Scott também usou o local para gravar os filmes *1492 - A Conquista do Paraíso* e *Cruzada*, respectivamente. Em 2009, o ator Tom Cruise também foi filmado no palácio para o filme *Encontro Explosivo*, com a atriz Cameron Diaz.

Eu poderia escrever páginas e páginas sobre todos os maravilhosos pontos de Sevilha que merecem ser visitados, mas este não

é um guia turístico. É um livro de impressões culturais da cidade, sobre o que me chamou a atenção por ir de encontro com a realidade com a qual estava acostumada no Brasil.

Morei a vida toda em Brasília, uma cidade onde é praticamente impossível se locomover a pé – pois os locais são totalmente espalhados – e as ruas não têm muitas pessoas. E depois fui viver em uma cidade onde as ruas são completamente cheias de vida, o oposto. Sevilha é uma cidade viva, movimentada, alegre. É uma cidade para ser caminhada.

Pode-se fazer praticamente tudo a pé na capital andaluza. No máximo, é necessário pegar ônibus, mas o sistema de transporte público é excelente e funciona incrivelmente bem. Por isso, mulheres quase não usam salto alto em Sevilha. Como grande parte delas caminha para festas e também volta a pé, são poucas as que se aventuram a colocar saltos altos nos pés. Quem usa salto geralmente está disposta a pagar táxi ou vai de carro. Levei dois saltos altos do Brasil para a Espanha e nunca os usei.

O mais legal é que, enquanto você caminha pelos paralelepípedos da cidade, assiste a um show de cores e estilos arquitetônicos. Passa por ruas tão estreitas, onde mal cabem cinco pessoas que caminham lado a lado. Passa por construções judaicas, árabes, renascentistas, góticas, barrocas. Passa por lugares lendários, que foram cenário de importantes acontecimentos históricos há centenas de anos (são inúmeras as lendas e mistérios acerca do centro da capital andaluza). Passa por praças floridas e perfumadas. Passa por charretes ocupadas por turistas empolgados. E o mais importante: passa por gente. Muita gente. Muita vida. Muita alegria. Por isso, aconselho a qualquer um: perca-se por Sevilha, peça informações a outras pessoas (que, assim como você, também podem estar perdidas) e não confie em mulheres de salto alto.

# Game of Thrones

Os fãs espanhóis do seriado *Game of Thrones*, exibido pelo canal de televisão HBO, ficaram em êxtase quando foi anunciado, no início de 2014, que a quinta temporada da série seria filmada em Sevilha. O cenário seria o belíssimo Real Alcázar, palácio mais antigo do mundo (começou a ser construído no século VIII) que ainda está em uso – toda vez que a família real espanhola visita a capital andaluza, fica hospedada lá. A animação foi ainda maior quando foi noticiado que cinco mil figurantes seriam contratados para as gravações na cidade.

Foram mais de 20 mil inscritos para as vagas de figurante e eu estava no meio. Enviei meu currículo com foto para o endereço eletrônico indicado para a realização das inscrições. À época, eu nunca havia visto a série, chamada na Espanha de *Juego de Tronos*, mas fui tomada pela empolgação dos fãs sevilhanos e comecei a assistir. Gostei demais e, em praticamente uma semana, vi todas as quatro temporadas que existiam até então. Infelizmente, não fui selecionada para figurar no seriado.

No início de outubro, as gravações começaram. Uma parte do Real Alcázar, localizado no centro histórico da cidade, foi fechada para o público. Mesmo assim, grandes grupos de pessoas se reu-

niam do lado de fora para tentar ver algo da filmagem pelas fres-tinhas. O palácio, no seriado, representaria o reino dos dorneses, comandado pela família Martell.

A primeira semana de gravações já deu o que falar graças ao ator dinamarquês Nikolaj Coster, que interpreta o personagem Jaime Lan-nister – conhecido como Regicida – na série. Quando Coster foi en-trar no palácio, o porteiro, que nunca havia assistido à série, não o reconheceu e o mandou para a fila da bilheteria, pensando que fosse um turista normal. O ator achou graça e dirigiu-se à fila principal, onde foi reconhecido por muitos fãs, mas fingiu não entender o que acontecia e não ser quem pensavam que fosse. Quando chegou sua vez na bilheteria, tirou dinheiro do bolso e pagou os 9 euros e 50 cen-tavos obrigatórios para os não residentes de Sevilha. O ocorrido foi noticiado pelos principais jornais da cidade, que acharam o episódio engraçado. Poucos dias depois, só o que os jovens comentavam na universidade é que Nikolaj Coster havia ido à Hoyo 19, uma boate bastante popular entre os intercambistas.

Em 2016, a HBO anunciou que tem a intenção de gravar a sétima temporada de *Game of Thrones* em outros espaços de Sevilha, como as históricas ruínas romanas de Itálica, localizadas no pueblo de San-tiponce. Itálica é uma antiga cidade romana, fundada em 206 a.C. – indícios arqueológicos indicam que o local já havia sido ocupado muito tempo antes por argários e gregos –, e foi a primeira fundada fora do território italiano. Os famosos imperadores de Roma Trajano e Adriano nasceram em Itálica, no século II.

Outro provável cenário também está localizado na comunida-de autônoma da Andaluzia, porém, na província de Córdoba: o Castillo de Almodóvar del Río, fortaleza de origem muçulmana levantada no século VIII.

Mas não só de séries vivem os espanhóis. A novela brasileira *Avenida Brasil* fazia o maior sucesso na Espanha. Ela foi exibida

na TV aberta espanhola no ano em que vivi no país e era transmitida todas as tardes, dublada em espanhol. Levei um susto quando liguei a TV para procurar um jogo da Copa do Mundo, que acontecia àquela época, e vi pela primeira vez a Carminha – protagonista da novela – gritando em espanhol.

Aliás, novelas brasileiras também são muito populares entre portugueses. Em agosto de 2014, enquanto almoçava em um restaurante na cidade de Faro, no sul de Portugal (a apenas três horas de ônibus de Sevilha), comecei a ouvir uma voz conhecida nas televisões do local. Até que reconheci: Nazaré Tedesco, uma das vilãs mais emblemáticas da televisão brasileira, famosa por empurrar inimigos do alto de escadas. As pessoas do restaurante estavam bastante entretidas com a novela *Senhora do Destino*, que passava no local. A música de abertura (*Encontros e despedidas*, da Maria Rita), extremamente pegajosa, ficou na minha cabeça por dias (“todos os dias é um vai-e-vem, a vida se repete na estação, tem gente que chega pra ficar, tem gente que vai pra nunca mais...”).

A audiência dos programas de TV na Espanha era ainda maior, pois, durante o tempo em que vivi no país, a Netflix não era permitida no território. Logo que cheguei em Sevilha, tentei acessá-la, ela reconheceu minha conta e enviou uma mensagem de desculpas dizendo que não era autorizada a funcionar em território espanhol. Algumas pessoas que conheço baixavam um aplicativo que fazia a Netflix acreditar que estavam nos Estados Unidos e, assim, conseguiam abri-lo ilegalmente. Felizmente, isso mudou. Quando estive de volta a Sevilha em julho de 2016, a rede de distribuição de filmes, séries, documentários e novelas já era autorizada, porém, ainda possuía poucos títulos se comparada ao Brasil.

Enfim, a moral desse texto todo é que a série *Game of Thrones* perdeu uma grande atriz ao não me escolher para ser figurante. Estou certa de que, caso fosse selecionada, brilharia em meio às câmeras e conquistaria grande audiência para o seriado.

# Tortuguita

Um colega de faculdade em Sevilha me perguntou, certa vez, qual moeda usamos no Brasil. Falei que era o real e ele se mostrou bem curioso, perguntou se eu tinha alguma nota de “*dinero brasileño*” para lhe mostrar. Eu tinha uns poucos reais soltos em casa e levei-os para a aula seguinte.

O menino achou o máximo o fato de termos animais no nosso dinheiro. Contei que eram animais bem representativos da fauna brasileira e que alguns deles, como o mico-leão-dourado e a onça-pintada, eram espécies ameaçadas de extinção. O interesse desse garoto espanhol nos animais das cédulas brasileiras me lembrou de um episódio que ocorreu logo que cheguei a Sevilha.

Fui com um grupo de alemães ao Metropol Parasol, um dos importantes pontos turísticos da cidade (com certeza, um dos meus preferidos), mais conhecido como Las Setas de Sevilla – “*seta*” em espanhol significa “cogumelo”, então, traduzindo-se para o português, o nome significa “os cogumelos de Sevilha” –, por causa do formato que lembra cogumelos. O ponto turístico, muito novo (começou a ser construído em 2005 e só foi finalizado em 2011), consiste na maior estrutura de madeira do mundo e contrasta bastante no centro da cidade, onde está

localizado. As construções do centro histórico são centenárias, por isso, o modernismo das Setas destoa.

O projeto do Metropol Parasol foi ganhador de um concurso aberto pela Prefeitura de Sevilha para revitalizar a Plaza de la Encarnación (praça onde está localizado). A estrutura foi idealizada pelo arquiteto alemão Jürgen Mayer, também responsável pelo projeto do Estádio Nacional de Pequim (conhecido como Ninho do Pássaro), que recebeu a abertura dos Jogos Olímpicos de 2008. A obra de madeira custou cem milhões de euros e, só no ano de inauguração (2011), recebeu mais de um milhão de visitantes. Em janeiro de 2013, o espaço Metropol Parasol foi um dos cinco finalistas, entre 335 projetos candidatos, do Prêmio de Arquitetura Contemporânea Mies van der Rohe, concedido de dois em dois anos pela União Europeia – o vencedor naquele ano foi uma construção chamada Harpa, na cidade de Reykjavik, na Dinamarca.

A estrutura das Setas é lindíssima e tem quatro andares. O andar subterrâneo contém o museu Antiquarium, onde há vestígios arqueológicos romanos e árabes em exibição. O térreo tem o mercado central – uma espécie de feira que vende frutas, legumes, verduras, carnes, peixes, temperos etc. – e alguns restaurantes. Os andares 2 e 3 são terraços panorâmicos com excelentes vistas da cidade. O Metropol tem 150 metros de comprimento por 70 de largura e uma altura aproximada de 26 metros. Arquitetos do mundo inteiro estudam e visitam a construção.

O último andar tem um restaurante e passarelas construídas sobre a estrutura, pelas quais os turistas podem caminhar e admirar a cidade. Quando o visitante compra a entrada para subir até as passarelas, ganha um vale drinque, que pode ser trocado por água, vinho, refrigerante ou *tinto de verano* (vinho tinto misturado com refrigerante de limão, muito comum no sul da Espanha). É uma delícia assistir ao pôr-do-sol de cima das Setas acompanhado de uma taça de vinho. O horário de funcionamento é de 10h às 23h, então pode-se subir até o mirante de dia e de noite.

O bilhete para subir custa três euros. Como eu havia acabado de chegar à cidade quando visitei a estrutura pela primeira vez, ainda tinha uns reais na carteira e não estava muito familiarizada com a moeda europeia. Por falta de atenção, dei à funcionária da bilheteria uma moeda de um euro e uma nota de dois reais, pensando que a nota fosse de dois euros (nem existe nota de dois euros).

A mulher pegou a nota sem entender o que estava acontecendo e falou: “Aaawn, mas o que é essa tartaruguinha?!”. Na hora, percebi a confusão que havia feito e comecei a me desculpar. Peguei dois euros de verdade e dei a ela enquanto me desculpava e dizia que havia me confundido. Mas ela se apegou à tartaruguinha e não quis devolver.

Ela achou a tartaruga da nota de dois reais a coisa mais fofa do mundo e chamou todos os outros funcionários do Metropol que estavam por perto: “Venham ver essa tartaruguinha mais linda!”. Todos se juntaram curiosos para ver o dinheiro que tinha o desenho de um animal.

Eu já estava muito sem graça, quando a mulher começou a barganhar: “Eu compro a tartaruga de você! Eu compro a tartaruga de você! Quanto vale?”. Arredondei e falei: “Olha... Um euro vale mais ou menos três reais”. E a funcionária me pediu para dar a ela, então, dois euros e três reais, o que equivaleria mais ou menos aos três euros da entrada.

Eu não acreditava no que estava acontecendo, mas fiz como ela pediu: além da nota com a “*tortuguita*”, dei a ela uma moeda de um real e mais uma de dois euros. Os alemães que estavam comigo contaram por dias a história da brasileira que pagou a entrada do Metropol Parasol em reais.



# Qualidade de vida

Ao longo dos anos, desenvolvi uma teoria sobre qualidade de vida, que se consolidou em 2011, quando viajei com minha família para a Chapada dos Veadeiros (GO). À época, eu sabia o que não era qualidade de vida para mim: entrar em águas geladas, no caso. Apenas três anos depois, quando me mudei para Sevilha, defini padrões próprios de o que significa viver com qualidade.

Nunca gostei de água fria. Já meu pai, fã de duchas geladas, acorda todos os dias às 5h para nadar nas piscinas frias do Complexo Aquático Cláudio Coutinho – mais conhecido como Defer –, em Brasília, antes de pedalar para o trabalho. Como as piscinas do complexo não são cobertas, ele precisa despir-se ao relento, enquanto o céu ainda está escuro e a temperatura não passa dos 16°C. Depois, conta orgulhoso sobre como chacoalha de frio quando fica de sunga e, mesmo com o queixo batendo, pula na água não aquecida. Para ele, isso é qualidade de vida.

Puxei minha mãe no quesito “preferência de temperatura aquática”. As únicas piscinas em que ela entra são as termas de Caldas Novas (GO). Banho de mar, só no Nordeste – do Rio de Janeiro para baixo, é muito frio. Para ela, qualidade de vida significa entrar em uma banheira de hidromassagem tão quente que seja capaz de abaixar a pressão e fazê-la desmaiar por alguns segundos.

Qualidade de vida é conceito relativo. Enquanto alguns curtem se aventurar por florestas, pescar, acampar e escalar montanhas, outros gostam mesmo é de passear no shopping, dormir em camas *king size* e assistir a um bom filme antes de dormir. O problema é que, muitas vezes, as pessoas têm dificuldade para entender isso. Costumamos achar que o que nos satisfaz também preencherá quem nos rodeia. Em julho de 2011, precisei me impor e dizer para o meu pai que a vida não funciona dessa maneira.

Eu, meus pais e minhas duas irmãs fizemos uma viagem em família para a Chapada dos Veadeiros, a cerca de 230km de Brasília. Ficamos hospedados em uma pousada em Alto Paraíso de Goiás (GO) e decidimos conhecer as belas cachoeiras da região. Eu amava as trilhas que nos conduziam até as cascatas, afinal, gosto de curtir uma natureza selvagem de vez em quando. Porém, quando chegávamos às cachoeiras, sentia um incômodo profundo ao ter de entrar na água. Todos que estavam ali me faziam acreditar que minha obrigação, após tantos minutos de caminhada, era dar um mergulho no manancial. Meu pai me dizia: “Filha, entra na água! É qualidade de vida! Você não sabe o que está perdendo”. Por isso, eu mergulhava. Acreditava que me arrependeria se não o fizesse. E sofria.

Costumo dividir em quatro passos o ato de se entrar em uma cachoeira:

1. Você coloca o pé na água e o corpo inteiro se arrepia. A temperatura é tão fria que te faz sentir dor (uma dor real e verdadeira no meu caso);

2. Você começa a caminhar dentro da água e as pedrinhas do fundo vão machucando os pés. Além disso, as pedras são cobertas por lodo e musgo, o que te faz escorregar e bater o cóccix. É praticamente impossível entrar em uma cachoeira sem levar um tombo e danificar o cóccix;

3. Depois de um tempo, a água gelada anestesia o corpo e você para de senti-lo. Não sente mais os membros, pois estão congelados;

4. Você finalmente sai do mergulho tremendo de frio, pálido, com a boca roxa, desesperado por uma toalha e pelo calor do sol.

Depois de passar por esse processo doloroso inúmeras vezes, entendi que não precisava disso. Que isso não me preenchia, não me satisfazia da forma como satisfazia outras pessoas. E estava tudo bem. Eu não precisava ficar com a consciência pesada. Podia ficar seca na minha pedra ensolarada, que não desperdiçaria minha vida como me diziam que aconteceria caso não mergulhasse.

Até que fomos à Cachoeira de São Bento e decidi assumir as rédeas da minha vida. Meu pai e minhas irmãs começaram a me pressionar para dar um “tchibum” e eu simplesmente falei: “Gente, é o seguinte... O que é qualidade de vida para vocês não é para mim. Vou ficar aqui, quentinha, tomando um solzinho gostoso, enquanto vocês passam frio”.

O mais engraçado foi ver minha irmã mais nova – que, antes de mergulhar, não poupou piadas sobre o fato de eu não gostar de água gelada – sair da cachoeira quase chorando de frio. Aproveitei para dizer “eu avisei”, e ela passou o dia mal-humorada por causa do quase-congelamento.

Apesar de ter me imposto e deixado claro que banhos gelados de cachoeira não me faziam feliz, apenas encontrei a verdadeira qualidade de vida ao me mudar para a Espanha, em 2014. Eu arriscaria dizer que, se você nunca foi à Espanha, ainda não sabe o que significa viver bem.

Soneca depois do almoço, não trabalhar nos fins de semana, não trabalhar de madrugada – se você não for chinês ou árabe, porque estes não param de trabalhar nunca (como não sou ne-

nhum dos dois, estou enquadrada no grupo dos que disfrutam do descanso espanhol) –, são apenas algumas das provas de como os espanhóis priorizam a qualidade de vida ao lucro.

Eu sempre havia ouvido falar da siesta espanhola. Esse hábito cultural dos espanhóis de se tirar um cochilo depois do almoço não era novidade. Mas presenciar isso ao vivo foi uma experiência um tanto quanto estranha, ou engraçada, ou incrível, difícil descrever. Depois do almoço, o mundo simplesmente para em Sevilha. A maior parte das lojas, mercados, escritórios, oficinas e estabelecimentos em geral fecha e as ruas ficam vazias.

No Brasil, principalmente para quem trabalha o dia todo ou estuda e trabalha, é comum deixar para resolver problemas (pagar contas, ir ao banco, ir ao mercado, etc.) na hora do almoço. Na Espanha, isso não acontece, pois o mundo não funciona neste horário. Na faculdade, as aulas do período vespertino começam às 15h30 por causa da *siesta*. Os alunos podem tirar um sonecão depois do almoço, pois as aulas matutinas terminam ao meio-dia.

Quando minha irmã do meio, Amanda, foi me visitar em julho de 2014, ela acreditava que a *siesta* fosse praticamente eterna. Tivemos o seguinte diálogo um dia, enquanto eu a apressava para sairmos de casa, porque precisávamos imprimir alguns documentos:

– Mandioca, vamos logo! Se não, a copiadora já vai estar fechada quando chegarmos lá!

– Por quê?

– Por quê, o quê?

– Por que a copiadora já vai estar fechada?

– Porque já são 18h40!

– Ué, mas esse não é o horário que eles abrem depois do almoço?!

Queria eu que a *siesta* fosse boa desse jeito. Mesmo assim, ver a cidade completamente parada até umas 16h causa enorme estra-

nhamento para os brasileiros. Não é só no horário do almoço que os estabelecimentos fecham. Encontrar serviços 24 horas é algo raríssimo. Por exemplo, na cidade inteira, durante o ano em que vivi em Sevilha, só conheci uma vendinha aberta 24 horas por dia. Todos os outros mercados fecham.

As farmácias fazem um revezamento na região em que estão localizadas para que, a cada dia, uma fique aberta. Todas as farmácias têm na frente uma placa de luz *led* verde em formato de cruz. No dia em que determinada farmácia funciona 24 horas, aparece escrito “24 horas” em luz vermelha na placa. Descobri este esquema quando fui a uma farmácia, perguntei se ela estaria aberta mais tarde e o funcionário respondeu: “Hoje não é nosso dia. Porém, alguma farmácia da avenida estará aberta. Basta olhar as plaquinhas”.

Mas eu sentia falta mesmo era de lanchonetes 24 horas quando saía de festas no meio da madrugada e tudo o que eu queria era comer um *dogão* na rua ou qualquer outra coisa que matasse minha fome antes de dormir. Se alguém quiser ganhar uma grana boa, sugiro abrir um quiosque de cachorro-quente em Sevilha. Eu e meus amigos brasileiros que viviam na cidade acreditamos que o negócio faria grande sucesso.

Em Brasília, quando bate aquela larica de madrugada depois da balada, é muito comum ir comer uma pizza na Molho de Tomate, um sushi no Hajimê, passar no drive-thru do McDonald’s, no Subway, no Quiznos, ou em qualquer um desses locais que ficam abertos 24 horas por dia.

Em Sevilha, tudo fecha cedo, menos os lugares de comida árabe. O McDonald’s fecha à meia noite e os outros restaurantes também não ficam abertos de madrugada. Então, se você sai de alguma festa com fome, o esquema é ir comer um kebab – os tipos mais famosos na Andaluzia são *donner* e *durum* (ambos recheados de carne ou frango assados em espeto vertical, a diferença

está no pão utilizado) ou falafel (opção vegetariana, consiste em bolinhos fritos de grão-de-bico moído com condimentos, como cebolinha, alho e coentro). Jovens lotam os kebabs de madrugada. Os árabes arrasam na capital andaluza.

Outra opção para quem fica com fome depois da meia noite são estabelecimentos próprios de maquininhas de comida – máquinas de venda automática nas quais você coloca dinheiro e pega chocolate, água, balinha, coisas do tipo. Em Sevilha, existem espaços cheios dessas maquininhas abertos 24 horas por dia, então, a outra opção para quem não está no clima de comer kebab é comprar um lanche nestes locais. Tem máquina de tudo, desde sanduíches, jujubas, cachorros-quentes e chicletes, até produtos eróticos de sex shop.

Para garantir, é bom ter a casa sempre abastecida com alimentos, pois, além de evitar o desespero da madrugada sem lugares para comer, também evita o desespero dos fins de semana, quando tudo também fecha.

Nos sábados, a maior parte das lojas e estabelecimentos fica aberta até umas duas da tarde, mas, nos domingos, nada abre (apenas bares e pontos turísticos). As ruas ficam lotadas sábados e domingos o dia inteiro. As pessoas adoram passear pelas ruas na cidade. Mas não se encontra nada aberto. Quando via as avenidas de compras repletas de turistas e todas as lojas fechadas, minha mente capitalista pensava no quanto venderiam se abrissem. Durante a semana, a maioria dos estabelecimentos só abre às 9h.

Como se não bastasse a *siesta*, nada funcionar antes das 9h da manhã e nada abrir aos domingos, os espanhóis continuam se superando na arte de priorizar qualidade de vida ao lucro: quando um feriado cai no domingo, eles o transferem para a segunda-feira. Por exemplo, quando eu vivia em Sevilha, o Dia de Finados caiu num domingo. Então, o feriado foi passado para o dia seguin-

te e não tive aulas na faculdade em 3 de novembro de 2014. No domingo 12 de outubro, foram realizadas as Fiestas del Pilar (um feriado religioso na Espanha, no qual se celebra a Virgen del Pilar) e as atividades da segunda-feira também foram todas canceladas.

Ou seja, para quem aprecia dormir tanto quanto eu, Sevilha é um oásis que permite dormir até mais tarde, tirar um cochilo na hora do almoço, ficar quietinho nos fins de semana e onde feriados de domingo não são desperdiçados. Isso é qualidade de vida para mim.

# Horários

Quando eu vivia em Sevilha, em 2014, o McDonald's lançou uma propaganda que fez muito sucesso, cuja frase de efeito era: *“En Españã, volver antes de las 3 no es salir. Es ir a cenar”* (em português: “Na Espanha, voltar antes das 3 não é sair. É ir jantar”). Isso porque os espanhóis têm o hábito de comer muito tarde e ter uma vida noturna bem ativa. Como eles têm a siesta após o almoço, estão cheios de energia à noite. Ou então, a siesta existe justamente por causa das noites agitadas. Quem veio primeiro? O ovo ou a galinha?

O fato é que os horários de refeição na Espanha são bem tarde em comparação com grande parte dos outros países. O almoço começa por volta das 14h e vai até às 16h facilmente. Mas o jantar... Esse sim é tarde. Ninguém janta antes das 21h e quem janta às 21h janta cedo. Pessoas “normais” só têm a última refeição do dia depois das 22h. Um dia, combinei de sair com um sevilhano chamado Guille Santos e ele me disse para encontrá-lo depois do jantar. Quando perguntei que horas seria “depois do jantar”, ele falou: “Umas 23h30, meia noite...”.

Quando Tio Claudio foi me visitar em outubro de 2014, ficou impressionado, porque um dia saímos para jantar às 20h e os res-



taurantes ainda estavam fechados. Só começaram a abrir a partir das 20h30 para “turistas que comem cedo”. Entramos no meu restaurante de tapas preferido – *Al Aljibe*, localizado na Alameda de Hércules, bairro boêmio da cidade – às 20h30, porque estávamos esperando na porta havia meia hora, mas éramos os únicos lá. Uma hora depois, o local começou a encher. O auge foi às 23h, quando havia até lista de espera para entrar.

Um dos fatores que influenciam esse horário mais tardio é a hora que o sol se põe. A Espanha escurece mais tarde que o Brasil (tanto no inverno, quanto no verão), então, a noite para os espanhóis só começa a partir das 21h. Por isso, quando informam os horários em Sevilha, dizem “oito da tarde” ou “nove da tarde”. Achavam muito estranho quando eu dizia “oito da noite”, porque às oito, para eles, ainda não é noite.

No verão, época em que os países de clima temperado têm mais horas de luz, o sol se põe por volta das 23h em Sevilha. No inverno, época de menos luz, se põe por volta das 19h. No resto do ano, o pôr-do-sol acontece por volta das 21h.

Um dia, chamei um técnico para consertar minha máquina de lavar e ele me perguntou o horário no qual eu estaria em casa. Respondi que estaria no apartamento à tarde, considerando a tarde do Brasil, que termina por volta das 18h, mas o técnico apareceu às 20h30.

Devo ressaltar que o horário da Espanha não segue o que é estabelecido por Greenwich, de acordo com o posicionamento terrestre. Teoricamente, o horário deveria ser o mesmo de Portugal, mas os espanhóis estão uma hora à frente, o que dá a eles uma hora a mais de luz. Essa inconsistência remonta à ditadura de Franco, que acreditava que, no contexto da Segunda Guerra Mundial, seria conveniente que o horário nacional fosse o mesmo de países com ideias políticas similares.

Dessa forma, em 1942, a Espanha abandonou o fuso horário compartilhado com Portugal e Reino Unido para se alinhar à Alemanha nazista de Hitler e à Itália fascista de Mussolini (e aos países europeus aliados e/ou ocupados por estes). Foi uma das maneiras que Francisco Franco encontrou de mostrar simpatia pela Alemanha nazista. Outro argumento utilizado para essa mudança no relógio espanhol foi o de que queriam dar ao país mais horas de sol, tanto que, depois disso, alguns passaram a se referir à Espanha como *“el país del sol”*.

Por isso, os espanhóis se identificaram tanto com a propaganda do McDonald's. Enquanto em outros países festas acabam às 3h, na Espanha elas começam neste horário, pois o jantar termina de madrugada – e os festeiros ainda gostam de fazer um esquentado antes das baladas. Para realmente aproveitar uma festa espanhola, é necessário estar disposto a voltar para casa com os pássaros cantando. Se não, sinto muito, você só saiu para jantar.

## Cidade musical

Sevilha tem, claramente, vocação para a música. Vou começar com um exemplo sólido incontestável: a dupla de cantores que criou a música Macarena, conhecida mundialmente (“*dale a tu cuerpo alegría, Macarena, que tu cuerpo es pa darle alegría y cosas buenas, dale a tu cuerpo alegría, Macarena, eee-ee Macarena*” – cante e dance enquanto lê), é sevilhana. São os Los Del Río e eles também são os criadores da música Sevilla tiene un color especial, uma espécie de hino da cidade, conhecida e cantada em toda a Espanha.

Se tem uma cidade que gosta de música, é Sevilha. A capital andaluza é repleta de músicos de rua. Em todo lugar, a qualquer hora do dia, inclusive de madrugada, há algum cantor, violeiro, violinista, percussionista, baterista ou trompetista que alegra os ouvidos dos passantes. Acho maravilhoso caminhar com trilha sonora. E claro, não posso esquecer de citar os dançarinos espalhados pelas ruas, dia e noite, empenhados em dar espetáculos de flamenco e *street dance*.

Patinadores também gostam de fazer shows no centro da cidade. Colocam caixas de som em praças com bancos, muretas e degraus e espalham cones de plástico pelo chão, enquanto dançam

sobre patins e fazem manobras radicais. Estes grupos de patinadores também dão aulas para quem quer aprender a patinar. Então, é bastante comum ver pessoas aprenderem a andar de patins na avenida principal da capital andaluza e se aventurarem nas primeiras manobras, que, na maioria das vezes, resultam em tombos.

Além de músicos, dançarinos e patinadores, outra categoria de artistas nunca falta nas ruas da cidade: os homens-estátua. Os homens-estátua de Sevilha têm muita concorrência e, por isso, buscam um diferencial. Já era o tempo em que, para ser um bom homem-estátua, bastava se pintar todo e ficar imóvel o dia inteiro. As estátuas sevilhanas se equilibram por horas e horas em um pé só, plantam bananeira, fazem flexão, ficam com os braços levantados. É um nível de dificuldade *expert*. Difícil a vida de homem-estátua em Sevilha.

Alguns desistiram de ser apenas homens-estátua e passaram a dar sustos nos pedestres, fazer teatros de fantoche, contar piadas, tocar três instrumentos ao mesmo tempo. O fato é que sempre há novidades, pois os artistas de rua sevilhanos não se cansam de inovar.

Toda essa arte nas ruas se soma à beleza das laranjeiras da cidade, que mudam de cor a cada estação. Praticamente todas as árvores de Sevilha são laranjeiras. Cheguei na cidade no início do ano, justamente na época em que elas dão frutos, então as calçadas estavam repletas de laranjas espalhadas pelo chão e as árvores carregadas de frutas maduras.

Quando ainda não sabia que frutas alaranjadas eram aquelas que coloriam a cidade, analisei cuidadosamente algumas amstras caídas no chão e poderia jurar que fossem tangerinas. Mas, não, são laranjas mesmo. Algo que demorei bastante a entender foi o motivo de as pessoas não comerem as frutas que brotavam em abundância na cidade. “Se isso acontecesse no Brasil, as pessoas levariam sacos plásticos para catar laranjas e levá-las para casa.

Todos as comeriam. Por que aqui não comem?”, pensava. Depois de alguns meses, descobri que elas não são próprias de comer. São extremamente azedas. As frutas são todas recolhidas pela prefeitura e utilizadas na confecção de geleias e de um vinho doce de laranja típico de Sevilha.

Quando mamãe e Vovó Irene foram me visitar em abril de 2014, durante a Semana Santa, ficaram encantadas com as laranjas da cidade. Um dia, passeávamos por um dos meus parques favoritos, chamado Parque de los Príncipes, quando vovó falou: “Que vontade de chupar uma dessas laranjas! Vou pegar uma pra mim!”. Logo contestei: “Não pode, vó! Me disseram que elas não são comestíveis!”. A matriarca não me deu atenção, pegou uma laranja pequena bem bonitinha, abriu-a com os dedos e a colocou na boca. A avaliação foi imediata: “Uuuui, limão sente inveja!”. Até Vovó Irene, que adora frutas azedas, não conseguiu lidar com a laranja de Sevilha.

Minhas visitantes pegaram a safra final de laranjas, porque em maio, logo depois da visita delas, a primavera chegou e a cidade mudou de cor. As árvores repletas de laranjas pararam de dar frutos e as flores rosadas brotaram. Sevilha mudou de laranja para rosa. As duas fases são igualmente encantadoras para mim.

Mas aposto que, mesmo depois de ter lido sobre patinadores, dançarinos e laranjas das quais limões sentem inveja, o que ainda está na sua cabeça é a contagiosa e dançante canção *Macarena*. Impossível não dizer que Sevilha é maravilhosa depois de saber que o “*eeee Macarena*” foi originado nesta cidade.

## Lágrimas santas

Todas as Nossas Senhoras choram em Sevilha. Escorrem duas lágrimas do olho direito e três lágrimas do olho esquerdo em todas as imagens das santas. No início, eu pensava que fosse marca registrada da Virgen de la Macarena (padroeira da cidade) e que apenas ela chorasse. Depois, comecei a ver que várias Nossas Senhoras choram.

Certo dia, um amigo sevilhano, Guille Santos, levou-me a um museu e perguntei a ele por que em todas as imagens da mãe de Jesus ela chorava. Guille contou-me que a única Virgem que não tem lágrimas é a Nuestra Señora de la Resurrección, porque Jesus ressuscitou e ela não tem mais motivos para chorar.

Sevilha é extremamente católica. Há igrejas em praticamente todas as ruas da cidade – às vezes, mais de uma por rua. Quando vivi no bairro de Triana, no primeiro semestre, havia uma paróquia no fim da minha rua. No segundo semestre, havia duas igrejas na avenida que dava para o meu beco (vivi em um beco lindo e charmoso do bairro de Santa Cruz). Não importa em que ponto da capital andaluza você esteja, é sempre possível chegar a uma igreja com apenas cinco minutos de caminhada.

Eu adorava o fato de praticamente todos os sevilhanos serem devotos da Virgen de la Macarena. Sempre que pensava nisso, começava a cantar e dançar mentalmente a famosa música que leva o mesmo nome da santa – composta e interpretada, inclusive, pela dupla sevilhana Los Del Río (porém, na música o nome refere-se a uma mulher normal e não à padroeira da capital andaluza). Essa Virgem é venerada na Basílica de la Macarena, localizada no centro de Sevilha, no bairro San Gil. A basílica fica na frente da Puerta de la Macarena (também conhecida como Arco de la Macarena), passagem que dá para o tradicional bairro da Macarena.

Antigamente, Sevilha era toda cercada por uma extensa muralha, que protegia a cidade de invasores, e a Puerta de la Macarena era uma das portas desta muralha para entrar na capital andaluza. Existiram dezoito portas de acesso à cidade ao longo da história. Em 1868, os muros militares foram derrubados (restaram apenas alguns trechos no bairro da Macarena e no Real Alcázar) e, hoje em dia, só existem quatro das antigas portas de acesso: além do Arco de la Macarena, há também uma das entradas do Real Alcázar, a Puerta de Córdoba e o Postigo del Aceite.

Tudo o que ficava dentro das muralhas no passado corresponde hoje ao centro histórico de Sevilha. A cidade se expandiu bastante e os bairros que estão fora do que delimitava os muros são mais novos, estão fora da zona histórica. Contudo, apesar de serem mais novos, são mais baratos. A zona antiga, do centro, é a mais cara para se viver (e a mais encantadora).

A Basílica de la Macarena é extremamente visitada, não só por sevilhanos, mas por pessoas do mundo inteiro devotas da santa – apesar de eu nunca ter ouvido falar nela antes de ir a Sevilha. A imagem tem no peito uma espécie de broche em formato de flor, cujas pétalas são cinco esmeraldas, presenteadas pelo toureiro sevilhano de origem cigana Joselito el Gallo, célebre matador de touros na década de 1910.

Como vou à missa todos os domingos desde que nasci, fiz outras observações nas paróquias sevilhanas. Este ponto, por exemplo, não se restringe a Sevilha (aconteceu em todas as minhas viagens para o exterior): o Brasil é o único país que conheço que tem folhetos nas missas de domingo. Na Espanha, sentia falta do folheto, pois, muitas vezes, distraía-me, perdia alguma leitura ou queria ler o evangelho novamente para refletir melhor e, sem o papel para acompanhar, ficava complicado.

Também senti falta de músicas nas missas. Não costuma haver instrumentinho algum (órgão, violão, cantoria, nada). Por isso, elas são bem mais curtas. Enquanto no Brasil missas de domingo duram cerca de uma hora, na Andaluzia, duravam em torno de 40 minutos. A falta de canções, porém, é totalmente compensada pelo nome da padroeira da cidade, que, paradoxalmente, traz muito mais musicalidade e gingado do que qualquer banda de igreja. Aposto que os fiéis sentem grande vontade de se remexer só de pensar em “Virgen de la Macarena”.



## Semana santa

A Semana Santa de Sevilha é surreal. É classificada como a melhor Semana Santa da Espanha e, segundo os sevilhanos, muito orgulhosos das tradições da cidade, é a melhor do mundo. Enquanto em outros países, inclusive no Brasil, a Semana Santa representa apenas mais um feriado como todos os outros e uma oportunidade de viajar, descansar e farrear, em Sevilha, a cidade inteira espera e se prepara ansiosamente para viver as procissões, os passos e as tradições católicas.

No Brasil, escolas de samba se preparam o ano inteiro para o Carnaval. Ensaiam coreografias, compõem músicas, confeccionam fantasias, constroem estruturas para os desfiles, ensaiam baterias etc. Em Sevilha, todas as igrejas se preparam o ano inteiro para a Semana Santa. Ensaiam coreografias, compõem músicas, confeccionam fantasias, constroem estruturas para os desfiles, ensaiam baterias etc.

Cada igreja faz, durante a semana, o que chamam de “*pasos*”. Homens carregam nos ombros imagens gigantescas e muito pesadas que representam a Paixão de Cristo. Não são imagens individuais, como apenas uma imagem de Jesus, por exemplo, ou apenas uma de Maria. É como se fosse um palco, todo de ouro,

com imagens em cima que contam histórias relacionadas à morte e ressurreição de Jesus. Estes pasos de Semana Santa foram originados antigamente, quando grande parte da população era analfabeta e não podia ler a Bíblia, para que as pessoas pudessem ter acesso à mensagem evangélica.

Atrás dos vários homens reunidos para carregar nos ombros estas imagens, seguem corais que cantam músicas lindas, bandas que tocam marchinhas, orquestras compostas por pessoas de todos os tamanhos e todas as idades e, atrás deles, vão os nazarenos – pessoas mascaradas, que vestem roupas de carrasco. Muita gente compõe um *paso*, centenas e centenas de pessoas fazem parte do desfile, seja como nazareno, seja como trompetista ou percussionista. E outras milhares de pessoas se reúnem para ver estas procissões. As ruas fecham e é impossível pegar ônibus, táxi, ou qualquer tipo de transporte.

Algumas procissões param em frente a edifícios e fazem alguns minutos de silêncio – as bandas param de tocar – para que moradores nas varandas (que se sintam à vontade) possam entoar cânticos de louvor a Jesus ou Nossa Senhora. A maioria das canções entoadas com fervor por pessoas nas varandas são composições próprias e têm muita influência do flamenco e da música cigana.

A cidade para. Tudo para. Na sexta-feira que antecedeu a Semana Santa, cheguei na universidade e ela estava deserta. Não havia alunos nem funcionários. Todos os professores cancelaram as aulas. No calendário escolar, o feriado é apenas durante a semana da Paixão, mas, na prática, na sexta-feira anterior tudo já para.

Quando vi que não teria nenhuma das aulas de sexta, decidi passar no mercado. Nenhum dos mercados estava aberto. Descubri o motivo: estava acontecendo uma procissão perto da catedral e a cidade inteira havia ido ver. Durante a Semana Santa, pasos acontecem por toda a cidade. As ruas ficam tomadas por

procissões lindíssimas. Por isso, muitas ruas estavam totalmente bloqueadas. As lojas fecham e todos vão para as ruas celebrar e viver a semana mais importante do ano para o catolicismo.

As imagens carregadas nas procissões são obras de arte. Lindas, sutilmente trabalhadas, feitas com capricho e dedicação sem tamanho. Algumas das igrejas expõe estas imagens que são utilizadas nos *pasos* e pessoas formam filas para visitarem a exposição.

Uma semana antes da Páscoa, a capital andaluza começa a lotar. Nunca vi uma cidade tão cheia de gente na minha vida como Sevilha na Semana Santa. É coisa de louco. A cidade inteira, em qualquer lugar, fica lotada. Sabe quando você vai para um show maneiro de rock e é impossível andar lá dentro, é um empurra-empurra e você tem medo de ser pisoteado? Sevilha fica desse jeito. Devia haver 15 pessoas por metro quadrado em todos os pontos da capital andaluza. Os hotéis, albergues, pousadas, restaurantes e lojas de souvenirs adoram, afinal, tanta gente assim na cidade significa muitos clientes para movimentarem o comércio.

Locomover-se era um grande desafio. Eu não sabia de onde surgia tanta gente. Era um fluxo tão grande, que parecia que inúmeros barcos aportavam ininterruptamente na cidade para deixar milhares de pessoas. Gente do mundo inteiro vai para lá viver sua fé e apreciar as lindas e típicas procissões da cidade. E não precisa ser católico para apreciar os *pasos*. É lindo de ver independentemente da religião.

Existe um aplicativo de celular para a Semana Santa de Sevilha, no qual as pessoas podem ver rotas e horários dos *pasos*, história da celebração, principais igrejas da cidade, curiosidades, acompanhar em tempo real as procissões etc. As rádios também acompanham ao vivo as procissões, cobertura completa, 24 horas por dia – algumas igrejas realizam os *pasos* de madrugada.

Inúmeros edifícios, tanto institucionais quanto residenciais ou comerciais, colocam panos e bandeiras vermelhas nas janelas. Da mesma forma que cidades se decoram para o Natal, Sevilha se decora toda de vermelho para a Semana Santa. A população vive a semana inteira em função das celebrações.

Viver e acompanhar a Semana Santa em Sevilha foi uma experiência cultural extremamente enriquecedora. Contudo, foi desesperadora para alguns habitantes, como uma garota austríaca que conheci chamada Teresa, amiga de Hanna Schwindling (alemã que morava comigo). Uma semana antes do feriado, Teresa foi ao mercado comprar suprimentos para sobreviver à Semana Santa inteira sem sair de casa. A ideia de ter a cidade lotada, tomada por procissões, marchinhas, cantorias e vias-sacras não agradava a austríaca.

De qualquer forma, tanto para os amantes das celebrações, quanto para os preferem se refugiar em casa por uma semana, a ressurreição de Jesus é extremamente esperada por todos. Os cristãos esperam a alegria da ressurreição por ser o dia mais importante do ano para o catolicismo (afinal, se Jesus não tivesse ressuscitado, as profecias não teriam se cumprido), e os não-adeptos de eventos religiosos esperam ansiosamente pelo dia da Páscoa para que a Semana Santa acabe logo e a cidade volte ao normal.

# Cruzcampo

Quando minha avó materna, Irene, e minha mãe, Adriana, foram me visitar durante o feriado de Semana Santa, em abril de 2014, vovó odiou a água de Sevilha. Eu nunca senti diferença de sabor entre a água brasileira e a água espanhola, mas a matriarca da família, com 71 anos à época, sentiu intensamente.

Logo no primeiro dia da visita, fomos almoçar em um restaurante chamado *The Room Art Cuisine*, no centro da cidade e, quando o garçom perguntou o que gostaríamos de beber, vovó nos surpreendeu ao pedir: “*Una cervezita, favor*” (leia essa frase com um sotaque mineiro nos “r”s de cervezita e favor).

Vovó Irene é mineirinha, nascida em Carmo do Paranaíba e criada em Patos de Minas, e, apesar de ter vindo para Brasília na década de 1960 trabalhar como professora, o sotaque da terra natal se mantém até hoje. Então, o espanhol dela era carregado de traços de Minas Gerais, o que fazia com que ela puxasse o “r” das palavras – como fazem pessoas do interior de alguns estados brasileiros –, com que não dissesse o “por” de “por favor” e com que, toda vez que os garçons nos levavam um cestinha de pães de tira-gosto – os restaurantes sempre dão pão e biscoitos de água e sal para os clientes beliscarem antes de os pratos ficarem prontos

–, ela perguntasse: “Num tem uma manteguita, não?” (“manteiga” em espanhol é *mantequilla*).

O desejo de vovó por uma cervejinha foi surpreendente, pois, até então, ela dizia não gostar da bebida. Eu nunca a havia visto tomar cerveja, muito menos fazer essa opção em restaurantes. Na hora, pensei que o espírito do meu falecido avô Osvaldo – esse, sim, fã de cervejas – tivesse baixado na viúva com quem fora casado por mais de 40 anos. Um dos maiores prazeres da vida de vovô era a cervejinha diária. O espírito dele devia ter entrado na vovó. Só podia ser.

A questão é que, independentemente de qualquer fenômeno sobrenatural que possa ter acontecido, naquele momento, vovó foi apresentada à Cruzcampo e uma linda história de amor começou a ser construída. Foi paixão ao primeiro gole. Depois deste primeiro copo, era Cruzcampo de manhã, de tarde e de noite, todos os dias. Inclusive, antes de voltar para o Brasil, ela falou em trazer um engradado para casa.

Cruzcampo é a cerveja típica de Sevilha, marca criada na cidade em 1904, e os sevilhanos são muito orgulhosos dela. Ai de você se mora na capital andaluza e não toma Cruzcampo! É considerado uma afronta ao espírito boêmio andaluz ser de Sevilha e não gostar desta cerveja. Como costumam dizer por lá: “*¡Hombre! ¡Si estás en Sevilla, tomas Cruzcampo!*”.

Em 1991, a marca foi adquirida pela Guinness e, em 2000, pela Heineken. A Heineken España, produtora da Cruzcampo, tem fábricas em apenas quatro cidades: Sevilha, Jaén, Madri e Valencia. A fábrica de Sevilha está localizada em um bairro central da cidade, em uma avenida que leva o nome da marca (Avenida de la Cruzcampo).

Além de ser considerada saborosa – não gosto muito de cerveja, então não tenho conhecimento para opinar –, a cerveja sevilha-

na é mais barata que água, literalmente: uma garrafa de 1,5L custa menos de um euro, enquanto uma garrafa de água vale um euro e pouco. E o mais legal é que, por um euro e pouco, também é possível comprar uma garrafa de vinho bom. Por isso, em Sevilha, o que as pessoas mais bebem é vinho e cerveja.

A oferta de vinhos nos mercados é gigantesca e eles são ótimos e baratos. Eu comprava bons vinhos por apenas dois euros (menos de dez reais). Quando os jovens fazem festas, esquentas, ou se reúnem para bater papo e conversar, vinhos não podem faltar.

Outra bebida extremamente típica na Andaluzia é o *tinto de verano*. É vinho tinto com refrigerante de limão (ou refrigerante de laranja, mas é bem mais comum de limão). As pessoas vão a bares e geralmente pedem cerveja ou tinto de verano. O valor é praticamente o mesmo e é uma bebida tão tomada quanto cerveja. Nos bares, há copos, jarras, garrafas, litrões tanto de cerveja quanto de tinto de verano. Às vezes, os turistas se assustam quando passam na frente de um bar e veem pessoas tomando jarras enormes com vinho dentro – como foi o meu caso quando cheguei na cidade –, mas, na verdade, este vinho está misturado com refrigerante.

O consumo de vodca é muito menor na Espanha do que no Brasil. Por exemplo, nunca encontrei Smirnoff Ice em Sevilha – e eu procurava bastante, porque adoro aquela bebidinha de limão. Porém, há uma vodca muito popular na Andaluzia chamada vodca caramelo. Ela é tomada em shots, naquele copinho de tequila. É muito doce e tem gosto de caramelo. Para quem gosta de bebidas doces, é uma delícia, mas é preciso tomar cuidado, porque bebidas assim são fáceis de serem tomadas em excesso, que nem suquinho, sem nos darmos conta. Além disso, doses de bebidas costumam custar apenas um euro em bares – não só de vodca caramelo, mas também de tequila, rum, gim, vodca pura, uísque. Esses *shots* de bebida são chamados de *chupitos* na Espanha.

Conclui-se que é bem fácil embriagar-se em Sevilha: cerveja, vinho e *chupitos* extremamente baratos. Com cinco euros, por exemplo, você toma cinco doses de bebidas com forte teor alcoólico, enquanto, no Brasil, com esse valor, só seria possível tomar uma dose de tequila (no máximo, duas). Como se não bastasse, quando você paga para entrar em festas – cerca de dez euros geralmente, o que também é mais barato que grande parte das festas brasileiras –, costuma ganhar vale-drinques.

Apesar de todos os prós para os adeptos de álcool, também há contras. Bebidas alcoólicas só podem ser vendidas em mercados até às 22h. Alguns estabelecimentos se recusam a vender após às 21h30. Para beber após esse horário, apenas em bares ou conhecendo algum mercadinho que burle a lei. E bebidas brasileiras, por serem importadas, são caríssimas. Uma vez, quando quis fazer caipirinhas, fui atrás de cachaça. Encontrei garrafas da marca 51 no mercado, mas cada uma custava cerca de 30 euros.

Beber no meio da rua também é proibido por lei. Isso é chamado de *botellón* (*botella* é garrafa em espanhol, então em português seria “garrafão”) e só há um lugar em Sevilha onde esses *botellones* são permitidos: a Alameda de Hércules, bairro boêmio da cidade, famoso por ser repleto de bares, restaurantes e boates. Não é permitido caminhar pela cidade enquanto se toma uma lata de cerveja. Se um policial encontra alguém com uma garrafa de vinho aberta sentado na calçada, aplica uma multa que pode chegar a 30 euros. Contudo, quase ninguém respeita essa lei e muita gente leva suas garrafas para beber na beira do rio, por exemplo. Mas, teoricamente, fazer *botellón* em lugares públicos que não sejam a Alameda de Hércules é ilegal.

No meio do intercâmbio, conheci uma variação deliciosa de cerveja, chamada “radler”, muito popular na Espanha: é cerveja misturada com suco de limão. Como não gosto muito do sabor de cevada das cervejas “normais”, a radler tornou-se uma ótima opção para eu pedir em bares enquanto socializava com amigos,



pois o suco de limão tirava o gosto forte de cevada. Eu adorava a “radler” e, sempre que ia pedir, parecia uma russa pronunciando os “r”s do início e do fim da palavra (“Rrrradlerrrr”).

A Kaiser trouxe essa variação para o Brasil em 2015, mas não vingou – até porque a da Kaiser não é tão gostosa quanto a da Cruzcampo, da Amstel e da San Miguel. A radler, o *tinto de verano* e a vodca caramelo são algumas das maiores saudades que guardo de Sevilha.

Em julho de 2016, voltei à capital andaluza para passar 15 dias. Certa noite, fui com um grupo de amigos a uma boate na Alameda de Hércules e pedi uma radler. Na hora, André e Bettina (brasileiros que conheci em Sevilha e ainda vivem lá), fizeram piada porque pedi cerveja com limão na balada. Quando o funcionário do bar me entregou a Amstel Radler, também me deu um pacotinho e disse: “Quem pede Amstel Radler ganha um brinde”. Abri o saquinho, que continha óculos escuros super descolados com armação de madeira. Depois disso, meus amigos também quiseram tomar a mesma cerveja que eu para ganhar óculos iguais. Graças à minha preferência pela radler, voltamos para casa muito estilosos com nossos novos óculos espelhados.

Mesmo com todas essas opções de bebidas alcoólicas gostosas e baratas, Vovó Irene sempre se manteve fiel à Cruzcampo original. Não deu moral para vinhos, chupitos e variações de bebidas com suco de limão. E o melhor de tudo é a forma como ela pronuncia o nome da cerveja do coração: “Cruzcampsss”. Ela não diz “Cruzcampo” com “o” no final. Para ela, a palavra termina em “s”. Divertia-me muito quando íamos a restaurantes e vovó pedia ao garçom: “*Una Cruzcampss, favor*”.

Acredito que nem os óculos escuros descolados teriam feito Vovó Irene pedir uma Amstel Radler. A cerveja sevilhana é insubstituível para ela. Tanto que, depois que voltou ao Brasil, nunca mais tomou cerveja. Só há espaço para a Cruzcampsss no coração de Irene.

## Tomei água da torneira e não morri

Fui muito tola nas primeiras semanas de intercâmbio. Demorei quase dois meses para descobrir que todo mundo na Espanha toma água da pia. Antes, eu tinha de ir ao mercado de dois em dois dias comprar litros de água mineral para beber – e não podia comprar outros itens, pois as garrafas eram muito pesadas para carregar de volta para casa. O pior era quando me esquecia de comprar e sentia sede de madrugada, com todos os mercados fechados. Achei que fosse morrer intoxicada quando visitei um amigo e ele me deu água da pia dele para beber.

Minha vida mudou no dia em que estava voltando de Gibraltar, após o ataque dos macacos (contarei o episódio de terror em outra crônica mais para frente). No ônibus, desesperei-me ao lembrar que não havia comprado água e teria de esperar até o dia seguinte para me hidratar, pois já eram quase 22h e os mercados estavam fechados. Comentei com uma amiga – Renata Hohenfeld, brasileira de Salvador que alugava o apartamento em frente ao meu e havia viajado comigo naquele dia – que eu estava morrendo de sede, mas não tinha água em casa. Ela respondeu: “Mas, Cari, aqui você não precisa comprar água! A gente toma da pia mesmo, mulher!”. Foi quando descobri que a água das torneiras é filtrada e eu era a única bobona que gastava dinheiro com isso. Depois que comecei a tomar água da pia, passei a economizar bastante dinheiro.

Por causa disso, da mesma forma que acontece em outros países da Europa, você pode pedir água grátis nos restaurantes e estabelecimentos em geral. Como a água que se toma é a da pia mesmo, é normal as pessoas pedirem um copo com água da torneira quando estão com sede. Geralmente, se você pede apenas “água”, os garçons te dão garrafinha de água mineral e, por ela, você precisa pagar. Mas, se pede *água del grifo* (*grifo* é “torneira”), eles te dão um copo com água geladinha da pia que, obviamente, é gratuito. Acho isso ótimo, pois, como diria minha amiga Bettina Marks, um copinho de água não se nega a ninguém, né?

Inclusive, poucos brasileiros sabem, mas existem leis em vários estados do Brasil que obrigam bares e restaurantes a darem água potável de graça aos clientes. No Rio de Janeiro, por exemplo, a Lei nº 2.424/95, de 1995, está em vigor há mais de 20 anos. No Distrito Federal, a Câmara Legislativa do DF aprovou a lei nº 1954 em 1998. Ela estabelece que “às repartições públicas e os estabelecimentos de comercialização de gêneros alimentícios, hotéis, bares, restaurantes, cafés, lanchonetes e congêneres fornecerão, gratuitamente, água potável a seus clientes”. Porém, no Brasil, como a água da pia não é devidamente filtrada para ser ingerida, os restaurantes deveriam dar água do filtro.

Vou aproveitar a deixa para falar também sobre outros tipos de bebidas: achocolatados, café e sucos. Em Sevilha, não há Nescau, da Nestlé. Procurei bastante, mas os chocolates em pó mais comuns são, em primeiro lugar, Cola Cao e, depois, Nesquik.

Em relação a cafés, espanhóis não são tão acostumados a tomar café puro como os brasileiros. Por isso, se a pessoa pede só café, os baristas automaticamente servem café com leite. É preciso deixar claro que não quer leite no café que pediu, se não fica subentendido que sim. Para pedir café puro, deve-se dizer “*café solo*” ou “*café negro*”.

Porém, quando se pede o *café solo*, é servida uma xicarazinha tão pequena que dá para virar em um gole só. São shots de café. Se a pessoa quiser uma xícara decente, deve pedir café com leite.

A alternativa para tomar copos grandes de café preto é ir ao Starbucks Coffee – multinacional estadunidense com maior cadeia de cafeterias do mundo. Só na avenida principal de Sevilha (Avenida de la Constitución) há três Starbucks. É um dos raríssimos estabelecimentos que abre aos domingos, por isso, gostava de estudar lá nos fins de semana.

Para mim, cada Starbucks Coffee do mundo tem uma especialidade. A do Starbucks do Rio, por exemplo, é o espresso brownie. A do Starbucks de Atlanta é o frapuccino de morango. A do Starbucks de Orlando é o iogurte com frutas vermelhas. A do Starbucks de Sevilha é, definitivamente, o cookie de chocolate branco. Esse cookie é um pedacinho do céu, apenas.

Outro drama que vivi no intercâmbio foi a extrema dificuldade de encontrar suco natural de fruta na Andaluzia. Muitas vezes, eu perguntava nos restaurantes se havia suco natural, eles diziam que sim e me traziam suco de caixinha onde estava escrito *zumo natural* (*zumo* é suco). Depois de muita procura, desisti de encontrar sucos fresquinhos, feitos da fruta na hora e comecei a viver só de água. Eu não tinha liquidificador nem espremedor em casa e nunca quis gastar dinheiro para adquirir, até porque a oferta de frutas nos mercados espanhóis não é tão ampla e variada como no Brasil.

Após sete meses de intercâmbio, descobri que o Starbucks Coffee começou a vender suco de laranja feito na hora. Fui lá super empolgada, pois não tomava suco natural desde que havia saído do Brasil, e pedi um copo de 300mL de suco delícia. Na hora de pagar, o atendente cobrou: “Quatro euros e 50 centavos”. Mais de 15 reais por um suquinho! Foram os goles de suco mais caros da minha vida.

Eu precisava aguardar oportunidades de ir a Portugal, onde a gastronomia é muito parecida com a brasileira, para me deliciar com sucos naturais. Em uma dessas idas a terras portuguesas, em

agosto de 2014, estava jantando em um restaurante em Faro (cidade no sul do país, a apenas três horas de ônibus de Sevilha), e pedi um suco natural de laranja. Depois de aproximadamente cinco minutos, o garçom trouxe meu suco, colocou em cima da mesa, eu disse “obrigada”, ele disse “de nada”, parou um pouquinho e, do nada, levou meu suco de volta, antes que eu pudesse dar meu primeiro gole. Sem dizer nada, pegou meu suco e foi embora.

Fiquei ali sem entender e quase gritei: “Ei, *brother*, volta aqui com meu suco!”. Enquanto isso, observei atentamente o funcionário para tentar entender o que havia acabado de acontecer. Tive um suco por cinco segundos! Vi o garçom brigar com um dos cozinheiros no balcão enquanto gesticulava. Logo em seguida, ele volta com o suco de laranja (enquanto eu o olhava com uma cara de “que brincadeira de mau gosto, cara”) e só diz uma única frase: “Desculpe, caiu uma mosquinha”.

Depois desse dia, só fui tomar suco natural novamente com um ano de intercâmbio (em janeiro de 2015), em Barcelona, onde comprei um suco de maracujá no Mercat de La Boqueria (uma espécie de mercado municipal). O suco de maracujá me revigorou. Senti que aquele copo havia me dado forças para enfrentar todas as batalhas que a vida me propusesse. E deu.

## “Um café e um amor, quentes, por favor”

Penso como o escritor brasileiro Caio Fernando Abreu: café deve ser como amor, quente e doce. Mas o verão sevilhano faz com que os espanhóis não pensem dessa maneira e coloquem pedras de gelo dentro das xícaras de café puro. Em cafeterias, é comum que peçam café preto com gelo.

O hábito de se transformar bebidas que deveriam ser quentes em bebidas geladas também se estende a sopas. Na Espanha, as pessoas adoram tomar sopa gelada. Para se ter uma ideia, sopas são vendidas dentro de garrafinhas colocadas em congeladores na sessão de bebidas dos mercados. Os espanhóis compram garrafinhas de sopa, localizadas junto a latas de *Coca-Cola*, *Schweppes*, cervejas e sucos, e as tomam como se fosse refrigerante.

Antes de me mudar para Sevilha, estava familiarizada com o *gazpacho*, pois, em uma aula de espanhol no ensino médio, com o professor Paulo Pérez, fiz um trabalho em grupo com a Daniela Solórzano, a Ana Carolina Silva e a Marjorye Porciuncula sobre esse hábito de tomar sopas frias. Para concluir o trabalho, tivemos de preparar um *gazpacho*, que, no fim, só a Dani teve coragem de provar. A receita original da sopa leva os seguintes ingredientes:

tomate, pimentão, pepino, cebola, pão envelhecido, alho, azeite, vinagre e sal. Tudo é batido no liquidificador e depois são acrescentadas pedras de gelo.

O prato é um dos mais representativos da Andaluzia, região do sul da Espanha, da qual Sevilha é capital. E, como quase tudo que habita a Península Ibérica, carrega forte herança cultural dos árabes. “O nome *gazpacho*, de origem árabe, significa ‘pão encharcado’”, descreve a Enciclopédia Larousse da Gastronomia, já que a sopa era tradicionalmente preparada em uma tigela de barro em que o pão permanecia embebido no suco de tomate e na água antes de ser batido.

Sem embargo, apesar da popularidade do *gazpacho* na Espanha, os andaluzes preferem o *salmorejo*, que também é uma sopa cremosa gelada, criada em Córdoba (cidade linda localizada a cerca de uma hora de Sevilha). O *salmorejo* faz um sucesso absurdo pelas terras andaluzas. Praticamente todos os restaurantes de Sevilha servem o creme, muito parecido com o *gazpacho*. As diferenças entre as duas sopas são poucas: o *salmorejo* não leva legumes (pimentão, cebola, pepino, etc.), é feito exclusivamente à base de tomate; outra diferença é que é colocada água no *salmorejo* e, no *gazpacho*, não; apesar da água, o *salmorejo* é mais grosso, porque se utiliza mais pão para prepará-lo.

Não gosto de comidas salgadas geladas, por isso não me dou bem com essas sopas frias, mas praticamente todas as pessoas que conheço adoram. Quando cheguei em Sevilha com meu pai, ele pediu um *salmorejo* no restaurante do hotel no qual estávamos hospedados pensando que fosse um tipo de carne. Ao ver a sopa gelada de cor laranja, senti receio de provar, porém, quando provou, adorou. Continuou a pedir esse prato sempre que tinha oportunidade.

Essa mania de colocar gelo em tudo tem motivo: Sevilha é famosa por ter um verão avassalador. O calor é de outro mundo.

Passa dos 40°C todo dia e chega facilmente aos 48°C. A cidade fica deserta nos meses de julho e agosto, pois todos fogem. São colocadas lonas por cima das ruas para proteger os pedestres do sol escaldante e muitas lojas não abrem após o almoço, só abrem de manhã. Os restaurantes passam a abrir só à noite para o jantar. É bem difícil encontrar lugares para almoçar em agosto, apenas os típicos *fast food*. O calor na cidade é tão grande, que a água fria da torneira sai quente. Gelar cafés e sopas é só mais uma maneira de se refrescar e sobreviver ao verão. Nem o vento ajuda (pelo contrário), pois são rajadas de ar quente.

Sou muito friorenta e costumo dizer que sou um calango do cerrado, pois não sinto calor em Brasília. Na minha cidade natal, durmo com dois edredons toda noite, durante o ano inteiro. Adoro dias quentes e secos e odeio (sempre) ar condicionado. Uma das minhas sensações preferidas é entrar em um carro que passou muito tempo estacionado embaixo do sol, pois o ar dentro dele está quente e adoro a sensação de sentir minha pele queimar.

Mas, em Sevilha, senti o incômodo do calor pela primeira vez na vida. Não só senti calor, como pensei que fosse morrer de calor. Eu não conseguia dormir, passava o dia me sentindo mole, esgotada. Abria todas as janelas de casa, tirava a roupa e, mesmo assim, era difícil aguentar os dias de verão.

Além da temperatura escaldante, o verão traz consigo os insetos. Se a janela fica aberta por muito tempo, a casa é tomada por mosquitinhos. Então se vive um dilema: abrir as janelas para tentar, inutilmente, diminuir o calor, enquanto mosquitos entram na casa, ou deixar as janelas fechadas para impedir a entrada dos bichinhos e se sentir ainda mais sufocado.

No verão andaluz, é completamente compreensível se desesperar ao receber um café quente e tacar umas pedras de gelo. É compreensível não conseguir ingerir alimentos quentes e colocar



tudo na sessão de congelados do mercado. É apenas um mecanismo de defesa pessoal, que acabou se tornando parte importante da cultura andaluza. Inclusive, relações interpessoais são afetadas por causa de gelos, pois é complicado ser sociável quando é difícil até respirar de tanto calor. Então, não se preocupe se seu amigo te der um gelo no verão sevilhano. Use esse gelo psicológico para tentar não derreter.

## Sócias importadoras

Viver por mais de um ano em Sevilha me permitiu fazer observações completamente inusitadas, mas que sempre me deixavam bastante intrigada. Por exemplo: as cascas de ovo na Espanha são mais frágeis que as cascas dos ovos brasileiros. Elas quebram com muito mais facilidade. Quando ia fritar ovo no intercâmbio, dava uma leve batida e ele rachava completamente. Essa batidinha nem afetaria um ovo brasileiro.

Ou então: granulado de chocolate é vendido em potinho de tempero e fica na parte de temperos do mercado. Eu achava tão engraçado considerarem granulado um temperinho de chocolate. Minhas companheiras de apartamento brasileiras, Vanessa Sforsin e Beatriz Costa, descobriram isso quando foram preparar sobremesas do Brasil para uma confraternização da igreja adventista que frequentavam. Além do granulado, elas também tiveram dificuldade para encontrar formas de papel, porque os espanhóis quase não as usam.

Mais um exemplo: couve é considerada comida de vaca na Espanha. Um dia, fui procurar couve e descobri que só vendem couve em atacado (caixas com quantidade suficiente para um ano de feijoadas diárias), porque essa verdura é utilizada para alimentar bois e vacas. Pessoas “normais” não comem couve.

Quando fui morar sozinha, não sabia fazer nem arroz. Eu não poderia comer sempre fora de casa, pois seria muito caro, então precisava aprender a me virar na cozinha. Logo na primeira semana de intercâmbio, mandei uma mensagem para minha mãe pelo *Whatsapp*: “Mãe, como faz arroz?”. Mamãe me respondeu com o passo a passo de como preparar arroz. Quando fui refogar o alho (primeiro passo), queimei tudo. No fim das contas, o arroz ficou marrom com pontos pretos. Mandei foto da tragédia culinária no grupo de *Whatsapp* da família e minha irmã me perguntou se aquilo era arroz com passas. O que ela julgava ser uva passa, era alho queimado.

O início foi difícil, conturbado – principalmente quando descobri que, além de comprar alimentos, precisava comprar coisas que eu achava que surgissem sozinhas em casa, como sal, açúcar e temperos –, mas logo peguei o jeito e me tornei uma (modéstia à parte) cozinheira de mão cheia. Comecei a inventar receitas e a preparar pratos mais elaborados, como medalhão de filé de merluza ao molho *curry* com champignons.

Na cozinha aprendi diversas lições, como: você acha que é forte e está preparada para enfrentar os desafios da vida, até que vai picar uma cebola e vê que não. Também passei a dar dicas gastronômicas, como: mergulhem o chocolate Milka Oreo no café e descubram a verdadeira felicidade.

Uma observação que fiz logo quando comecei a cozinhar é que, na Espanha, não se prepara nada com óleo. Tudo é feito com azeite de oliva. A diferença está na qualidade dele. O azeite que vai para a panela não costuma ser extravirgem, usado em pratos que não vão ao fogo, como saladas, pães, queijos, pizzas etc. Para frituras costuma-se usar azeite refinado e para outros pratos quentes, como carne, usa-se azeite virgem. O azeite refinado é vendido nas mesmas embalagens que o óleo no Brasil.

Em setembro de 2014, viajei com uma amiga de Florianópolis, Julia Kurtz, a uma cidade andaluza chamada Jaén, famosa por ser a maior produtora de azeite do mundo, o que lhe deu o título de “capital mundial do azeite”. A cidade é completamente tomada e rodeada por oliveiras. A produção de azeite de oliva é atividade econômica mais importante de Jaén, por isso, lá acontece, de dois em dois anos, a Expoliva, renomada feira internacional voltada para o setor de azeite e indústrias afins.

Quando eu e Júlia chegamos na capital do azeite, fizemos questão de passar nas fábricas das marcas mais premiadas e reconhecidas. Queríamos fazer um passeio guiado para entender como se dá a produção. Porém, quando entramos na primeira fábrica – da cooperativa San Juan, responsável por produzir o azeite Supremo, ganhador de mais de 20 prêmios, inclusive de melhor do mundo –, informaram-nos que não era época de colheita ainda e que a produção só se iniciaria no mês seguinte. Pediram desculpas pela indisponibilidade do passeio guiado, mas disseram que poderíamos adquirir os produtos da cooperativa a preço de fábrica. O azeite Supremo, que custa cerca de 30 euros no mercado, poderia ser comprado por 10 euros.

Enquanto comprávamos várias garrafas de azeite para presentear parentes, os gerentes da fábrica descobriram que éramos brasileiras e começaram a tentar nos convencer a importar o azeite da cooperativa para o Brasil. “Nosso azeite fará muito sucesso no Brasil, com certeza! Vocês não querem importar? Podemos fazer bons negócios! Vocês se darão muito bem se trabalharem conosco!”, diziam-nos. E tentamos explicar que éramos apenas estudantes, fazíamos intercâmbio em Sevilha e não voltaríamos para o Brasil tão cedo. Mas eles não desistiam.

De repente, um dos gerentes falou: “Nós vamos abrir a fábrica para vocês. Vamos mostrar tudo, vocês precisam ver como nosso trabalho é bem feito”. E começaram a abrir as portas de todos os

setores da fábrica e a fazer o passeio guiado que tanto desejávamos. Quando havia funcionários em algum dos setores, o gerente nos apresentava da seguinte maneira: “Estas são Carina e Julia, importadoras brasileiras”. Eu e minha amiga já havíamos desistido de tentar explicar que não queríamos importar, apenas presentear familiares e amigos. Fizemos o passeio nos sentindo muito importantes. Mulheres de negócios.

Aprendemos tudo sobre azeites. Eu não entendia muito a diferença entre azeite refinado, virgem e extravirgem e, nesse dia, tornei-me quase uma especialista. Vi como tudo funcionava, entendi o mundo das azeitonas. Até cheguei a mandar uma mensagem para o meu pai com a sugestão de começarmos a importar o melhor azeite do mundo para o Brasil, a um preço bastante acessível. Papai gostou da ideia, mas depois desistiu ao ver o quanto o governo brasileiro cobraria de impostos.

Sáímos de lá com dezenas de papéis e propostas para nos unirmos à cooperativa – e com algumas sacolas cheias de produto de primeira linha, adquirido a preço de azeites de baixa qualidade nos mercados de Sevilha. Depois deste dia, eu e Julia começamos a nos chamar de “sócias”, porque quem sabe um dia não nos tornemos grandes importadoras de produtos de Jaén?

## Cozinheira de mão cheia

Sexo, drogas e *rock'n'roll*? Acho que Tio Claudio temia que esta fosse minha vida no intercâmbio. Por isso, meu padrinho, irmão de minha mãe, aproveitou uma viagem a trabalho para Dublin, capital da Irlanda, onde fora dar uma palestra em um congresso de endocrinologia pediátrica, para me visitar na Espanha e se certificar que sua afilhada vivia direitinho.

Sempre fui muito organizada e cuidadosa com meu apartamento. Não conseguiria viver em lugares sujos e bagunçados, então minha casa era muito limpa e bem cuidada. As outras três garotas que viviam comigo – uma italiana, Roberta Angelosanto, e duas brasileiras, Vanessa Sforsin e Beatriz Costa – também eram muito higiênicas e responsáveis. Dividíamos as tarefas de casa e tínhamos uma agenda de faxinas semanais.

Na manhã que Tio Claudio chegou, fui buscá-lo na estação de trens e levei-o diretamente ao apartamento. Ele gostou bastante do local. Perguntei se ele gostaria de sair para almoçar ou se preferia comer em casa. Ele deu um riso debochado e falou: “Comer em casa? Mas o que comeríamos aqui?”. Respondi: “Posso fazer almoço pra gente, tenho bastante comida em casa”. Ele riu mais uma vez, sem me dar moral alguma, e rebateu:

“Mas o que você faria? Você? Cozinhar?”. Mantive-me firme e disse confiante: “Posso fazer arroz, feijão, legumes e linguiça, o que acha?”. Desconfiado, ele aceitou.

Como é de conhecimento geral, arroz e feijão não são tão populares fora do Brasil. Arroz é encontrado facilmente, porém, não existem sacos de 5kg como nos mercados brasileiros. São pacotes bem pequenos, de no máximo 1kg. Na Espanha, arroz é comprado em duas situações: para fazer risoto ou *paella*.

Feijão preto ou marrom é extremamente difícil de encontrar. Não há nos mercados. Tenho dois amigos brasileiros que conseguiram comprar dos grãos pretos em uma feira de um bairro muito tradicional da cidade, chamado Macarena. As pessoas que comem feijão na Espanha compram grãos brancos enlatados no mercado.

Depois que cheguei em Sevilha, demorei três meses para comer feijão. Comi quando mamãe e Vovó Irene foram me visitar, na Semana Santa, pois me presentearam com um *kit* Brasil que continha feijão, leite condensado, café Santa Clara, chocolates Laka e Lacta, ovo de Páscoa da Cacau Show (enviado por meu padrinho Tio Claudio), uma caixa de paçocas e Ferrero Rocher (não é brasileiro, mas quiseram levar para me dar na Páscoa). Vovó fez muitas panelas de feijão – como eu não tinha panela de pressão, era preciso cozinhar por horas – e deixou vários sacos congelados para mim quando foi embora. O suprimento do congelador acabou rápido, pois gosto demais desse grão.

No segundo semestre, comecei a comprar feijão branco enlatado nos mercados e o misturava no arroz. A mistura dava certo. Tio Claudio foi me visitar em outubro, quando eu já estava craque em fazer arroz com feijão branco.

Também tive dificuldade com carnes. Sou carnívora ao extremo, mas carne de vaca é absurdamente cara na Espanha – mais

cara que peixe e frutos do mar – e a qualidade é muito inferior à do Brasil. Raramente comia carne de vaca em Sevilha. Sempre comprava carne de porco, frango, linguiça ou peru. Por isso, preparei linguiça para Tio Claudio.

Gostaria de ressaltar que os espanhóis adoram carne de coelho. Um dos ingredientes da *paella* campera é carne de coelho, por exemplo – há três tipos de *paella*: *paella marinera* (com frutos do mar), *paella valenciana* (com frutos do mar e carnes) e *paella campera* (apenas com carnes). Mas eu nunca havia visto esta carne nos mercados até ir ao Mercado de Triana (uma das feiras mais tradicionais da cidade, espécie de mercado municipal). Lá, vi os coelhos à venda. Perto das galinhas mortas e dos porcos pendurados, havia coelhinhos mortinhos também. Que dó. Pareciam que dormiam, com os olhinhos fechadinhos, mas não. A qualquer momento alguém chegaria e os compraria para esfolá-los e comê-los.

Enfim, após todas essas digressões, volto a falar do almoço que preparei para Tio Claudio. Ficou bem saboroso. Ele gostou e ficou surpreso por haver gostado. Deixou claro que não esperava que sua sobrinha pudesse preparar boas refeições. Ele ficou cerca de cinco dias comigo e, como eu estava em época de aulas, acompanhou minha rotina de perto. Via-me ir à faculdade todos os dias, observava-me enquanto fazia trabalhos e estudava para provas, ou resolvia problemas de casa (comprava botijões de gás, fazia limpeza, pagava contas, lavava e passava roupas), via como me relacionava bem com as garotas do apartamento e também passeava bastante comigo. Eu notava que havia um brilho de orgulho no olhar dele. A única coisa com a qual precisei de ajuda, foi uma lâmpada queimada no corredor, que ele trocou para mim.

Quando foi embora, mandou uma mensagem para minha mãe, na qual disse que eu estava muito bem, elogiou-me bastante e ainda escreveu: “É uma bênção!”. Revelei-me uma boa dona de casa para minha família e todos ficaram surpresos – mamãe e vovó já sabiam, pois também haviam me visitado e se tranquilizado.



Tio Claudio gostou demais do café da manhã típico da Andaluzia – quando digo típico, quero dizer que 90% dos andaluzes comem isso pela manhã: torradas com azeite de oliva (azeite de qualidade), molho de tomate e *jamón serrano* (aquele presunto espanhol maravilhoso, tirado das patas traseiras dos porcos). Podem haver variações, como acrescentar queijo ou tirar o molho de tomate. Mas as torradas, o azeite e o jamón estão sempre lá (a não ser que a pessoa seja vegetariana). Tio Claudio comprava bandejas de *jamón* por um euro e ficava extasiado: “Sabe quanto esse presunto custa no Brasil? Uma bandeja dessas custaria 20 reais!”. Colocava todos os dias o *jamón* nas torradas que preparava com queijo derretido, molho de tomate e azeite.

Eu gostava tanto deste presunto espanhol, que fiz questão de visitar as principais cidades produtoras de *jamón*. Inclusive, fui com Julia Kurtz, minha “sócia importadora”, a Jabugo, município onde são feitos os melhores presuntos do país e onde fica a fábrica da “Cinco Jotas”, marca de *jamón* mais importante e reconhecida do mundo.

Outro prato típico em Sevilha é o prato de caracóis. Sim, um prato cheio daquele bicho nojento que fica dentro de uma casinha, anda bem devagar e solta gosma. O prato vem com caracoizinhos e as pessoas chupam os bichos diretamente da concha. É muito tradicional e os andaluzes adoram. Dizem que não tem sabor de nada. Eu nunca tive coragem de provar, não sou capaz, tenho asco.

O prato de *boquerones* também é extremamente típico da Andaluzia. *Boquerón* é anchova e o pessoal pede pratos cheios de anchovas fritas. Os peixes vêm inteiros e o esquema é segurar pelo rabo e enfiar tudo na boca. Eu achava as anchovas comestíveis (comi algumas vezes), mas não gostava da ideia de mastigar e ingerir o esqueleto do peixe. Preferia pedir outros pratos.

Por fim, para finalizar as observações gastronômicas, vou falar de como os sevilhanos adoram semente de girassol. Na Espanha,

essas sementes são chamadas de *pipas* e é hábito muito comum comer *pipas* em parques, comprar pipas para viajar e lanchar pipas pela tarde. No início, eu não entendia quando as pessoas me chamavam para comer *pipas*. Quando finalmente entendi do que se tratava, não sabia como comê-las. Para mim, semente de girasol era comida de passarinho e nunca havia provado no Brasil. No meu segundo semestre de intercâmbio, coloquei como objetivo de inserção na cultura sevilhana aprender a comer *pipas*. Depois de muitos engasgos causados por cascas mal removidas, posso dizer que arraso na arte de comer essas sementes. Mas não acho que valha a pena comprá-las, pois dá muito trabalho ter de remover as cascas e depois jogá-las fora.

Apesar de haver divagado sobre as preferências gastronômicas dos espanhóis, fecharei o texto da forma como comecei: com Tio Claudio, único tio que me visitou (se algum outro dos meus oito tios estiver lendo esta crônica, que fique o puxão de orelha por não haver ido passear comigo e comer das minhas maravilhosas refeições). Lamento não ter tido mais tempo com meu padrinho em Sevilha, pois, com toda a certeza, ele teria provado (e gostado) dos caracóis e comido com prazer um prato cheio de *boquerones*. Afinal, ele adora umas comidas “diferentes”, como iogurte com guaraná, Coca-Cola com café ou feijão congelado com farinha.

## Dona de casa

O povo brasileiro é o povo mais limpo, cheiroso e higiênico do mundo, cheguei a esta conclusão no intercâmbio. E ela era unanimidade entre os brasileiros que conheci em Sevilha. Todos os meus amigos brasileiros que viviam com gringos reclamavam da dificuldade de ensinar aos companheiros de apartamento que uma casa saudável é uma casa limpa. A limpeza sempre sobrava para os brasileiros, porque, se dependesse dos europeus, ela seria feita pelos gnomos e fadinhas da higiene domiciliar (que, segundo as Antigas Escrituras, não existem).

No meu primeiro semestre em Sevilha, morei com três gringas (uma belga, uma alemã e uma peruana) e fizemos uma planilha para dividir quem limparia a casa cada semana. A limpeza europeia é bem meia-boca em comparação com a que estamos acostumados no Brasil. Então, eu sentia necessidade de limpar mesmo quando não era minha semana de fazê-lo. Tive a grande sorte de, no semestre seguinte, morar com três ótimas meninas – duas brasileiras e uma italiana que, apesar de europeia, é muito limpa e higiênica – e não tive mais preocupações do tipo “socorro, em breve baratas atacarão meu domicílio”.

Viver em apartamentos de estudantes me ensinou inúmeras lições. A primeira vez que percebi que havia me tornado, oficial-

mente, dona de casa foi o fim de semana em que fiquei no apartamento para lavar roupa – e estendi a roupa no varal com uma bacia e pregadores de roupa –, ir ao mercado fazer as compras da semana, trocar todos os lixos, fazer faxina, lavar louça e cozinhar refeições para colocá-las em tupperwares e guardá-las na geladeira. Para completar, tirei as roupas do varal (com uma bacia) porque estava com cara de que ia chover.

Outra vez em que soube claramente que havia me tornado gente grande foi quando batia papo em casa com a Beatriz Costa e a Vanessa Sforsin (brasileiras que moravam comigo) e precisei interromper a conversa com a seguinte frase: “Pera aí rapidão, se não meu arroz vai queimar!”

Com o tempo, aperfeiçoei a importante arte de cozinhar comidas gostosas utilizando apenas uma panela, para não ter de lavar muita louça depois. Também vivi o grande dilema de acordar morrendo de fome e preguiça, mas, para comer, precisar me levantar e cozinhar. Confesso que algumas vezes a preguiça venceu, escolhi ficar na cama e só tive a primeira refeição do dia no fim da tarde. No intercâmbio, segui a dieta do “preparar comida depende de mim e morro de preguiça de cozinhar”.

Tive uma das semanas gastronômicas mais sensacionais da minha vida quando o namorado italiano (que é chef de cozinha e tem um restaurante) da minha companheira de apartamento, Roberta Angelosanto, foi visitá-la e preparava divinas refeições para a casa inteira todos os dias.

Outro desafio foi aprender a me virar quando viajava e não tinha roupas limpas quando voltava para casa. Passei por dias tensos em que precisei usar biquíni como roupa íntima.

Comecei a dar mais valor para as coisas e fazer listas de itens indispensáveis na minha vida. Uma lista que escrevi à mão foi a “três das

invenções mais incríveis da história da humanidade?”. Os itens listados foram lentes de contato, aquecedores e chocolate Milka Oreo.

Quando voltei para o Brasil, minha prima Andréa Ávila me convidou para ser madrinha de casamento. O grupo de madrinhas combinou de escrever cartinhas para a Deia (como Andréa é apelidada) com dicas para depois que se casasse. Como a dona de casa nata que havia me tornado, dei as seguintes dicas: 1- Poeira costuma brotar sozinha de duas em duas horas. As poeirinhas simplesmente surgem, do nada, sem motivo aparente; 2- Nunca se esqueça de varrer embaixo da cama; 3- Quando comprar carne ou frango em grande quantidade, separe pequenas porções (para serem consumidas em um dia) em saquinhos de congelar. Não congele tudo junto, se não, depois, você vai precisar descongelar tudo para pegar o tanto que quiser e congelar o resto de novo, o que estraga a carne; 4- Não se esqueça de tirar a carne congelada do freezer na noite anterior do dia em que for consumi-la, para dar tempo de descongelar; 5- Quando alguma comida grudar na panela e estiver difícil de lavar, é só deixar algumas horas de molho na água, que desgruda; 6- Se você acidentalmente manchar alguma panela (como já fiz algumas vezes queimando o macarrão com azeite ou queimando linguiça) e estiver impossível tirar a mancha lavando normalmente, deixe a panela de molho com água e um pouco de quiboa. Depois de algumas horas, você esfrega e sai rapidinho; 7- Além da bucha para lavar louça, tenha sempre esponja de aço; 8- Nós mulheres soltamos cabelo demais, cruz credo, e aprendi a sempre jogar meus fios soltos no lixo, porque, depois, para limpar a casa, dá uma trabalhadeira (é importante jogar no lixo os fios que saem durante o banho também, para não entupir o ralo); 9- Cuidado para não esquecer as roupas lavadas dentro da máquina de lavar, senão elas ficarão com cheiro de mofo; 10- Cuidado para não colocar sabão demais dentro da máquina de lavar, senão a espuma vazará toda e poderemos fazer uma festa da espuma na sua casa; 11- Separe

o lixo orgânico e o reciclável (apesar de no Brasil isso não fazer muita diferença, porque, quando os caminhões recolhem o lixo, não costumam respeitar a reciclagem e misturam tudo).

Pode-se perceber como tornei-me profissional na arte de cuidar de um lar. Hoje me pergunto como vivem os intercambistas europeus que não têm brasileiros higiênicos em seus lares. Acredito que ter brasileiros em casa é um presente de Jesus para gringos viverem em ambientes saudáveis e livres de pragas. Para aqueles estrangeiros que vivem em chiqueiros, recomendo pedir a Deus que envie brasileiros a seus lares. A estes brasileiros, desejo meus pêsames, pois não é fácil ter de cuidar sozinho da limpeza da casa. A esperança é que existem Robertas, como minha companheira de apartamento italiana, que são exceções e fazem faxinas incrivelmente boas. Para os gringos que ainda acreditam em gnomos e fadas da higiene domiciliar, mando uma dura verdade: estes seres fantásticos não são reais.

## Cem opções de felicidade

Quase me tornei empreendedora depois do intercâmbio. Vi tantas boas oportunidades de negócios na Espanha – desde importar azeite de Jaén até criar quiosques de cachorro-quente na porta das baladas –, que pensei muitas vezes em me aventurar no ramo da administração. Uma das boas ideias de empreendimento que trouxe para o Brasil foi abrir uma franquia de uma das minhas lanchonetes favoritas (a qual tenho certeza que faria o maior sucesso em terras brasileiras): 100 montaditos.

*Montadito* é sanduíche pequeno em espanhol (sanduíche de tamanho normal seria *bocadillo*). O 100 montaditos é um restaurante *fast-food* que tem cem tipos diferentes de sanduichinhos no cardápio. Repito: cem sabores diferentes de sanduíche, desde lanches vegetarianos, até cachorro-quente, hambúrguer e sabores tipicamente espanhóis, como *tortilla de patatas* (tortilha espanhola), patatas bravas (batata com *salsa brava*, molho espanhol apimentado) e *morcilla* (linguiça com sangue de porco). Também há sanduíches doces deliciosos, de chocolate ao leite, chocolate branco, biscoito Oreo, *chantilly*, M&Ms, leite condensado, feitos em pães de chocolate. E os preços são extremamente acessíveis.

Eu sempre ia ao 100 montaditos aos domingos, segundas e quartas-feiras, porque eram os dias de promoções. Às segundas-feiras, cada *montadito* custava 50 centavos de euro. Eu dava dois euros e comia quatro sanduichinhos (que ainda vêm acompanhados de batatas *chips*). Aos domingos e quartas-feiras, todos os montaditos valiam um euro, o que também era barato. Nos outros dias, mesmo sem promoções, o valor também não era alto (o preço de cada sanduíche variava entre 70 centavos e dois euros).

Além dos cem sabores diferentes de montaditos, também era possível pedir petiscos, como pratos de salsichas ou de batatas fritas com bacon. Um grande diferencial desse *fast-food* espanhol é que ele vende bebidas alcóolicas, como jarras de cerveja (Cruzcampo, claro, normal e Radler) e *tinto de verano*. As jarras de bebida custavam cerca de um euro, também muito baratas. Há inúmeras franquias do 100 montaditos em Sevilha e centenas espalhadas por todo país – em praticamente qualquer cidade espanhola há dessas lanchonetes.

Em relação aos *fast-foods* norte-americanos, vi mais Burger King do que McDonald's na capital andaluz. Os Burger King da Espanha são mais parecidos com os do Brasil do que os McDonald's, que apresentam algumas diferenças em relação às franquias brasileiras. Por exemplo, os Mc Donald's espanhóis oferecem duas opções de batatas fritas: as batatas normais (que existem no mundo inteiro) e as batatas *deluxe*, cortadas em formato de meia lua, mais rechonchudas e assadas. Elas vêm na mesma quantidade e têm o mesmo preço. Na hora de pedir o lanche, o cliente precisa informar se quer batatas fritas ou *deluxe*.

Os Mc Donald's espanhóis também não dão guardanapos no balcão de atendimento, como a maioria das franquias brasileiras. Há uma mesa onde os clientes podem retirar quantos guardanapos quiserem – algumas lanchonetes do Brasil adotaram esse mesmo sistema. O problema é que, em muitos dos estabelecimen-



tos espanhóis, os guardanapos das mesas acabaram e os clientes têm de comer os sanduíches com as mãos.

Nos restaurantes *à la carte*, é bastante comum os esquemas de “*menú*”. A maioria dos estabelecimentos apresenta todos os dias um *menú*, que é uma seleção de primeiros pratos, segundos pratos, bebidas e sobremesas, os quais você pede juntos por um valor estabelecido. Por exemplo, se o *menú* de um restaurante custa dez euros, significa que o cliente pode escolher uma entrada, um prato principal, uma bebida e uma sobremesa por dez euros. Na maioria das vezes, compensa bastante, já que, se a pessoa fosse pedir cada prato separadamente, pagaria um valor muito mais alto.

Mas dentre todos os restaurantes com esquemas de “*menú*”, fast-foods e lanchonetes, o queridinho no meu coração é e sempre será o 100 montaditos, que sempre me oferecia sabores novos para provar, atualizava o cardápio regularmente e ainda fazia sanduíches com leite condensado e chocolate branco. Recentemente, soube por uma garota de Campinas (SP) que fez intercâmbio em Sevilha na mesma época que eu, Taline Bueso, que criaram uma imitação fajuta do 100 montaditos por lá. O nome é “100 lanchitos” e o cardápio é claramente uma tentativa de copiar a lanchonete espanhola. É preciso que alguém traga o restaurante original para cá, antes que esse “100 lanchitos” campinense se espalhe pelo Brasil.

## *Chinos*

Ao escrever sobre Sevilha, não posso deixar de falar sobre os chinos, pessoas imprescindíveis para o funcionamento da cidade. E ao falar sobre os chinos, não posso deixar de ressaltar o amor de Vovó Irene por eles.

*Chino* (traduzindo-se para o português, “chinês”) é como os espanhóis chamam quem tem traços físicos orientais – independentemente de a pessoa ser realmente chinesa ou não (seria o equivalente a “japa” em português). Há muitos orientais em Sevilha e eles abrem vários mercadinhos pela cidade. É incontável o número de lojas de orientais, e os sevilhanos se referem a elas como chinos. Por exemplo, se você pergunta a alguém onde comprou certo produto, a pessoa pode te dizer: “No *chino* perto da minha casa”.

Nas lojas dos *chinos* há de tudo. Inclusive, existe um ditado na cidade que diz “*si no hay en el chino, no hay en Sevilla*”. Ou seja, se você não encontrou algum produto no mercadinho chinês, não vai encontrar em lugar algum. Tudo que você puder imaginar há nos chinos. Guloseimas, vegetais, legumes, massas, frutas, biscoitos, produtos de limpeza, adaptadores de tomada, roupas, calçados, lâmpadas, cigarros, bebidas, souvenirs, enfeites de Natal, livros, capas de celular, talheres, copos, painéis, cadeados,

*tupperwares*, sacos para congelar, produtos decorativos, imagens de santos, cosméticos etc. Está precisando de algo impossível de encontrar? Corra a um *chino*.

Por falar em produtos, aproveito para citar algo que sempre me deixou muito intrigada: as fronhas de travesseiro na Espanha são abertas dos dois lados. Porém, toda vez que trocava a roupa de cama, esquecia-me disso e o travesseiro caía pelo outro lado quando o enfiava na fronha.

Outra qualidade das lojinhas chinesas é que elas estão sempre abertas. Os orientais são muito trabalhadores e, além de não fecharem para a *siesta*, ficam abertos até um pouco mais tarde (os outros mercados da cidade costumam fechar por volta das 21h, enquanto os chinos funcionam até umas 23h). Eles também abrem aos domingos, o que, muitas vezes, é a salvação do universo, já que praticamente nada em Sevilha funciona domingo.

Nem os feriados são capazes de fechar os *chinos*. Por exemplo, quando minha mãe e minha vó me visitaram na Semana Santa, a cidade estava parada. Nada funcionava. Mas os chinos estavam abertos todos os dias, inclusive na Sexta-Feira da Paixão, quando Sevilha parou de vez. E quando perguntamos até que horas ficariam abertos, responderam: “Até a hora que tiver gente”.

Vovó, que adora umas comprinhas, foi a lojas de orientais todos os dias que passou em Sevilha – com exceção do dia em que fizemos uma viagem a Córdoba, cidade a cerca de uma hora de distância. Como a semana que vovó passou comigo foi justamente a Semana Santa, época do ano mais importante para os sevilhanos, quando a cidade para de maneira total, as únicas opções de lojas eram, quase sempre, os *chinos*.

Ela passava horas lá. Comprou inúmeras meias calças (três pares eram vendidos por um euro e vovó pagou vários euros), blu-

sas, saias, bolsas e prendedores de cabelo. Além de ter de tudo, os mercados chineses são baratos. A maior diversão de Vovó Irene na cidade foi ir aos *chinos* (e acredito que seja a maior saudade dela também toda vez que fala em voltar a Sevilha).

Ela também comprou muitos leques espanhóis com vendedores ambulantes. Era leque que não acabava mais. Todo dia, ela lembrava de alguém que tinha de presentear e comprava mais leques – chamados de abanicos em espanhol, mas vovó, com o sotaque mineiro, insistia em dizer “abanito”.

Um dia, fui levar mamãe para conhecer a Plaza de Toros de Sevilla, onde acontecem as touradas, e vovó (que não quis ir porque estava cansada) pediu a minha mãe, com o sotaque de Minas Gerais, antes de sairmos de casa: “Ô, Adriana, acho que vou sortear uns abanitos pras velhinhas do bazar. Compra mais alguns pra mim?”. Ela já havia adquirido uns dez leques para diversas amigas, mas aprendi que, para vovó, duas coisas nunca eram demais: abanitos e Cruzcams.

Quando fizemos o bate-volta para Córdoba, compramos passagens de ônibus para irmos às 8h e voltarmos às 18h. A cidade é belíssima e repleta de locais incríveis que merecem ser visitados. Chegamos lá um pouco depois das 9h, passeamos a manhã inteira e paramos para almoçar. Essa parada foi fatal para vovó. “Estou muito cansada de caminhar, acho que podemos voltar mais cedo”, disse.

Eu e mamãe ainda queríamos conhecer um dos principais pontos turísticos da cidade, o Alcázar de los Reyes Cristianos (palácio que o Rei Alfonso XI, de Castilha, mandou construir, em 1328, por cima de palácios que já existiam). Vovó caminhou conosco até lá, mas não teve ânimo para entrar. Esperou-nos sentada do lado de fora. Ao sairmos do *Alcázar*, pedimos um táxi para a rodoviária, onde a matriarca preferiu pagar uma taxa extra para adiantar as passagens de volta para às 16h.

Perto de Sevilha, vovó me perguntou: “Como é mesmo o nome daquele shopping que você falou que tem aqui? Nervião? Será que ele tá aberto?”. Ela se referia ao Nervión Plaza. Nervión é um bairro sevilhano, vizinho do centro histórico, que tem prédios mais altos e mais novos. Na cidade, quase não há shoppings, e os que existem não são grandes. O maior shopping é justamente o *Nervión Plaza*, menor que o Pátio Brasil, de Brasília.

Em Sevilha há ruas de compras, repletas de lojas maravilhosas. Quando as pessoas querem comprar, elas vão para essas ruas. A grande maioria delas é peatonal, ou seja, apenas para pedestres, não passa carros. O legal é que o centro da cidade fica muito alegre e movimentado. Por as ruas serem feitas para pedestres, as pessoas se locomovem a pé, o que enche a cidade de vida. E a maioria dos habitantes prefere comprar nas ruas do que em algum centro comercial.

Como ainda era quarta-feira da Semana Santa, falei: “Vó, o shopping deve estar aberto, mas você não quer ir pra casa descansar, colocar os pés pra cima, tomar um banho?”. A resposta foi negativa: “Não, não. Quero dar uma passeada no shopping. Vamos pra lá antes que feche”. Então, assim que pisamos de volta em Sevilha, nos dirigimos ao *Nervión Plaza*.

Vovó caminhou animadamente pelo centro comercial até sermos expulsas do local, às 22h, pois as lojas precisavam fechar. Ela ainda ficou triste porque o expediente encerrou e queria mais tempo de passeio no shopping. Nos dias que seguiram esta quarta-feira, o *Nervión Plaza* não estava aberto, pois na Quinta-Feira da Paixão o feriado começou de fato. E aí, os chinos foram a salvação.

Não puxei muito esse gosto por compras de vovó, sempre fui bem econômica. No ano que morei na Espanha, preferia juntar dinheiro para viajar, em vez de fazer compras. A única época em que o espírito consumista se manifestou em mim foram durante os meses de *rebajas*.

As *rebajas* acontecem duas vezes por ano: em janeiro, *rebajas de invierno*, e em julho, *rebajas de verano*. Elas consistem em grandes promoções nas lojas do país inteiro. Todas as lojas da Espanha entram em promoção quando o inverno e o verão começam, pois há mudança de coleção. Mas não são descontos pequenos de 10%, 20%. São descontos de 70%, 80%. Uma blusa que antes custava dez euros, você compra por dois. Um casaco que custava cem euros, você compra por vinte. Os produtos são vendidos por menos da metade do valor original. E são artigos bons, de qualidade.

E o mais legal é que, quando pagava alguma compra com cartão, ninguém me perguntava “crédito ou débito?”. Os funcionários do caixa simplesmente passavam o cartão, sem perguntas, sem pressão, sem questionamentos. A máquina reconhecia automaticamente que tipo cartão era o meu. Gosto de pensar que as máquinas de pagamento sabiam o que eu queria, desejava e ansiava – algo que poucos sabem.

## ¿Eres de Tomares?

Ele parecia um deus grego e me encarava intensamente. Eu havia ido a uma boate em Sevilha com algumas amigas, onde me deparei com aquele espanhol maravilhoso. Ele me olhou por um tempo, analisou-me e decidiu vir na minha direção. Eu estava prestes a ser abordada por aquele homem sedutor. Cutuquei minhas amigas e disse ansiosa: “Ele tá vindo! Ele tá vindo aqui falar comigo!”.

O homem de cabelos castanhos parou na minha frente, fixou os lindos olhos azuis nos meus e me perguntou empolgado: “¿Eres de Tomares?” (ou seja, “você é de Tomares?”). Quando respondi: “No, soy de Brasil”, ele mandou um “ah, tá bom, então”, virou-se de costas e foi embora. Fiquei ali parada, sem entender nada. Quase comeci a gritar: “Sí, sí, soy de Tomares!?”. Vai que ele voltava. Ele só queria conversar comigo se eu fosse de Tomares? Por ele, eu seria de Tomares.

Tomares é um *pueblo* de Sevilha. As cidadezinhas em volta da capital andaluza são chamadas de *pueblos* - traduzindo ao pé da letra, “povoados”. Grande parte da população que trabalha e estuda em Sevilha vive nestes povoados, então eles são como cidades satélites de lá. Só que, como na Europa tudo é absurdamente perto, existem *pueblos* que estão a apenas quatro quilômetros do

centro da cidade, como é o caso de Tomares, que tem cerca de 25 mil habitantes. Ou seja, você anda quatro quilômetros e já pode considerar que está em uma cidadezinha diferente.

O centro de Sevilha praticamente não tem casas, apenas apartamentos. Por isso, quem gosta de morar com mais espaço mora nos *pueblos*. É muito comum ouvir: “Moro em um pueblo a 20km da cidade, porque tenho uma família numerosa”, ou “preciso morar em um pueblo, porque tenho um cachorro grande”.

Vou aproveitar para fazer uma explicação geográfica sobre um tema que costuma gerar dúvidas. Na Espanha, o que corresponderia às “regiões” do Brasil são “comunidades autônomas”. Há 17 comunidades autônomas – e duas cidades autônomas (Ceuta e Melilha), localizadas em Marrocos, no norte do continente africano, porém, pertencentes ao governo espanhol. A Andaluzia é a comunidade do sul do país.

Assim como no Brasil, as regiões espanholas são divididas em estados, chamados “províncias”. A Andaluzia tem oito províncias. Algumas delas têm o mesmo nome das capitais – da mesma forma que no Brasil há Rio de Janeiro estado e Rio de Janeiro cidade, e São Paulo estado e São Paulo cidade –, como é o caso de Sevilha, que é capital da província de mesmo nome. Assim, os *pueblos* de Sevilha, apesar de serem outras cidades, são *pueblos* sevilhanos por estarem na província de Sevilha. São como cidades do estado do Rio de Janeiro ou do estado de São Paulo, que estão afastadas das capitais.

O Sergio Ramos (jogador da seleção espanhola de futebol), por exemplo, nasceu em um *pueblo* de Sevilha chamado Camas, e, por isso, diz que é sevilhano – inclusive, enquanto eu vivia na capital andaluza, ele foi convidado para receber a “Medalla de la Ciudad de Sevilla” depois de haver vencido a Liga dos Campeões pelo Real Madrid naquele ano. A prefeitura da cidade lhe condecorou com a medalha porque o atleta “encarna o melhor dos valores humanos e esportivos,



espalhando o nome de Sevilha pelo mundo todo”. Foi uma forma de reconhecer a contribuição do atleta andaluz – que havia acabado de ter a melhor temporada de sua vida futebolística – ao esporte. Engraçado é que, como Camas é considerada outra cidadezinha, o ônibus para lá precisa ser tomado na mesma rodoviária onde se pega ônibus para viagens longas (viagens internacionais, por exemplo), sendo que em dez minutos você chega ao destino.

Como é de se esperar, nestes *pueblos*, os serviços costumam ser mais baratos, afinal, estão longe do centro, a parte cara da cidade – existe uma regra mundial generalizada que estabelece que, quanto mais perto do centro for o serviço, mais caro ele será. Quando o computador da minha amiga Carla quebrou, por exemplo, ela fez o orçamento para consertá-lo em várias lojas, e acabou escolhendo uma localizada em um pueblo chamado San Juan del Aznalfarache, onde o valor cobrado foi um terço do que estava sendo pedido em lojas mais centrais.

Talvez em Tomares o valor do conserto tivesse sido menor, pois este lugar deve ser tão sensacional, que o espanhol gato desistiu de mim apenas por eu não ser de lá. Tomares deve ser um *pueblo* tão incrível, que ser de lá é um pré-requisito para se manter um diálogo com alguém. Depois desse episódio aprendi minha lição: toda vez que alguém me perguntar se sou de Tomares, direi que sim. Gritarei orgulhosa e convicta: “Sí! Soy de Tomares! Grande Tomares!”. Quem sabe, dessa forma, os gatinhos não continuem a conversar comigo?

# Transporte público

Se você quer impressionar aquele paquera e não faz a mínima ideia do que dizer, devia andar de ônibus em Sevilha. Os ônibus de lá, todos vermelhos e modernos, têm televisões pequenas que passam uma série chamada “coisas inteligentes para se dizer”. Essa série ensina diversas frases prontas do tipo: “O uso exagerado da língua pode atrofiar o cérebro”. São muitas citações, de diferentes autores, e o pessoal adora memorizá-las.

Além disso, as televisões também informam as próximas paradas, o trajeto, a localização atual, e passam notícias, curiosidades e propagandas. Sempre que eu ficava entediada no ônibus, lia o que se passava na televisãozinha. É uma ótima distração para os usuários de transporte público. Na parte de curiosidades, por exemplo, aprendi que as mulheres espanholas são as europeias que mais gastam dinheiro com tratamentos de beleza.

Quando o calor chegou com tudo na cidade (o calor intenso vai de junho a setembro), tive uma surpresa agradável: todos os ônibus têm ar condicionado. Mesmo quando estão cheios, a temperatura dentro deles é geladinha e fresquinha, nada daquele calor abafado dos de Brasília.

Quem mais amou o conforto do transporte público sevilhano foi minha avó materna, Irene, quando foi me visitar com minha mãe em abril de 2014, durante a Semana Santa. Embora o calor ainda não tivesse chegado (a temperatura estava por volta dos 17°C), sempre que vovó se cansava de caminhar, queria entrar em algum ônibus.

Certo dia, levei vovó e mamãe para passear e, ao sairmos da Plaza de España – praça gigantesca e espetacular que, na minha opinião, é o lugar mais bonito da cidade (sinto-me dentro de um sonho quando estou lá) –, a matriarca, cansada de andar, pediu para entrarmos em um ônibus. “Tudo bem, vó. Mas precisamos caminhar cinco minutos até a parada”, respondi.

Com dois minutos de caminhada, Vovó Irene viu um ônibus parado em um ponto diferente do qual precisávamos chegar e disse: “Ali um! Vamos entrar!”. Falei: “Vó, esse não vai pra minha casa...”. O desespero dela pelo assento confortável do transporte público sevilhano era tão grande, que ainda insistiu: “Mas pra onde que ele vai?”. A verdade é que ela queria entrar nele, não importava onde ele a levasse. Não estava nem aí para o local de destino, queria o ônibus de qualquer forma. Eu e minha mãe caímos na gargalhada e convencemos vovó a andar mais três minutos até a parada correta.

As paradas de ônibus geralmente são distribuídas em pares pela cidade. Então, quando você vai para o ponto de ônibus, há duas paradas, uma do lado da outra. Em uma, param algumas linhas e, na parada vizinha, outras linhas diferentes. Apesar de estarem uma do lado da outra, você deve esperar pelo transporte na parada correta, pois é lá que ele irá parar e só abrirá a porta uma vez. Mesmo que o veículo ainda esteja parado, se o motorista já tiver fechado a porta, não abrirá novamente para nenhum atrasado que aparecer. Não adianta bater, implorar e suplicar, que o ônibus continuará parado sem abrir.

Eu ficava impressionada, porque, muitas vezes, as paradas estavam localizadas ao lado de semáforos. Então, quando o sinal estava vermelho, os ônibus ainda continuavam parados por alguns minutos e, mesmo assim, os motoristas não abriam as portas de novo depois de já terem aberto uma vez.

Os veículos não param fora da parada de forma alguma e respeitam radicalmente os horários. Essa pontualidade, inclusive, não é característica apenas dos ônibus. Estende-se a voos, partidas de trem, reuniões, aulas, shows etc. Os espanhóis são, de maneira geral, extremamente pontuais. Tudo começa exatamente no horário, nem um minuto depois. Então, não adianta nem torcer pelos 15 minutos de tolerância, porque eles não existem na Espanha.

No fim das contas, o sistema de transporte público de Sevilha é maravilhoso. Os ônibus funcionam tão bem e passam pontualmente com uma frequência tão grande, que têm muito menos assentos do que os do Brasil. Não por serem menores, mas porque os assentos são muito mais espaçosos, confortáveis e bem distribuídos pelo veículo. Um ônibus sevilhano possui cerca de 15 lugares (aproximadamente metade do número de assentos de um ônibus brasileiro de mesmo tamanho). Mas há muitíssimos veículos articulados na cidade (aqueles ônibus sanfona) e esses costumam ter o dobro de assentos.

Na capital andaluza, há um aplicativo de celular chamado *SeviBus* voltado especialmente para informar a população sobre as linhas de ônibus da cidade. É gratuito e contém um mapa com todas as paradas de Sevilha, os trajetos, horários e localização em tempo real dos veículos. Por exemplo, se o usuário clica na linha C2 (que leva até a Facultad de Comunicación da Universidad de Sevilla), o aplicativo diz quanto tempo falta para que chegue um ônibus C2 em cada parada e a quantos metros de distância ele está do ponto que o usuário selecionar.

Eu usava muito o aplicativo, em diversas situações. Acordava de manhã cedo, abria o mapa no SeviBus e clicava na parada de ônibus mais perto da minha casa. Ele me dava todas as opções de linhas que passavam naquele ponto. Depois, eu selecionava a linha que queria e o aplicativo me mostrava o trajeto e informava o tempo e a distância que faltavam para o veículo passar naquele ponto (por exemplo: 3 minutos, 1.456 metros) e do veículo da mesma linha que viria depois (16 minutos, 6.378 metros). Dessa forma, eu já sabia se deveria me apressar para não perder o ônibus, ou se podia me arrumar tranquila. Também era ótimo poder verificar, enquanto esperava na parada, quanto tempo faltava para o ônibus chegar.

Eu fazia praticamente tudo a pé na cidade, mas sempre precisava de transporte público em duas situações: para ir à faculdade (que ficava a cerca de 15 minutos de ônibus de Triana, primeiro bairro no qual morei, e a 20 minutos de Santa Cruz, meu segundo bairro) e ao aeroporto (a 30 minutos de ônibus do centro da Sevilha).

Houve uma época em que treinei futsal no SADUS (Servicio de Actividades Deportivas de la Universidad de Sevilla, espécie de centro olímpico da universidade), pois comecei a jogar no time da Facultad de Comunicación. Os treinos duraram cerca de três meses, pois logo fomos eliminadas do campeonato universitário. Como o SADUS fica em um bairro mais afastado do centro de Sevilha, chamado Los Bermejales, também precisava de ônibus (eram cerca de 30 minutos de viagem). Fora isso, usava o transporte público esporadicamente.

Quando ia ao shopping, pegava metrô. Contudo, há apenas uma linha de metrô em Sevilha, com 22 estações. Ela é muito curta e não leva a praticamente lugar algum. Serve para conectar alguns *pueblos*, como Dos Hermanas e San Juan de Aznalfarache, com o centro da capital andaluza.

É possível adquirir, em qualquer banca de jornal, um cartão de transporte público da cidade. O usuário coloca crédito no cartão e paga mais barato pelo serviço. Por exemplo, o valor normal pago ao cobrador para andar de ônibus é um euro e 40 centavos. Com o cartão, que deve ser passado em um leitor, paga-se apenas 70 centavos. O mesmo tipo de desconto é dado no metrô (porém, no transporte subterrâneo, os valores variam de 80 centavos a quatro euros e 50, de acordo com a distância percorrida).

O cartão pode ser recarregado nas bancas de jornal e o crédito não expira. Isso é ótimo, pois pude aproveitar alguns euros que coloquei no cartão de transporte em 2014 para andar de ônibus em Sevilha um ano e meio depois do fim do intercâmbio, quando voltei para visitar a cidade em julho de 2016.

Mas o melhor de tudo é que, mesmo se você não conseguir conquistar o coração do paquera depois de repetir alguma frase repleta de sabedoria da série “coisas inteligentes para se dizer”, ainda tem outra carta na manga: pode dizer que todos os ônibus da cidade são movidos a gás natural comprimido, ou seja, energia limpa. Aí você aproveita para demonstrar vasto conhecimento na área de desenvolvimento sustentável e preocupação com questões ambientais. Essa tática é infalível. Andar de ônibus em Sevilha é investir na arte da conquista.

## *Bici*

Vovó Irene me rendeu inúmeras pérolas quando foi com minha mãe me visitar em Sevilha, na Semana Santa de 2014. Durante um de nossos passeios, passamos por uma ponte cheia de cadeados colocados por casais que fazem juras de amor eterno. Mamãe, intrigada, indagou: “Nossa, olha o tanto de cadeado na ponte! Por que será?”. Minha vó automaticamente respondeu: “Ah, é esse povo que fica prendendo a bicicleta e depois esquece o cadeado”. Ri bastante com a resposta de vovó e expliquei-lhes que casais, na Europa, têm costume de colocar cadeados em pontes como promessa de amor sem fim. Ainda completei: “Haja ponte para tanta bicicleta, viu?!”.

Apesar de ter achado a resposta de vovó engraçada, ela teve fundamento se considerarmos o número de pessoas que se locomovem de bicicleta por Sevilha. A cidade foi classificada pelo Índice de Copenhague (*The Copenhagenize Index*), em 2013, como a quarta melhor do mundo para o uso da bicicleta – as primeiras são sempre Copenhague (capital da Dinamarca), Amsterdã (capital da Holanda) e Utrecht (também na Holanda). Desde então, Sevilha figura, todos os anos, entre as dez primeiras colocadas na lista do índice, que tem bastante credibilidade na Europa. São mais de 170 quilômetros de ciclovias bidirecionais totalmente integradas na capital andaluza.

O projeto de transformar a cidade em um paraíso para adeptos da bicicleta é relativamente novo, começou há dez anos. Até 2006, a cidade tinha somente 12 quilômetros de vias destinadas a ciclistas. Em 2010, esse número saltou para 120 quilômetros (dez vezes mais) e, hoje, são mais de 170. As ciclovias são extensas, largas e, o mais importante, respeitadas. Em uma localidade com aproximadamente 700 mil habitantes, acontecem cerca de 70 mil deslocamentos de bicicleta por dia, ou seja, uma a cada dez pessoas se locomove de bicicleta.

Gente de todo o tipo opta por se locomover de *bici* (como são chamadas as bicicletas em Sevilha). Inclusive, jovens pedalam para a balada. Nas ruas da Espanha, não há clima de insegurança à noite como no Brasil. Pelo contrário, estão sempre cheias de madrugada, principalmente de jovens. Bastante gente anda a pé, não importa a hora do dia. Eu sempre ia a pé para as festas e caminhava de volta para casa. Achava incrível caminhar às 3h, 4h, 5h por ruas seguras, iluminadas e cheias de gente. Há muitos universitários na capital andaluza e a cidade está sempre cheia de vida. Isso tudo faz de Sevilha uma cidade extremamente propícia para o uso de bicicletas, com ciclovias espalhadas por todos os lugares e inúmeras estações de aluguel de *bicis*.

O serviço de aluguel de bicicletas públicas na cidade se chama Sevici e foi implantado em 2007, promovido pela prefeitura. Há mais de 260 estações espalhadas pela cidade e o aluguel funciona da seguinte forma: você paga 30 euros anuais e adquire seu cartão Sevici, com um número de cadastro. Com esse cartão, você pode alugar bicicletas sempre que quiser. A única regra é que você não pode ficar com a bicicleta por mais de meia hora sem parar em alguma estação. Ou seja, você pega a bicicleta, anda meia hora, para em uma estação, pega de novo a bicicleta, anda mais meia hora, para em outra estação. É uma forma de controle que a prefeitura estabeleceu. São apenas 30 euros por ano para pegar bicicletas quantas vezes quiser. O serviço funciona 24 horas por dia, todos os dias da semana.



O Sevici também tem aplicativo gratuito de celular, que mostra um mapa com todas as estações de aluguel de *bici* espalhadas pela cidade, quanto tempo durou cada aluguel, se o usuário tem alguma multa ou pendência e outras informações relativas ao serviço.

Nos meus primeiros seis meses na cidade, não tinha o cartão Sevici e fazia tudo a pé, de ônibus ou metrô (só há uma linha de metrô em Sevilha, que conecta alguns *pueblos* e bairros mais distantes com a principal avenida do centro, a locomoção subterrânea é bem limitada). Porém, no meio do ano, a peruana que morava comigo, Lucia Meneses Urbina, voltou ao país de origem e deixou seu cartão comigo, que ainda valeria até o fim do ano. Depois, Renata Hohenfeld, minha vizinha baiana, também voltou para Salvador e deixou o cartão dela comigo. Fiquei com dois passes de Sevici válidos até o fim do ano. O cartão de Renata dei à Pâmella, aluna do curso de publicidade da Universidade de Brasília, que chegou a Sevilha no segundo semestre de 2014. O de Lucia, eu usava para me transportar de *bici* pela cidade.

Por se locomoverem bastante sobre duas rodas, os moradores investem bastante em bicicletas lindas e descoladas. Enquanto no Brasil a maior parte das *bikes* são esportivas, como as da Caloi, por exemplo, com marchas, paralamas e pneus grossos antiderrapantes, em Sevilha, a grande maioria das bicicletas é de passeio, leve, com cestinhas, flores, cores vivas, buzinas e pneus finos. São bem *hipsters* e com um ar bem europeu.

Muita gente também prefere andar sobre duas rodas porque estacionar carros no centro da cidade é um pesadelo. É praticamente impossível encontrar vagas e, quando se encontra, são apertadíssimas, de baliza na maior parte das vezes. A situação é tão tensa, que é bastante comum que carros batam de frente e de trás quando estacionam. Os para-choques e para-lamas são todos estropiados. E aí entra outro ponto: quase não se vê carros novos e chiques pela cidade, a maioria tem, pelo menos, cinco anos de uso.

Quando cheguei em Sevilha, pensava que o símbolo da Chevrolet na Espanha fosse diferente. Era um raio na horizontal dentro de um círculo. Quando publiquei isso no Facebook, meus amigos me disseram que, na verdade, este símbolo era da Opel, fabricante de automóveis que, assim como a Chevrolet, é subsidiária da General Motors. Por isso, os carros da Opel são tão parecidos com os da Chevrolet – alguns, inclusive, são iguais, como Astra, Corsa, Meriva, Zafira, Vectra e Tigra.

Também reparei que os automóveis da cidade são muito disciplinados para parar nas faixas de pedestre, assim como em Brasília. Os pedestres também costumam ser bem disciplinados para atravessar as ruas – quando há semáforo, esperam pacientemente ficar vermelho para os carros. Um dia, fui ao mercado com a alemã que dividia apartamento comigo, Hanna Schwindling, e, na volta para casa, o sinal de uma das avenidas estava fechado para os pedestres. Como não passava carro algum, atravessei, e Hanna ficou bastante preocupada: “Carina, você não tem medo de ser multada?”

Depois, contou-me que, na Alemanha, pedestres são multados (cerca de 30 euros) caso atravessem a rua fora da faixa ou com o semáforo fechado para quem está a pé.

Outro meio de transporte que figura entre os favoritos dos sevilhanos é a *scooter*, espécie de moto sem marchas ou embreagem, leve e com menos cilindradas do que motos convencionais. Dizem que conduzir uma scooter é como conduzir uma bicicleta um pouco mais pesada, pois basta acelerar e frear. A facilidade é tanta, que não é necessário ter carteira de habilitação de moto para andar nesse meio de transporte na Espanha, basta a carteira regular de carro. Habilitação de moto só é exigida para veículos que têm mais de 120 cilindradas (motos com marchas e embreagens).

Um dos meus objetivos durante minha estadia em Sevilha era aprender a andar de scooter. Na Europa, é muito mais comum ver

mulheres andarem de moto do que no Brasil e isso me estimulou bastante. Escrevi a seguinte lista de objetivos no meu segundo semestre de intercâmbio:

1. Aprender a andar de *scooter*;
2. Assistir a um jogo do Sevilla F.C. no estádio;
3. Ir aos *baños árabes*;
4. Aprender a fazer uma *paella deliciosa*;
5. Namorar o Sergio Ramos (ele é de Sevilha, aparece por aqui de vez em quando...);
6. Sobreviver ao próximo inverno.

Realizei apenas metade destes objetivos: fui ao estádio do Sevilla Fútbol Club ver o time vencer o Córdoba por dois a zero em partida válida pelo Trofeo Antonio Puerta – campeonato amistoso organizado pelo Sevilla em homenagem ao ex-jogador do time Antonio Puerta, que teve uma parada cardiorrespiratória em campo, em 2007, e morreu três dias depois, no hospital, aos 22 anos de idade –, aprendi a fazer *paella* e sobrevivi ao segundo inverno. Faltou aprender a andar de *scooter*, ir aos *baños árabes* (espécie de spa com diferentes tipos de piscinas e massagens) e namorar o jogador de futebol da seleção espanhola Sergio Ramos.

Quando viajei com um grupo de intercambistas à paradisíaca ilha de Formentera (menor das ilhas baleares), onde foi gravado o filme espanhol *Lucía y el Sexo*, do diretor Julio Medem, tínhamos duas opções para nos locomover pelos 20 quilômetros de praia: alugar carro ou alugar *scooter* (não havia táxis ou ônibus). A maioria dos estudantes europeus optou pela *scooter* e achei o máximo. Era a escolha que eu também gostaria de haver feito, porém, senti medo de andar pela primeira vez sozinha, sem ninguém para me instruir, e dividi o aluguel de um carro com três amigos argentinos (Lucas Nahuel Ferraro, Ileana La Civita e Jessika Martinez) e com Lucía, peruana que compartilhava apartamento comigo no primeiro semestre de 2014.

No fim das contas, nunca encontrei ninguém que pudesse me ensinar a andar na motoca. Tive medo de alugar em alguma loja e me machucar, levar um tombo, quebrar o veículo, e não me arrisquei. Mas ainda tenho essa meta de vida: comprar uma *scooter* e arrasar por aí. A ideia é começar a namorar o Sergio Ramos, convidá-lo para um encontro romântico nos *baños árabes* e pedir para que ele me ensine a andar de moto. Dessa forma, mato três coelhos com uma cajadada só.

# Estradas

“Mãe, vou voltar para Sevilha de carona”, escrevi. “Com quem, filha?”, mamãe fez questão de saber. “Eu não conheço o motorista, mãe”, optei pela sinceridade. Mamãe quase pirou. Eu havia viajado de carro com algumas amigas para a costa sul da Espanha, mas teria de voltar um dia antes delas para participar de uma corrida na qual estava inscrita – a Color Run, cinco quilômetros durante os quais as pessoas se sujam com tinta em pó enquanto correm.

No dia da volta, eu estava em uma cidade chamada Algeciras – cidade natal do grande guitarrista de flamenco, reconhecido internacionalmente, Paco de Lucía. Não havia ônibus direto de lá para Sevilha, então, se optasse por este meio de transporte, teria de pegar dois ônibus e gastaria mais que o dobro de tempo caso escolhesse viajar de carro. Além de ser mais rápido, viajar de carona e contribuir apenas com o valor da gasolina seria mais econômico.

Na Europa, é extremamente comum viajar de carona. Existe uma rede social chamada BlaBlaCar na qual as pessoas ofertam lugares em seus automóveis, dizem quanto cobram pelo trajeto (geralmente um valor muito baixo, para ajudar a pagar a gasolina), qual veículo possuem e colocam uma foto de rosto para o viajante ver se o motorista é boa

pinta. Quem oferta caronas são pessoas normais, que farão alguma viagem de carro, têm espaço sobrando e decidem dar carona em troca de ajuda com combustível.

É bem prático: basta entrar nesta rede social, colocar a data na qual vai viajar, de onde vai sair e para onde quer ir, que sempre há várias ofertas de motoristas simpáticos que farão o mesmo trajeto e estão dispostos a ceder um lugar em seus carros. Depois que você pega a carona, pode entrar no site e deixar comentários, dar nota para o motorista e, dessa forma, ajudar outros viajantes a decidirem se arriscarão uma carona com ele ou não. Ler comentários que outros deixaram antes de fechar uma viagem também é sempre importante, pois as avaliações prévias te dizem se o motorista é barbeiro e imprudente ou se é sensacional.

Essa viagem de Algeciras até Sevilha, primeira que fiz com Bla-BlaCar, foi maravilhosa. A motorista, que trabalhava como policial e viajava a Sevilha para visitar sua mãe, era excelente e muito amável. No carro, havia outros dois passageiros espanhóis bem simpáticos (um homem, que já havia vivido em Portugal, e uma mulher) que também estavam de carona. Conversamos durante toda a viagem de 180km e foi bastante agradável. Além de pagar um preço baixo, conheci gente nova e tive conversas enriquecedoras. É muito bacana a parte de conhecer gente nova, de diferentes lugares, e bater papo. Aprendi bastante. Depois dessa viagem, ainda usei a rede social de caronas para ir e voltar de Málaga, também na costa sul do país.

Apesar de esse tipo de locomoção já existir em terras brasileiras e dar certo, convenhamos que a Europa é muito mais segura e não tem tantos casos de sequestros, roubos, assassinatos e estupro como o Brasil (eu caminhava sozinha por becos escuros à noite na maior tranquilidade em Sevilha). Minha mãe, acostumada com a realidade brasileira, ficou desesperada quando contei que viajaria de carona com uma completa estranha.

A cultura de pegar carona é tão forte na Europa que, além de o BlaBlaCar ser altamente utilizado – mais de dois milhões de pessoas utilizam a rede todo mês, segundo levantamento do jornal britânico *The Guardian* feito em 2016 –, vi pessoas pedirem carona na saída de cidades com placas enormes com o nome do local para onde queriam ir. No início, eu pensava: “Gente, que perigo!”. Mas depois vi como no continente europeu é muito mais tranquilo confiar em estranhos.

A maioria das estradas da rede nacional é de uso gratuito. No entanto, há algumas que exigem pagamento de pedágio. O montante a pagar varia de acordo com o caso e, geralmente, existem rotas alternativas de utilização gratuita. Mas, de maneira geral, as estradas encontram-se em excelente estado. Independentemente de serem concessionadas ou mantidas pelo governo, estão sempre muito bem conservadas, sinalizadas e iluminadas. É muito tranquilo e seguro viajar de carro pela Europa.

Aluguei carros para viajar algumas vezes em Portugal e na Espanha e foi maravilhoso. Estradas com pelo menos três pistas em cada sentido da via, nenhum buraco, ótima sinalização. Foi muito bom dirigir pelas rodovias portuguesas e espanholas. Além disso, aluguel de carro também é barato. Se o valor for dividido com outros passageiros, viajar em veículos alugados sai bem em conta.

O único imprevisto que tive durante uma viagem de carro foi quando voltava para Sevilha à noite com uma amiga de Florianópolis (havíamos viajado pela região da Extremadura, na Espanha) e não conseguíamos descobrir como ligar os faróis do automóvel. A sorte é que encontramos um posto de gasolina no meio da estrada para pedir ajuda.

Como se não bastasse o excelente estado das rodovias e as opções de ônibus e carona, o sistema de transporte ferroviário da Espanha também é fenomenal. O país é todo cortado por trilhos e

é possível chegar a praticamente qualquer lugar de trem. Além de as cidades serem muito bem conectadas por ferrovias, os trens são muito confortáveis, com assentos espaçosos, televisões e máquinas de comida. Se a viagem for longa, há tomadas para carregar o celular e vagão de lanchonete, com boas opções de lanches – às vezes, comissários de bordo servem alimentos e fones de ouvido.

Na Espanha, existem trens normais e os AVE (trens de alta velocidade, a sigla significa *Alta Velocidad Española*). As viagens em trens normais levam mais ou menos o mesmo tempo que uma viagem em ônibus. Mas o AVE é rapidíssimo, além de ser muito luxuoso (das vezes que viajei de AVE, me senti uma princesa na primeira classe de avião). Obviamente, o AVE é bem mais caro que trens normais. O trajeto de Madri a Sevilha no AVE, por exemplo, leva duas horas (trens normais não fazem esse trajeto) e custa cerca de 60 euros. O mesmo trajeto de ônibus (530 quilômetros) leva seis horas e custa 20 euros. Como a diferença de preço é grande, sempre ia de ônibus para economizar – fiz o trajeto no AVE uma vez com meu pai, assim que cheguei na Espanha. Quase um ano depois, peguei um AVE de Zaragoza (no norte do país) a Madri.

Então, se quando for viajar não estiver com muita vontade de socializar, ser simpático, conversar e conhecer gente nova, sugiro viajar de trem ou de ônibus, para poder dormir durante o percurso e não precisar ser amigável. Às vezes, tudo o que precisamos é de um pouco de paz e sossego. Outras vezes, estamos animados, queremos contar da nossa vida e fazer novos amigos. A Espanha oferece viagens para qualquer tipo de humor, tanto para dias sociáveis, quanto antissociais.



## Surfe em sofás

Por ser um continente recheado de mochileiros, receber jovens viajantes de todas as partes do mundo é tradição em praticamente todos os países da Europa. Assim, hostels – ou albergues – são ótimo negócio. Como são hotéis para quem quer economizar e conhecer gente nova, eram sempre minha primeira opção de hospedagem quando viajava.

Os quartos costumam ser compartilhados – alguns albergues têm quartos individuais, mas são minoria – entre quatro ou mais viajantes. Quanto mais gente compartilha o quarto, mais barata é a diária. Há hostels que têm dez beliches em um quarto, por exemplo. Ou seja, o viajante dorme em um ambiente com até 19 pessoas.

Hospedei-me em hostels diversas vezes, porém a mais marcante foi a vez em que fui sozinha a Faro (cidade no sul de Portugal), pois foi quando realmente precisei conhecer gente nova. Como estava sozinha – diferentemente das outras viagens, que fiz com amigos –, era bom ter companhia para jantar, bater papo à noite antes de dormir, ouvir sugestões de passeios.

Nesta viagem, fiz amizade com uma garota australiana que morava em Londres havia dois anos e também viajava sozinha,

chamada Hannah Scott. Conhecemo-nos porque dividimos o mesmo quarto com outras duas garotas (eram duas beliches). Enquanto eu a ajudava a se comunicar com os portugueses, ela me dava inúmeras dicas interessantes de viagens. Tivemos conversas muito enriquecedoras.

Os albergues são lugares descontraídos, com gente de todas as partes do planeta que roda o mundo viajando. A maioria tem refeitórios compartilhados, dessa forma, os hóspedes podem comprar ingredientes no supermercado e preparar refeições no próprio alojamento. Isso também proporciona grande integração entre os hóspedes. Muitos hostels, para facilitar o entrosamento, organizam festas, luais, jantares, churrascos, noites de drinques, momentos de jogos, passeios turísticos a pé ou de bicicleta pela cidade, *pub crawls* (maratona de bares) e atividades do tipo.

Outra opção para quem não quer gastar muito com hospedagem é o Airbnb, plataforma de hospedagens que foge da acomodação tradicional – apesar de existirem outras plataformas do tipo, esta é a mais utilizada, por ter bastante credibilidade. Nela, as opções vêm de pessoas “normais”, que possuem um apartamento, uma casa, ou até mesmo um quarto e os colocam em oferta para que viajantes possam alugá-los e aproveitar a delícia que é se sentir como um habitante local na tão distante cidade de destino. As acomodações são as mais variadas possíveis, desde cabanas, baracas e casas na árvore para acampar em parques ecológicos, até apartamentos de luxo no centro da cidade.

Há um tempo, a ideia de alugar uma casa em outro país mundo afora parecia distante e irreal – principalmente nos destinos menos turísticos ou cujo idioma é diferente. O Airbnb conseguiu tornar fácil descobrir quem alugaria uma casa charmosa no centro de Paris, um apartamento moderno para morar em Vancouver durante um curso de inglês, ou até uma acomodação aconchegante em Jerusalém. São mais de 190 países cadastrados na plataforma e a faixa de preços é bem razoável.

A base da plataforma é a confiança, afinal, é esperado que as pessoas sintam certo receio tanto em receber um hóspede desconhecido em casa, como em dormir na residência de um estranho. Por isso, além de o Airbnb fazer séria verificação no cadastro dos novos usuários (com envio de vídeo, fotos, endereço etc.), o site ainda permite o registro de avaliações de anfitriões e hóspedes. Sendo assim, o usuário tem acesso a uma série de comentários a respeito da hospedagem ou do hóspede em questão escrito por outras pessoas da plataforma que se relacionaram com eles de alguma forma.

Usei o Airbnb duas vezes para me hospedar e foi muito satisfatório. Na primeira vez, aluguei com minha irmã e mais três amigas uma casa na cidade de Dubrovnik, no sul da Croácia, em julho de 2014. A casa era linda e tinha varanda e janelas com vista para o mar. Pagamos um valor muito baixo perto do que hotéis e albergues nos cobriam – e ainda tivemos o conforto de ter uma casa inteira (com sofá, televisão, ar condicionado, geladeira, fogão e, surpreendentemente, até violão e guitarra) apenas para nós.

Na segunda vez, alugamos um apartamento, também em julho de 2014, enquanto estávamos no sul da Croácia, na cidade de Split. Participamos de um festival internacional de música eletrônica com vários dos DJs mais renomados do mundo, chamado Ultra Europe, e o apartamento ficava no centro da cidade, a três minutos a pé do estádio de futebol Poljud, onde acontecia o festival. Pagamos muito barato por hospedagem na melhor localização possível, e o lugar ainda tinha máquina de lavar (muito útil para quem viaja por mais de um mês apenas com uma mochila nas costas).

Outra modalidade de hospedagem que tem se tornado bastante popular, principalmente entre intercambistas, é o *couchsurfing* (expressão que significa “surfando em sofás” em inglês). A expressão surgiu a partir de um site com esse nome que promovia hos-

pitalidade entre pessoas de diferentes cidades do mundo. A plataforma funciona da seguinte maneira: as pessoas oferecem espaços em suas casas – geralmente os sofás de casa, ou colchões na sala de estar – para que viajantes se hospedem gratuitamente. Em troca, quando a pessoa que recebeu alguém em casa for viajar, ela também pode se hospedar de graça na residência de outro anfitrião. Dessa forma, as pessoas podem viajar o mundo alojando-se sem pagar nada com habitantes locais, que, na maioria das vezes, passeiam com os hóspedes e dão boas dicas da cidade. E os anfitriões têm a oportunidade de receber pessoas de diferentes culturas e praticar outros idiomas.

Depois que o site se tornou popular, começaram a surgir diversos grupos independentes de *couchsurfing* nas redes sociais, principalmente no Facebook e no Whatsapp. Quem quer viajar para Milão, na Itália, por exemplo, sem pagar hospedagem, pode digitar “*Couchsurfing Milan*” no Facebook para encontrar diversos grupos de pessoas que oferecem suas moradias na cidade italiana em troca de hospedagem em outros lugares.

As cidades europeias em geral são repletas de intercambistas graças ao programa Erasmus (acrônimo do nome oficial em inglês *European Community Action Scheme for the Mobility of University Students*). Trata-se de um plano de ação da comunidade europeia de mobilidade para estudantes universitários. É uma espécie de Ciência Sem Fronteiras da Europa, pois o programa promove mobilidade para alunos e professores universitários do continente.

Milhares de estudantes europeus são beneficiados pelo programa e fazem intercâmbio estudantil em universidades de outros países. Assim, cidades universitárias costumam estar tomadas por intercambistas, chamados popularmente na Europa pelo nome do programa. Até estudantes vindos de outros continentes, mesmo sem fazer parte do plano de ação europeu, precisavam dizer que eram “Erasmus” quando queriam informar que faziam intercâmbio.

bio. Precisei dizer *soy Erasmus* a alguns professores para explicar-lhes que só ficaria no país por um ano.

Diversos estabelecimentos das cidades que recebem estudantes estrangeiros fazem promoções para alunos Erasmus. Só por ser intercambista, quase nunca precisei pagar para entrar em festas, e tinha descontos em bares, restaurantes, lojas e até para usar a rede social de caronas BlaBlaCar.

Esta grande quantidade de intercambistas faz com que as ofertas de *couchsurfing* sejam enormes e variadas. É possível encontrar estudantes que cedem espaços de casa em praticamente qualquer lugar do continente.

Fiz *couchsurfing* uma vez no intercâmbio, quando fui a Málaga, capital da província andaluza de mesmo nome, em janeiro de 2015. Combinei com uma amiga de Brasília que vivia em Madri, Juliana Gonçalves, estudante da UnB de engenharia de produção, de nos encontrarmos na cidade andaluza. Enquanto decidíamos em que hostel iríamos nos hospedar, ela sugeriu: “Cacá, tenho um amigo da UnB que mora em Málaga e ele me disse que podemos ficar de graça na casa de umas amigas dele, que tal?”. Como dinheiro estava curto, topei.

Fomos muito bem recebidas por três garotas brasileiras, estudantes de engenharia de produção de Florianópolis, Curitiba e Belo Horizonte, que estavam na Espanha pelo programa Ciência Sem Fronteiras, assim como minha amiga Ju. Elas colocaram um colchão de casal no chão da sala de estar, onde eu e Ju dormíamos.

Tudo ia muito bem, até que uma tragédia capilar aconteceu. Não levei secador de cabelos quando fui para a Espanha (até porque morro de preguiça de secar o cabelo e nunca o faço). Passei mais de um ano sem secar minhas madeixas até que, em Málaga, peguei um secador emprestado na casa em que estava alojada. De

alguma maneira que ainda não entendi, minha franja foi sugada pela parte de trás do secador e quebrou o aparato. O banheiro foi tomado por um cheiro terrível de queimado. Fiquei com o secador pendurado na franja e, em meio à fumaça, gritei por ajuda. O diagnóstico das garotas que estavam na casa foi unânime: eu teria de cortar a mecha capturada. Resultado, um pedaço da minha franja foi cortado e fiquei com um cotoco. É por essas e outras que não seco o cabelo.

O secador deu perda total após o acidente, por isso, ainda precisei sair para comprar um novo aparelho para as donas da casa. Fui a uma tradicional loja de eletrônicos da Espanha chamada Media Markt e comprei por 14 euros um secador melhor do que o que havia quebrado. Passei o ano inteiro sem comprar secador para economizar e acabei tendo de gastar no fim do intercâmbio com um aparelho que nem ficaria comigo. Ironias do destino.

Como falei sobre opções baratas de hospedagem para mochileiros neste texto e já discorri sobre estradas e ferrovias em crônicas anteriores, citarei rapidamente a facilidade para viajar de avião. Na Europa, existem empresas aéreas de baixo custo. Estas empresas são voltadas para quem não viaja com muita bagagem, como mochileiros, que rodam o mundo apenas com uma mochila nas costas, ou pessoas que não pretendem passar muito tempo longe de casa. As passagens são extremamente baratas e a única regra destas empresas é: o passageiro pode levar apenas mala de mão. Caso queira despachar bagagem, deve pagar um valor à parte.

A companhia aérea de baixo custo mais conhecida – por oferecer mais opções de trajetos e ter as passagens mais baratas – é a Ryanair, empresa irlandesa com sede em Dublin, que opera voos de baixo custo desde 1985. Há inúmeras opções de trechos aéreos internacionais por menos de dez euros, para mais de 25 países da Europa. Ou seja, é possível viajar para outros países por menos de 50 reais.

Além da Ryanair, existem outras companhias aéreas que operam voos de baixo custo, como a EasyJet e a Vueling. Uma ferramenta muito útil para localizar as passagens aéreas mais baratas é o site Skyscanner. A página mostra gráficos com os dias mais baratos para viajar e todas as passagens ofertadas (de todas as companhias aéreas) dentro de um período de tempo escolhido. Por exemplo: uma pessoa quer viajar em julho, mas ainda não decidiu o dia específico. Ela pode acessar o Skyscanner, selecionar o período (no caso, mês de julho), o ponto de partida e o destino. O site mostrará quais dias dentro desse período têm os bilhetes mais baratos para o trajeto determinado. O Skyscanner também faz comparações de preços de hotéis e aluguel de carros.

Usei bastante as empresas de baixo custo. Por exemplo, uma passagem de Sevilha até Londres custava aproximadamente 20 euros pela Ryanair (cerca de 60 reais). Quando fiz mochilão em julho de 2014, apenas viajei por estas empresas, que têm preços bem acessíveis em comparação com os valores de passagens aéreas no Brasil.

Mas, se você ainda estiver pensando na situação desagradável que foi quebrar o secador das minhas anfitriãs em Málaga, digo que, apesar da vergonha, ficou tudo bem. As garotas são uns amores e mantemos contato por redes sociais até hoje, quase dois anos após ter voltado do intercâmbio. Meu cabelo já cresceu novamente e se recuperou forte e saudável do trauma de derreter dentro de um secador.

## Coração bandido

Com apenas poucas horas de carro, é possível atravessar um país inteiro de norte a sul na Europa. Um dia, a alemã que morava comigo no primeiro semestre, Hanna Schwindling, estudante de filologia (também intercambista na Universidad de Sevilla), foi visitar a família na Alemanha e disse que, de Sevilha até a cidade dela, são menos de duas horas de voo. É como se fosse um voo de Brasília até o Rio de Janeiro.

No Brasil, estamos acostumados a viajar longas distâncias para nos locomover dentro do próprio país. Quando eu contava a meus amigos europeus, por exemplo, que brasilienses dirigiam cerca de 15 horas para ir até as praias mais próximas, eles surtavam. Para eles, é muito difícil imaginar um território tão grande.

Se todos os países da Europa – com exceção da porção russa-europeia – fossem colocados dentro do Brasil, ainda sobraria espaço. Para se ter uma ideia, aqui caberiam cerca de 17 espanhas, ou 35 reinos unidos, 92 portugueses, 101 áustrias, 205 bélgicas, 3.293 luxemburgos e a assim vai.

Porém, mesmo com a grande proximidade entre as fronteiras, os espanhóis não viajam muito para outros países. Eles viajam



bastante dentro da Espanha, conhecem várias cidades do próprio país, porém, conhecem pouco os países vizinhos. A maior parte dos espanhóis com os quais conversei nunca foi a Portugal – e são menos de três horas de ônibus de Sevilha até a fronteira com Portugal (menos de duas horas de carro). Um dos meus amigos espanhóis me disse que, quando ele economiza dinheiro para viajar, prefere ir a lugares um pouco mais distantes, como Inglaterra, por exemplo, do que gastar para ir a um país tão próximo.

Eu fui bastante a Portugal durante o ano de intercâmbio. Já havia estado em algumas cidades portuguesas com minha família em 2007 e aproveitei a proximidade de Sevilha com o território português para voltar diversas vezes e conhecer outras cidades. Uma prática muito comum entre intercambistas é fazer bate-volta para as praias do sul de Portugal durante o verão (julho e agosto). Juntávamos grupos de estudantes para ir a praias portuguesas de manhã e voltar à capital andaluza no mesmo dia, no fim da tarde. O bate-volta saía por volta de 20 euros, valor de uma balada no Brasil.

Contudo, passagens de avião para Portugal desde Sevilha são absurdamente caras em comparação com o preço de passagens para países mais distantes. É muito mais barato viajar de avião para a Inglaterra, Bélgica, França, Itália, Irlanda, do que para Portugal. A sorte é que existem ônibus e Sevilha está a menos de 200km deste país.

Os europeus estão acostumados a percorrer distâncias muito curtas. Quando eu dizia que Goiânia, a 200km de Brasília, é considerada pelos brasileiros uma cidade vizinha, ficavam chocados. “Como assim 200km? Percorrendo essa distância você pode ir a outro país”, me diziam. Mas, pasmos mesmo, eles ficavam quando eu contava que já havia feito uma viagem de ônibus de 36 horas de duração, de Brasília até Porto Alegre (RS), para disputar um campeonato de futsal. E fazia questão de intensificar a informação

chocante: “E Brasília está no centro do Brasil. Foi uma viagem do centro até o sul do país e, não, de norte a sul”. Os gringos piravam.

Por tudo ser muito perto, é imensa a facilidade para viajar na Europa. É possível realizar inúmeros bate-volta de qualidade – nós, brasilienses, que temos que nos contentar com fins de semana em Pirenópolis (GO), ficamos loucos com as opções de bate-volta que a Europa oferece. Uma dessas viagens de um dia que fiz, contudo, foi traumática para mim e para os outros estudantes que estavam comigo. Gosto de me referir a ela como “o dia em que sobrevivi ao ataque dos macacos assassinos de Gibraltar”.

O que parecia ser um lindo sábado de viagem ao estreito de Gibraltar, que separa a Europa da África por meros 13km de largura, tornou-se um dia de desespero no topo do rochedo, também conhecido como Coluna de Hércules, ponto turístico mais emblemático do território. Esse rochedo me lembrou bastante o morro Pão de Açúcar, do Rio de Janeiro.

A programação do dia era subir a Coluna de Hércules de teleférico pela manhã, brincar até as 14h30 com os lindos macaquinhos que lá habitam (250 macacos, os únicos selvagens da Europa) e descer para passear na cidade.

Éramos muitos estudantes de todas as partes do mundo e, assim que subimos, deparamo-nos com os macaquinhos. A empolgação foi imediata. Todos queriam tirar foto com os bichinhos e brincar com eles. Até que veio o primeiro ataque: um miquinho fofo colocou sua pequena mão fofa no braço de uma menina italiana. A garota adorou a simpatia do macaco e ofereceu-lhe o braço inteiro para que ele brincasse. Mas, inesperadamente, o mico saltou na cabeça dela e se pendurou em seus cabelos. A italiana se chacoalhava e o macaco não saía. Então, ela inclinou a cabeça para trás e, com o peso da gravidade, o animal caiu, puxando seu brinco. Ela ficou sem brinco e com a orelha vermelha.

Todos ficamos mais alertas, embora ainda estivéssemos tranquilos. Vimos que os macaquinhos se sentiam muito atraídos por bolsas e mochilas. Tentavam pegar lanches e abrir zíperes. Em determinado momento, eu estava tirando uma foto e algumas pessoas gritaram e apontaram para mim. Quando vi, havia um miquinho agarrado em minha bolsa, porém, como era pequeno, dei dois puxões e ele saiu. Uma brasileira de Campinas (SP) que estava no grupo, Taline Bueso, comentou que tinha ouvido dizer que alguns dos macacos de Gibraltar haviam sido deportados dois anos antes por roubarem turistas.

A história só começou a ficar séria quando, um pouco depois disso, estávamos admirando a paisagem e ouvimos gritos. Quando me virei, vi a cena: um macaco muito grande correndo com a mochila de uma menina mexicana nas mãos. A garota, que virou alvo de ataques dos macacos, chama-se Georgina. Todos rodearam o macacão – espécie de macaco alfa do território, por ser muito maior que os outros – e ele começou a abrir os zíperes da mochila de Georgina e tirar todas as coisas de dentro.

Ninguém tinha coragem de enfrentar o bicho. O macaco alfa encontrou o sanduíche de presunto da menina e as batatas fritas e começou a comer tudo no meio de todos. Quando terminou a refeição, foi embora e Georgina começou a catar suas coisas, que haviam sido arremessadas longe.

Nessa hora, o clima já era de bastante tensão no topo do rochedo. Muitas pessoas foram alvo de roubos e ninguém mais queria ficar perto dos animais. Porém, a vida é uma caixinha de surpresas e, novamente, ouvi gritos de desespero já conhecidos. Dessa vez, Georgina não deixou o macaco levar seus pertences sem lutar. A imagem que vi quando me virei foi da menina brigando com o macaco alfa por sua mochila. Ele puxava de um lado e ela de outro. Mas ele ganhou na força e foi arrastando Georgina que estava agarrada na mochila. A garota não foi forte o suficiente e o ma-

caco ganhou a briga. Abriu todos os bolsos novamente e pegou iPhone e passaporte. Enquanto isso, uma brasileira ao meu lado, Bruna Veronese, não parava de gritar: “Chuta ele, chuta ele!”

Ninguém mais queria ficar lá em cima. Ninguém queria estar a 20 metros de distância dos macacos e contávamos os minutos para descer. Era terror e pânico. Meu maior sentimento não era de medo, mas de incredulidade. Não acreditava no que via. Macaquinhos fofos por fora, mas com coração bandido. Às 14h30, os estudantes tinham opção de continuar explorando o rochedo ou descer. A decisão foi unânime: todos desceram.

Apesar do ataque dos macacos, a vista de cima do rochedo é belíssima. Pode-se ver a África de lá – Marrocos, mais especificamente. A cidade também é muito interessante, diferente de tudo que já vi, porque, apesar de estar na Espanha, o território é britânico (inclusive, tivemos de passar pela alfândega para entrar lá). Por isso, as pessoas falam inglês e espanhol fluentemente e pode-se pagar compras em euros e em libras. Hoje, a aventura vivida no topo da Coluna de Hércules me rende boas risadas.

Gibraltar não é a única cidade de onde se pode avistar Marrocos, afinal, são menos de 15km de distância entre o fim da Espanha e o começo do continente africano. O território do governo britânico é o ponto onde essa distância é a mais curta, porém, também é possível avistar terras africanas de algumas praias de Cádiz (província mais ao sul da Espanha, cuja capital tem o mesmo nome). A Playa de Bolonia é uma dessas praias. Ela possui muitas dunas de areia e, após escalar algumas delas, pode-se ver montanhas marroquinas no horizonte.

Essa proximidade entre a Andaluzia e o norte da África faz com que seja possível ouvir rádios marroquinas quando se liga o rádio em algumas cidades do sul da Espanha. Se você está no carro na província andaluza de Cádiz e liga o som, por exemplo,

pode sintonizar várias emissoras árabes. Foi assim que me tornei fã do MC Panjabi, cantor super descolado da Índia que faz bastante sucesso em Marrocos. Ele tem músicas bem dançantes. Uma delas, chamada *Mundian To Bach Ke*, inclusive, ficou mundialmente conhecida por ter sido trilha sonora do filme de comédia O Ditador, de 2012. Eu sempre colocava essa música para tocar quando estava sozinha no quarto, enquanto tentava fazer danças árabes em frente ao espelho.

Então, se você deseja ir a Gibraltar com o único objetivo de ver Marrocos, meu conselho é que faça isso em alguma praia de Cádiz, porque, além de avistar o território africano, pode escalar belas dunas que te fazem sentir-se no deserto e pegar um bronze, enquanto escuta músicas em árabe, sem se preocupar com iminentes furtos.

## Cinemas de verão

Quando se completaram os seis meses que eu passaria em Sevilha originalmente e prorroguei minha estadia por mais um semestre, precisei me mudar de apartamento. As três garotas que moravam comigo haviam voltado a seus países e eu significava um prejuízo para o dono do imóvel, pois ocupava o local de quatro quartos e pagava apenas por um. Então, ele me pediu o apartamento, pois queria aproveitar o período de férias para reformá-lo. Assim, mudei-me do tradicional bairro de Triana, na beira do Rio Guadalquivir, para o bairro de Santa Cruz, localizado no centro histórico da cidade.

Como no verão a capital andaluza fica vazia, consegui alugar um quarto muito maior, em um apartamento sensacional, melhor que o anterior, pelo mesmo preço que pagava antes. Eu era uma das únicas pessoas que buscava casa para alugar em agosto, mês mais quente do ano. Pagava apenas por um quarto, mas podia usufruir do apartamento inteiro de três quartos até outros inquilinos aparecerem. Vivi sozinha naquele local por pouco mais de um mês, até meados de setembro, quando chegaram duas brasileiras e uma italiana para ocupar os outros dois quartos – as brasileiras, Vanessa Sforsin e Beatriz Costa, provenientes de Bauru (SP), dividiam um quarto.

Na primeira sexta-feira após me mudar para o centro histórico (havia me mudado na segunda-feira), combinei com minha amiga Carla Matzenbacher – que tinha participado do mesmo processo seletivo que eu na Universidade de Brasília para conseguir a vaga na Universidade de Sevilha e também havia prorrogado a estadia – de irmos a um *cine de verano* (“cinema de verão”, em português), uma das adaptações que a cidade faz para ajudar os moradores a sobreviverem ao calor intenso do verão. São cinemas ao ar livre, montados em vários cantos de Sevilha. É comum, nessa época do ano, ir assistir a filmes em parques, praças, jardins, sentado em cima de toalhas ou cangas, acompanhado de uma boa garrafa de vinho.

Carlinha e eu íamos a uma sessão noturna dentro de um prédio da Universidade de Sevilha, no centro histórico. A tela seria montada em uma área aberta do edifício – se olhássemos para cima, poderíamos ver as estrelas. O filme seria o documentário *Rolling Stones – Shine a Light*, de Martin Scorsese.

Como estava de férias, havia tido um dia tranquilo. Fui ao mercado, cozinhei, assisti a alguns episódios do seriado *How I met your mother*, li alguns capítulos de *O senhor dos anéis – As duas torres* (segundo livro da trilogia do escritor J. R. R. Tolkien) e tirei um cochilo à tarde. Acordei por volta das 18h, tomei banho e me arrumei para a sessão de cinema.

Quando fui sair de casa, a porta não abria. A tranca que havia na parte de cima da entrada estava fechada de chave e eu não tinha essa chave. O pior: essa tranca só podia ser fechada por dentro. Havia alguém na minha casa. A pessoa que havia me trancado estava ali dentro. Socorro.

Meu coração parou. Congelei. Meu corpo insistia em ficar paralisado ali, mas eu estava em perigo e precisava tomar uma atitude. Comecei a tentar abrir a tranca com a mão, inutilmente. Usava

todas as forças que tinha, mas, obviamente, não foram capazes de abrir uma barra de ferro. Então, precisava de um plano B.

A cozinha ficava do lado da entrada do apartamento. Caminhei cautelosamente até a gaveta de talheres e peguei uma faca para tentar me proteger de algum suposto invasor. Com a faca empunhada, comecei a verificar todos os cômodos da casa. Visitei os três quartos, os dois banheiros, a sala, a cozinha e as varandas. Nada. Ninguém. Como assim? A pessoa me trancou e saiu pela janela? Era um espírito? Aconteciam atividades paranormais naquela casa? Eu era sonâmbula e havia encontrado uma forma de fechar aquela tranca enorme enquanto dormia? Tudo isso passou pela minha cabeça.

Peguei o celular e mandei uma mensagem no grupo do *Whatsapp* no qual estão meus pais e minhas duas irmãs: “Socorro, alguém me prendeu dentro de casa e acho que essa pessoa está aqui dentro”. Expliquei-lhes tudo o que havia acontecido: estava sozinha, cochilei à tarde, arrumei-me para sair e, ao tentar abrir a porta de casa, a fechadura de cima estava trancada e eu não tinha a chave dela. O desespero familiar foi imediato.

Mamãe começou: “Grita na janela, filha! Pede ajuda!”. Imaginem como seria vergonhosa a cena de mim berrando por ajuda em espanhol na varanda (“*¡Ayuda! ¡Ayuda!*”). Os bombeiros chegariam e me salvariam com aquela escada que sai do caminhão? Ou me mandariam pular numa cama elástica posicionada no meio da rua? Preferia morrer com dignidade dentro do apartamento, sem chamar muita atenção.

Depois dos conselhos de mamãe, foi a vez de papai: “Você tem suprimentos para sobreviver ao fim de semana? Tem comida e água suficientes?”. Sentia como se ele, filho de militar, estivesse me preparando para a guerra. Mas a pergunta dele fazia sentido, pois, como era sexta à noite, a imobiliária que me alugava o apartamen-



to estaria fechada durante o fim de semana e eu só poderia ligar para pedir ajuda na segunda-feira. Outra opção seria encontrar um chaveiro de plantão, porém, a fechadura só poderia ser aberta por dentro de casa. Ou eu realmente poderia seguir a linha de pensamento de mamãe e chamar bombeiros para arrombarem a porta. Bom, o primeiro a se fazer, naquela situação, era cancelar o *cine de verano* com Carlinha.

Entrei na conversa do *Whatsapp* que tinha com ela e disse: “Carlinha, não poderei ir ao cinema, porque tô presa dentro de casa”. Ela respondeu assustada: “Como assim??”. Contei o que havia acontecido e ela logo quis entrar na comitiva de salvamento: “Cacá, me manda uma foto da fechadura”. Tirei uma foto da porta que me impedia de sair de casa para viver meus sonhos e enviei a ela. Minha amiga analisou a imagem e arriscou: “Tenta apertar aquele parafuso ali em cima e puxar a tranca enquanto aperta”. Ela acertou. O que parecia um parafuso, na verdade, era um botão. Tentei e deu certo: a barra enorme de ferro se moveu e destrancou a porta.

Fiquei impressionada e perguntei a Carla como ela soube o que fazer tão instantaneamente. Ela disse: “Aconteceu a mesma coisa comigo no apartamento em que morava no semestre passado. Fiquei presa dentro de casa, mas demorei horas até descobrir que o parafuso é um botão”. Ainda bem que minha amiga já era experiente em fechaduras estranhas.

Saí de casa com uma sensação incrível de liberdade, mas o mistério ainda pairava no ar: quem havia me trancado ali? Encontrei Carlinha na frente do edifício onde seria a sessão de cinema e começamos a debater. As teorias desenvolvidas foram muitas, mas não chegamos à conclusão alguma. Sou cética em relação a espíritos, então eliminei esta teoria. Também eliminamos a possibilidade de haver sido resultado de sonambulismo, pois, se eu não sabia que o parafuso era um botão, como poderia ter fechado a tranca? Para fechá-la, também era necessário pressionar o botão.

Esse mistério me deixou agoniada durante todo o fim de semana. Na segunda-feira, acordei e corri para a imobiliária. Conteí a história toda e eles disseram: “A dona do apartamento deve ter dado uma passada lá e fechado a porta. Vamos ligar para ela e perguntar”. A secretária da imobiliária, uma garota da minha idade chamada Teresa Gonzalez, empenhada em solucionar o mistério, pegou o telefone e discou. A proprietária atendeu prontamente e disse que fazia semanas que não ia ao apartamento. Não havia sido ela. Teresa desligou o telefone e ficamos um tempo caladas com os olhos arregalados, sem saber o que pensar.

Voltei para casa e decidi aceitar que o enigma nunca seria solucionado e que eu deveria conviver com isso. Após alguns dias de aceitação, meu celular tocou. Era Teresa. “Carina, o mistério foi solucionado, não precisaremos mudar o segredo da fechadura”, comemorou a garota. E ela me contou que, toda vez que a imobiliária entrega um quarto novo, uma faxineira é contratada para fazer limpeza na casa. A faxineira tinha estado no meu apartamento enquanto eu tirava o cochilo da tarde e trancado a fechadura de cima ao sair. Neste momento, corri para fazer uma cautelosa análise na porta e descobri que, realmente, ela também podia ser fechada por fora – havia um furo minúsculo e camuflado para o encaixe da chave.

Apesar da história de (quase) terror que acabei de contar, esta crônica, na verdade, é sobre as mudanças em Sevilha nos meses de calor. A cidade passa por adaptações na transição primavera-verão, como os cinemas a céu aberto, para que as pessoas não sofram tanto com as altas temperaturas, que chegam a quase 50 graus.

Além dos cinemas, as festas também precisam ser adaptadas. Quando o verão se aproxima, todas as boates fecham as portas e as *fiestas de terraza* começam. Elas são festas em espaços abertos, ao ar livre, pois ninguém consegue andar, dançar e pular em lugares fechados, abafados e cheios de gente. As

famosas *terrazas* (“terraços” em português) abrem as portas e fazem o maior sucesso, afinal, são como grandes boates, com bares, banheiros, DJs, mas em locais arejados. Quando o inverno se aproxima e a temperatura esfria, as *terrazas* param de funcionar e dão lugar às boates em espaços fechados, porque é frio demais para ficar ao ar livre no meio da noite.

As piscinas dos prédios, condomínios e muitos hotéis são outro elemento de lazer que só funciona durante o verão. Assim que o verão acaba, elas são interditadas. É engraçado, porque fecham aos poucos e as pessoas começam a entrar em desespero ao procurar locais que ainda tenham piscinas abertas. Quando o verão estava perto de terminar, ouvi muitos diálogos do tipo: “Ai, socorro! A piscina do meu condomínio fechou! A do seu ainda está aberta? Posso ir lá nadar qualquer dia desses?”, ou “Galera, a piscina do meu prédio ainda tá aberta! Quem quiser aparecer essa semana aproveita, que ela já fecha semana que vem!”

Alguns hotéis (como o Meliá) deixam pessoas de fora, que não são hóspedes, pagarem um pequeno valor para utilizar a piscina por algumas horas. Há um hotel perto de onde eu morava que cobrava cinco euros para utilizarmos a piscina por uma tarde.

Quem não está disposto a pagar para usufruir de banhos de piscina, usa a criatividade, como alguns garotos do primeiro prédio onde morei, no bairro de Triana – alguns dos maiores artistas da história do flamenco saíram de Triana, por isso, este bairro é considerado um dos berços desse estilo. Todos os apartamentos daquele edifício eram ocupados por estudantes. Quando o calor chegou na cidade, seis rapazes de um dos apartamentos se juntaram para comprar uma piscina de plástico e a colocaram na cobertura para se refrescar nas tardes de verão.

Todos os prédios do centro têm cobertura (*azotea* em espanhol) com varal para estender roupa. Como as construções do

centro são antigas, estas coberturas costumam ser bem simples, então as pessoas realmente as usam com o objetivo de secar roupa.

Cada morador ganha uma chave para abrir a porta da cobertura de seu edifício. A maioria das construções no centro histórico são baixas (têm no máximo três andares) e não possuem elevador. Dessa forma, para usar a *azotea*, deve-se subir quatro andares de escada (o terceiro andar ainda tem apartamentos), e abrir a porta de ferro que dá para a cobertura. Elas são fechadas à chave para impedir que estranhos subam e roubem peças de roupas (acredito que este seja o motivo).

Em julho de 2016, quando retornei a Sevilha para uma visita nostálgica de 15 dias, fiz questão de passar nos apartamentos onde vivi. Quando fui ao prédio da Rua Rosario Vega, no bairro de Triana, onde morei de janeiro a julho de 2014, a porta do edifício estava aberta. Entrei no prédio e decidi testar mais a sorte: subi até o último andar para tentar entrar na *azotea*. A porta estava escancarada. Lá, havia uma piscina infantil, de plástico. Pelo visto, a ideia dos estudantes que haviam vivido no prédio há dois anos tinha sido um sucesso.

Fiquei uns minutos na cobertura, admirando a vista daquela cidade maravilhosa e sentindo um aperto no coração com todas as lembranças que aquele lugar me trazia, até que veio um vento forte que quase fez a porta de ferro bater. Corri para impedir o desastre. Se ela houvesse batido, eu estaria presa na cobertura, sem um *chip* espanhol no celular para pedir ajuda, sem pessoas para ouvirem meus gritos de socorro. Dependia de algum estudante que fosse buscar roupas no varal ou se refrescar na piscina adaptada. Neste momento, percebi como ficar presa dentro de casa, com todos os suprimentos dos quais meu pai tinha perguntado, não teria sido problema algum.

# Respeita meu frio

O inverno na Europa começa oficialmente em dezembro e vai até março. Eu sofri dois deles (em 2014 e 2015) e sempre que dizia a alguém que estava passando frio, rebatiam-me: “Aaah, mas você mora em Sevilha! Em Sevilha não faz frio!”. Por isso, acho importante esclarecer alguns pontos para quem pensa dessa forma.

Só porque o calor de Sevilha no verão é absurdo e a temperatura costuma ser amena durante a maior parte do ano, não significa que no inverno não faça frio. A temperatura chega a ficar bem perto de 0°C (de madrugada, pode ficar negativa) e convenhamos que isso é frio. Claro, em outras cidades, faz muito mais frio, neva, há tormentas etc., mas entra outra questão: estas outras cidades estão preparadas para o frio. Sevilha, não.

A capital da Andaluzia não é nem um pouco preparada para o inverno. Por exemplo, cidades famosas por terem invernos pesados têm aquecedores em todos os espaços fechados. As casas, além de serem aquecidas, muitas vezes têm também aquecedores de toalhas, aquecedores de piso, água quente em todas as torneiras etc. Então, nessa estação do ano, as pessoas podem

passar frio enquanto caminham pela rua, mas não passam frio em casa, não passam frio para lavar a louça, para tirar a roupa no banheiro antes do banho, para dormir.

Como Sevilha é famosa por não ter inverno pesado, a cidade não tem nada disso. Casas e edifícios não costumam ser aquecidos e as pessoas precisam comprar aquecedores portáteis que, muitas vezes, não servem de nada. Viajei para lugares muito mais frios que a cidade onde morava, mas não sofri tanto, porque fiquei quentinha sempre que estava em lugares fechados. Em Sevilha, sentia menos frio na rua, mas congelava em casa. Eu tinha dois aquecedores portáteis no quarto que amenizavam meu sofrimento, mas, mesmo com eles, precisava estar sempre bem agasalhada.

Ir à cozinha preparar comida ou lavar louça em Sevilha significa passar frio. A água da pia não sai quente, sai tão gelada que dói. É tão fria, que embaça copos e garrafinhas. O banheiro também é um gelo, afinal, a temperatura ambiente costuma ficar entre 0°C e 10°C (dependendo da hora do dia) e tirar a roupa para tomar banho é um martírio. Ah, e se você deixar toalha molhada pendurada no banheiro depois de se enxugar, ela não vai secar e, no dia seguinte, estará gelada e com cheiro de mofo. Eu colocava minhas toalhas para secar no quarto ao lado do aquecedor.

Em cidades preparadas para o inverno, as pessoas têm secadoras de roupas, para que possam secar as peças após a lavagem. Em Sevilha, quase ninguém tem secadora. Ou seja, lavamos roupas e as penduramos, mas elas não secam. Quando secam (após 174 dias penduradas), cheiram a mofo. No meu apartamento, o jeito foi colocar um aquecedor ao lado do varal também, embora, mesmo com ele, a missão ainda fosse difícil. Ou seja, na capital andaluza, a temperatura pode não ser tão negativa como em outras cidades do mundo, mas, nesses outros locais, as pessoas podem ficar de regata dentro de casa e dormir sem meia, enquanto eu tinha de lidar com uma temperatura de 3°C dentro do meu próprio quarto.

Quando cheguei a Sevilha, em 23 de janeiro de 2014, a primeira observação que me marcou e deu início à construção destas crônicas foi o fato de os espanhóis não parecerem se incomodar tanto com o termômetro. À noite, a maioria dos bares coloca as mesas do lado de fora, em um frio de 3°C, e as pessoas bebem, fumam, conversam e se divertem numa boa, sem perceber que é inverno e estão expostas a uma temperatura próxima de 0°C na madrugada – talvez porque dentro da casa delas a temperatura seja praticamente a mesma.

Os nenéns, sim, precisam ser bem protegidos do frio. As mães colocam os bebês dentro de sacos de dormir e os enfiam dentro dos carrinhos com minicasaquinhos, miniluvinhas, minitouquinhas e minicachecoizinhos. É a coisa mais fofa do mundo. Quero ter um bebê na Espanha para enfiá-lo em um minissaco de dormir e passear com ele pelas ruas.

O primeiro inverno que vivi na Europa foi um pouco traumático, pois eu era uma brasileira completamente despreparada para temperaturas negativas. Os únicos sapatos fechados que eu tinha eram tênis e, assim que fui convidada para a primeira festa da universidade, precisei sair para comprar botas, pois era impossível caminhar de sapatilhas pelas ruas. Também não tinha casacos que me protegessem do inverno europeu, apenas casacos simples de moletom que uso nas noites “frias” de Brasília (onde a temperatura fica por volta dos 16°C). Então, eu me virava colocando segunda pele, oito blusas e três casacos – e, mesmo assim, congelava. Não comprava casacos mais quentes, pois eram muito caros e, como minha intenção inicial era morar na cidade apenas até agosto, por seis meses, a tendência era que a temperatura esquentasse a cada dia.

No fim do inverno e início da primavera, os casacos grandes próprios para a estação que terminava começaram a entrar em promoção. Contei para os meus pais que estava passando frio e

eles me mandaram comprar um. Foi uma das melhores aquisições que fiz no meu ano na Espanha. O tanto que ganhei em qualidade de vida depois deste casaco é imensurável.

Quando consegui estender meu período em Sevilha e descobri que teria de passar por outro inverno, fiquei seriamente preocupada – até porque, como cheguei à cidade no fim de janeiro, apenas tinha vivido o fim da estação mais fria do ano e o início gelado da primavera, em março. Dessa segunda vez, teria de passar pelo fim do outono, em novembro (que é frio), e pelo inverno completo (dezembro, janeiro e fevereiro).

Uma frase do seriado *Game of Thrones* – gravado em Sevilha, como contei no início deste livro – resumia bastante minha preocupação diária: “*Winter is coming*” (“o inverno está vindo”). Aliás, fiz outra associação com o seriado: se eu fosse uma personagem de *Game of Thrones*, meu nome seria Carina Summer Child (Carina Filha do Verão) – pois, na série, personagens de regiões frias são chamados de “*Winter Child*” (“Filho do Inverno”).

O clima afeta diretamente meu humor. Não consigo ser feliz quando estou com frio. Quando os dias gélidos começaram a chegar, tentei compensá-los com paçocas, mas elas acabaram em uma velocidade assustadora. Temia pelo meu futuro. À época, em 6 de novembro de 2014, relatei o caso das paçocas:

*Quando vim para Sevilha, pensava que ficaria aqui apenas seis meses. Por isso, preparei malas adequadas para apenas um semestre de estância. Mas o mundo dá voltas, a vida é linda e consegui renovar meus estudos nessa cidade maravilhosa. Contudo, o que eu havia trazido do Brasil deixou de ser suficiente. Um inverno cabuloso se aproxima e comecei a sentir falta de muitas coisas que não trouxe de casa. Há um tempo atrás, recebi a notícia de que um tio muito querido viria me visitar e me perguntaram se eu gostaria que ele trouxesse algo do Brasil para*



*mim. Eu, que precisava de tanta coisa, só lembrei de uma no momento. É como se o mundo inteiro tivesse parado de existir e a única coisa que importava era ela: paçoca. Só consegui pensar: “paçoca”. Lembrei da falta que ela me fazia, do quanto eu era feliz quando a tinha do meu lado, lembrei do cheiro, do gosto... Realmente, nada mais importava. “Paçoca!” – disse com uma convicção inabalável – “Eu quero paçoca!”. Meu pai, conhecendo bem a filha que tem, comprou cem unidades e as enviou por meu tio. No dia seguinte, lembrei das outras 346 mil coisas das quais precisava, mas era tarde demais. Tio Claudio já estava a caminho com minhas caixas de felicidade. Já comi exatamente 58% das paçocas recebidas. Faltam 42%. A mensagem que quero passar com esse texto gigante é: lutem pela paçoca de vocês. Estou feliz e realizada aqui, pois, quando tenho paçoca, não preciso de mais nada.*

Mas a verdade é que, como diz o ditado popular baseado no vídeo brasileiro *Mãe, o forninho caiu*, que viralizou no YouTube em 2013, “Deus nunca nos dá um forninho maior do que podemos carregar”. O vídeo mostra uma menina, chamada Giovana, que deve ter por volta de 10 anos de idade, rebolar, enquanto a irmã – que filma a exibição –, canta a música de funk *Toda gostosa*, do MC Leozinho. Giovana dança em cima de uma mesa ao lado de um forno. Em meio à performance, ela esbarra no aparelho, que cai em cima dela. A garota começa a chorar e tenta segurá-lo, enquanto a irmã pede ajuda: “Mãe, o forninho caiu!”. Por isso, no ditado, o forninho representa as adversidades e obstáculos da vida. No meu caso, passar frio é um sofrimento enorme, por isso, Deus me mandou para uma das cidades mais quentes da Europa, para que eu aguentasse carregar este forninho e conseguisse sobreviver.

Portanto, tinha me precavido para os meses mais frios do ano. Três meses antes de o inverno chegar, testei o aquecedor do quarto para ver se funcionava bem (este era o nível de preo-

cupação). Como vi que o aparelho não era muito eficiente, pedi mais um para a imobiliária que alugava o apartamento. Alguns diriam que adquirir um segundo aquecedor para o quarto... Eu digo que adquirir felicidade.

No segundo inverno que vivi na Europa, estava craque. Havia adquirido todos os artigos de frio necessários para conseguir ser feliz naquela estação do ano. Meu casaco de esquimó – cheio de pelinhos, inclusive no capuz – era meu fiel escudeiro e protetor. Vestia-me como os europeus e me adaptei às adversidades. Mas pensamentos do tipo “ter barba deve ser ótimo, porque deixa o rostoquentinho no frio” sempre vinham à cabeça. Também cheguei à conclusão de que, no inverno, cabelo grande é um cachecol natural. Meu cabelo estava enorme, outra prova de que Deus estava empenhado em me ajudar a segurar esse forninho.

## Ano Novo fora de época

Durante os meses de frio, no fim de 2014, fui com uma amiga de Florianópolis (SC) que vivia em Sevilha, Julia Kurtz, a uma cidade no norte do país chamada Valladolid, capital da comunidade autônoma Castilha e Leão. Por haver crescido no cerrado brasileiro e morar na região mais quente da Espanha, não estava familiarizada com artefatos domésticos de inverno. Quando chegamos lá, comecei a me aprofundar no fantástico mundo de aparelhos especializados em esquentar.

Cheguei no hotel em Valladolid e notei que a toalha pendurada estava bem quente. Não entendi o motivo e me contentei em acreditar que fosse um presente de Jesus para mim na temperatura negativa. Até que Julia comentou comigo mais tarde: “Você viu que no banheiro do hotel tem aquecedor de toalha?”. Aí tudo fez sentido. Eu não sabia que existiam aquecedores de toalha no universo.

Então, a garota catarinense começou a me introduzir no espetacular mundo de dispositivos aquecedores em cidades frias. Contou-me sobre como as mães pré-aquecem as camas dos filhos com lençóis elétricos no frio (e como é gostoso entrar embaixo de um lençol quente desses), sobre como é impossível se enxugar após o banho se a toalha não for aquecida e sobre as

bolsas de água quente com capinhas de lã para colocar nos pés. Nesse dia, dormi feliz e mais esperançosa em relação a meu futuro no inverno europeu.

Logo depois desta viagem, uma amiga de Brasília que fazia intercâmbio em Madri, Juliana Gonçalves, convidou-me para ir com ela a Salamanca, cidade também pertencente à Castilha e Leão, onde seria celebrada a *Nochevieja Universitaria*, típica comemoração de Ano Novo dos estudantes universitários espanhóis.

Centenas de alunos de universidades de toda a Espanha sempre se reúnem na cidade de Salamanca na penúltima quinta-feira letiva do mês de dezembro, desde a década de 1990, para comemorar o Ano Novo. É montado um palco no meio da praça principal da cidade (*Plaza Mayor de Salamanca*), onde DJs tocam a noite inteira, até amanhecer. As centenas de estudantes de todas as partes do país espalham-se pelas ruas para beber, cantar, dançar e festejar. Diversos bares ficam abertos durante toda a madrugada para receber os jovens festeiros.

Às 23h59, acontece uma das tradições mais típicas espanholas: as 12 uvas da sorte. Quando faltam 35 segundos para a virada do ano, sinos no país inteiro começam a badalar – na *Nochevieja Universitaria*, só em Salamanca. São 12 badaladas, com pausa de três segundos entre uma e outra. A cada toque do sino, deve-se comer uma uva. Primeira badalada, primeira uva; segunda badalada, segunda uva; e assim por diante.

Conforme o sino toca, as uvas se acumulam na boca e deve-se mastigá-las e engoli-las muito rápido. É indicado que se compre uvas sem caroço, para evitar acidentes como engasgos com sementes. De acordo com a tradição, comer as 12 uvas ao som das 12 badaladas que precedem a virada do ano traz bastante sorte. Na *Nochevieja Universitaria*, os organizadores da festa – grupos universitários – distribuem pelas ruas centenas de caixinhas em formato de relógio com 12 uvas dentro.

Não consegui comer todas as uvas e fiquei desapontada. Quando as pessoas veem de fora, parece fácil, mas o tempo para colocar a fruta na boca, mastigar e engolir é bastante apertado. Só consegui engolir de maneira apropriada até a quarta uva. A partir da quinta, tornou-se complicado mastigar a tempo de ter de colocar mais uma na boca. Na décima, desisti.

Para ir ao evento, as universidades da Espanha costumam alugar ônibus que chegam a Salamanca com os estudantes por volta das 22h e voltam aos locais de origem às 7h do dia seguinte. Ou seja, os alunos viajam apenas para passar a madrugada na cidade.

Quando Juliana me fez o convite, fiquei receosa, pois havia estado em Salamanca uma semana antes (passei por lá com Julia logo antes de ir a Valladolid) e a temperatura estava negativa. Mas decidi aceitar o desafio, pois queria viver intensamente todas as experiências que o intercâmbio oferecesse e sabia que aquela era uma oportunidade rara. Então, fui a Madri, onde encontrei minha amiga para pegarmos um ônibus na noite de 11 de dezembro de 2014, que nos deixaria na comemoração antecipada de ano novo. O transporte nos esperaria na celebração para nos levar de volta à capital da Espanha no dia 12 pela manhã. Seria uma madrugada de festa nas ruas salamantinas.

Para ir à *Nochevieja*, coloquei absolutamente todas as roupas que consegui. Agasalhei-me tanto e tinha tantas camadas de tecidos, que mal conseguia me movimentar. Eu rebojava ao som da música na praça da cidade, mas o rebojado não podia ser percebido graças às inúmeras peças que me cobriam. A temperatura em Salamanca naquela madrugada era de 6°C negativos, mas eu estava bem preparada. Além disso, os *chupitos* e drinques que tomava por bares da cidade me ajudavam a manter o corpo aquecido. Sobreviver à madrugada de temperatura negativa no meio da rua provou minha evolução para adaptar-me ao clima hostil do fim e início de ano na Europa.

Uma frase que me vinha à cabeça nessas noites gélidas é aquela que afirma que “piriguete não sente frio”, dita bastante no Brasil para se referir a mulheres que preferem estar bonitas e exibir seus corpos do que se agasalhar em dias gelados. Ela pode ser aplicada àquelas baixas temperaturas do inverno europeu. Apesar de as noites de inverno e primavera serem bem geladas e as meninas geralmente saírem de casacos, jaquetas, botas e meias grossas, haviam aquelas que priorizavam a arte de seduzir.

Na Europa, como a temperatura é bem mais baixa que no Brasil, é mais fácil ainda localizar essas garotas pelas redondezas. Em uma noite congelante de Sevilha, eu estava voltando para casa com quatro blusas e casaco – as pessoas ao meu redor também estavam todas encasacadas, com cachecóis, gorros, luvas – e, de repente, eu as vejo: duas adolescentes que se destacavam na multidão por vestirem mini-shorts de couro e blusas transparentes sem manga. Como aquelas pernocas resistiam ao frio ainda não entendo. Outro dia, enquanto as pessoas tremiam de frio por causa de uma combinação terrível de vento e chuva, uma mulher de vestido tomara que caía também se destacava entre os pedestres. Como aqueles ombrinhos não sentem frio, outra incógnita.

Peão também é peão em qualquer lugar do mundo. Um dia, enquanto refletia sobre as adolescentes com pernas e braços de fora, dei de cara com um rapaz sem camisa, às onze da noite, em um frio de 5°C. E a cereja do bolo: ele usava correntes de prata no pescoço e boné. Ficou na dúvida se é peão? Para confirmar, basta passar na frente dele. Se ele disser “*hola, guapa*”, está aí sua resposta.

Em contrapartida, há aqueles homens que, por causa do frio, protegem-se de todas as formas possíveis. É bastante comum homens vestirem calça *legging* para correr pelas ruas. Eu achava a moda feia, até porque existem outras calças menos apertadas boas para corrida, mas entendo a necessidade de proteger cada parte do corpo no inverno.

O inverno, contudo, também tem benefícios e o principal, na minha opinião, é o churros espanhol. Uma das especialidades culinárias da Espanha é o churros com chocolate. Mas eles não são recheados, como no Brasil. Vêm puros (sem açúcar e canela) e, junto com eles, vem uma xícara de chocolate quente. É chocolate quente de tomar no copo mesmo, não é muito espesso. Aí você mergulha o churros no chocolate quente e come. Quando os churros acabam, você termina de tomar o chocolate na xícara, como uma bebida.

As porções de churros costumam ser grandes – uma porção geralmente alimenta bem duas pessoas. Em Brasília, os churros que mais lembram os churros espanhóis são os do Fran's Café, mas ainda não é a mesma coisa. Os do Fran's são churros chiques, pequenos e cheios de classe. Na Espanha, os churros são muito maiores e deformados, e não há a opção de pedir doce de leite como acompanhamento.

Existem muitos estabelecimentos especializados em churros: são as *churrerías* ou *chocolaterías*. No inverno, as chocolaterias lotam. Também há carrinhos de churros e vendedores ambulantes no meio das ruas que fazem o maior sucesso. Inclusive, meu café da manhã em Salamanca após a *Nochevieja Universitaria*, antes de pegar o ônibus de volta a Madri, foi um churros com chocolate comprado em um quiosque no meio da calçada.

Um tempo atrás, uma grande revista internacional de turismo fez uma seleção dos países com o melhor chocolate do mundo e todos ficaram surpresos porque a Espanha estava no top-5. Países como Suíça e Bélgica já eram esperados, mas a Espanha nunca foi famosa pelo chocolate. E a revista explicou que foi o maravilhoso chocolate quente espanhol que acompanha os churros que colocou este país entre os melhores. A melhor chocolateria do mundo, eleita por diversas revistas e sites de gastronomia, é a San Ginés, em Madri.

Também acho válido mencionar uma variação do churros muito vendida na Espanha, chamada *porra*. Muitos quiosques anunciam vender *churros y porras*, o que, para os brasileiros, obviamente, é motivo de piada. As porras são muito parecidas com os churros, a diferença está na preparação da massa (elas levam uma pitada de bicarbonato de sódio, uma quantidade maior de farinha e a massa repousa por mais tempo que a do churros). Eu, particularmente, prefiro o churros brasileiro, com açúcar, canela e muito doce de leite. Não quero saber de *porra* nenhuma.



## Chuva que ninguém vê

Eu nunca havia visto chover em Sevilha, mas todas as manhãs, quando eu acordava, as ruas da cidade estavam completamente molhadas. Comecei a acreditar que, na capital andaluza, só chovesse de madrugada. Durante alguns meses, achei extremamente curioso o fato de a água cair de maneira tão silenciosa enquanto todos dormiam. Às vezes, tentava ficar acordada até altas horas da madrugada para ver a chuva da noite, mas ela nunca caía enquanto meus olhos estavam abertos. Em outras vezes, tentei acordar bem cedo, antes de o sol nascer, mas as ruas já estavam encharcadas. Será que era um lance pessoal? A chuva tinha vergonha de mim?

De vez em quando, alguns enigmas se apresentam na nossa vida e a única opção é conviver com eles, aceitá-los. E foi assim que encarei o mistério da chuva que ninguém via. Precisei encontrar paz de espírito mesmo sem entender o que acontecia com aquela cidade que se encharcava de madrugada. Precisamos dar um tempo para que os mistérios se revelem por si sós, no tempo deles, não podemos apressá-los. E eles sempre se revelam quando menos esperamos.

Dessa forma, desvendei o enigma de maneira inesperada, enquanto caminhava para casa depois da balada, por volta das 4h30.

Durante a caminhada, comecei a ouvir um barulho de trator. Quanto mais andava, mais o som aumentava, e a máquina que produzia o ruído se aproximava. Até que conheci o minicaminhão – é tão pequeno, que parece de brinquedo – da Lipasam (Empresa de *Limpieza Pública del Ayuntamiento de Sevilla*). A Lipasam é a empresa da prefeitura da cidade responsável por limpar os mais de mil quilômetros de vias públicas e recolher resíduos urbanos (e posteriormente tratá-los e reciclá-los para evitar a contaminação do meio ambiente). Todas as madrugadas, as ruas de Sevilha são lavadas. Repito: todas as noites.

A primeira coisa que me veio à cabeça ao saber disso foi a quantidade de água utilizada e desperdiçada. São milhares de litros de água todos os dias. Acho absurdo a empresa que se diz tão preocupada com a sustentabilidade do planeta jogar tanta água nas ruas com uma frequência tão curta de tempo. Mas é assim que funciona. Consequentemente, Sevilha é muito limpa e bem cuidada.

Uma observação que me chamou a atenção logo que cheguei à capital andaluza foi o fato de não haver muitas latas de lixo na cidade e, mesmo assim, a cidade não ficar suja. À época, escrevi: “Diferentemente do povo brasileiro, os sevilhanos são educados para não jogar lixo no chão e preservar os patrimônios de sua cidade”. Apesar de ser verdadeira essa afirmação, esse não é o único motivo que faz de Sevilha extremamente limpa. A razão principal é a lavagem diária feita pela Lipasam.

No primeiro semestre, estudei bastante e quase não saía à noite, para dar conta das cinco matérias que cursava na universidade. No semestre seguinte, decidi aproveitar mais a cidade nova e peguei apenas três disciplinas, por isso, comecei a ter mais tempo livre para frequentar festas e boates. Isso fez com que eu caminhasse mais de madrugada e aumentasse a convivência com a Lipasam. Adquiri intimidade com os caminhõezinhos da empresa e apelidei-os de “Lipassando”, porque, quando eles passam, fazem uma varredura e levam junto tudo o que estiver no meio do caminho.

Fui molhada pelo veículo da prefeitura inúmeras vezes. Eles passam e não se importam com quem está pela rua no momento, molham todo mundo. Além do jato de água que atinge as pessoas, também há uma espécie de vassoura giratória no veículo, que esfrega o chão enquanto ele passa. Essa vassoura molhada já girou sobre meus pés algumas vezes. Quando se escuta o barulho do carro da Lipasam, deve-se encostar na parede de algum edifício e abrir espaço.

Em outubro de 2015, Bettina Marks, uma amiga gaúcha que conheci no intercâmbio e se tornou família para mim, veio me visitar em Brasília. Durante o feriado de Nossa Senhora Aparecida (12 de outubro), fomos para Pirenópolis com a Pâmella Moraes – estudante de publicidade da UnB que também conheci em Sevilha – e alguns amigos da capital. Passamos o primeiro dia da viagem curtindo a piscina do hostel onde estávamos hospedados, enquanto alguns dos garotos tocavam violão e cantavam. Até que um deles perdeu os óculos escuros dentro da água.

Ninguém era capaz de encontrar estes óculos, até que surgiu uma brilhante ideia: eles se deram as mãos e fizeram uma corrente de uma borda a outra para verificar cada canto da piscina. Os seis garotos começaram a andar de mãos dadas dentro da água na esperança de que algum deles pisasse no objeto perdido. Quando Bettina viu a varredura que ocorria, comentou em meio a sua gargalhada gostosa: “Olha o Lipasam! Eles estão fazendo o Lipasam!”. Apenas eu e Pâmella entendemos o que ela quis dizer e automaticamente caímos na risada.

Bom, no fim das contas, o que eu pensava que fosse chuva era apenas resultado do trabalho da empresa de limpeza da cidade. Vi chover poucas vezes em Sevilha – após três meses na capital andaluza – e, em todas elas, as chuvas foram moderadas. Inclusive, Marina Carlos – amiga da UnB que havia ido viver em Sevilha na mesma época que eu – comentou um

dia comigo: “Cacá, tenho uma observação para você colocar naqueles fatos que você escreve sobre Sevilha! Já reparou que aqui não chove, só chuveira?”. E realmente, a chuva nem molha direito, mas os sevilhanos, mal-acostumados, acham que chuvisco é precipitação violenta. Então, saem de capa de chuva, guarda-chuva, capuz, gorro, em meio ao chuvisco ameno, em um clima que não pede tanta proteção.

Segundo Marina, até a chuva na Espanha é mais civilizada. O único dia no qual choveu forte durante o primeiro semestre que passei em Sevilha não conta direito, porque foi uma chuva meio DJ: caía forte por alguns segundos, parava por outros, caía de novo por um tempo, parava por alguns minutos, caía e parava. Foi bem doido.

Porém, eu não devia ter feito piadas com a chuva. Acredito que ela tenha se sentido subestimada por mim e decidiu se vingar no segundo semestre. No fim de 2015, viajei com uma amiga de Florianópolis para Logroño, capital da província La Rioja, famosa por produzir os melhores vinhos da Espanha (e alguns dos melhores do mundo). Eu e minha amiga catarinense, Julia Kurtz, passamos por alguns vinhedos de ônibus e visitamos adegas das principais produtoras espanholas. Nestas adegas, Júlia comprou inúmeras garrafas de vinhos premiados para presentear parentes amantes da bebida. Como depois de Logroño eu ainda iria para Madri, Salamanca, Ávila e Segóvia, não quis comprar muitas garrafas para não ficar sobrecarregada de bagagem – Julia voltaria direto de Logroño para Sevilha.

Comprei, então, três garrafas apenas: uma para minha família, uma para uma amiga querida de Brasília e outra para tomar com amigos de Sevilha. Carreguei nas mãos a caixa com as três garrafas durante o resto da viagem, pois não cabia na minha mala pequena. Cuidei com o maior amor e carinho, apesar do peso que me atrapalhava.

Quando voltei para Sevilha, chuviscava na cidade. Peguei o ônibus até a parada mais próxima da rua onde morava e, no trajeto, a água começou a cair de maneira violenta. Saí do ônibus e ainda tinha de caminhar cerca de dez minutos até minha casa. Comecei a andar embaixo da chuva que me encharcava, até que, no meio do caminho, a caixa de papelão com as três garrafas de vinho de La Rioja rasgou. As garrafas despencaram no chão. Duas delas se esfaquearam, apenas uma sobreviveu. Não consigo descrever a tristeza que tomou conta de mim naquele momento.

Pessoas que estavam em lojas e bares da rua Santa María la Blanca, onde a tragédia aconteceu, olharam com muita pena. Acredito que até tentariam me ajudar a catar os cacos de vidro espalhados pelo chão se a precipitação não estivesse tão forte. O cheiro de vinho tomou conta do ar. Catei os maiores pedaços de vidro enquanto os pingos pesados caíam sobre mim, peguei a caixa rasgada de papelão e coloquei a garrafa sobrevivente embaixo do braço. Joguei o vidro e o papelão nos lixos seletivos mais próximos (a reciclagem é devidamente respeitada pelos sevilhanos) e fui, completamente encharcada e decepcionada, para casa.

Escolhi trazer o vinho que sobrou para o Brasil e presenteei minha amiga Marina Severino. Contei-lhe a história trágica e ela abriu o vinho comigo, para brindarmos juntas à resistência de pelo menos uma das garrafas.

O pior é que não pretendo voltar a Logroño nunca mais na vida, pois a cidade não tem nada para fazer. Cheguei à província de La Rioja com Julia pela manhã e, em poucas horas, já havíamos visitado tudo o que poderíamos visitar na capital (ruas principais, igrejas, pontes bonitas e adegas de vinho). À tarde, enquanto buscávamos mais programas em Logroño, Julia sugeriu: “Vamos pegar ônibus para cidades vizinhas e admirar as plantações de uvas pela janela?” Foi o que fizemos.

Compramos passagens para outro município de La Rioja chamado Nájera, esperamos um tempo na rodoviária e entramos no ônibus. Mas ainda tivemos o azar de aquele mês (dezembro) não ser época de uvas, então vimos vinícolas sem uvas da janela. Chegamos a Nájera em cerca de uma hora e compramos passagens de volta para Logroño. À noite, estávamos tão entediadas, que fomos ao cinema ver o filme francês *Paris-Manhattan* (dublado em espanhol, como todos os filmes dos cinemas espanhóis).

No dia seguinte, peguei um trem para Madri de manhã cedo, enquanto Julia ainda teve mais algumas horas sem entretenimento na capital de La Rioja (ela pegaria um trem para Sevilha na hora do almoço). Ou seja, além da trágica quebra das garrafas de vinho que carreguei cuidadosamente durante toda a viagem, não pretendo voltar a Logroño.

O fato é que, quando a Lipasam lavou a rua Santa María la Blanca mais tarde naquela noite fatídica, precisou recolher cacos de vidro que não consegui catar e teve de esfregar algumas poças de desgosto que deixei naquele local algumas horas antes.

## Filmes dublados

Quando decidi fazer intercâmbio em Sevilha, meu pai, Eduardo, viajou comigo para me ajudar a encontrar apartamento e se certificar que a filha ficaria bem em outro continente. Passeamos bastante pela cidade na primeira semana, enquanto buscávamos lugar para eu morar. Visitamos pontos turísticos, fomos a diversos restaurantes de *tapas* e conhecemos a universidade.

Certa noite, saímos para jantar e passamos na porta de um cinema de rua muito charmoso, na Alameda de Hércules, parte boêmia da capital andaluza. O cinema, muito antigo, parecia um circo, com cortinas vermelhas na porta de cada sala e placas coloridas bem chamativas. Decidimos pegar uma sessão. Escolhemos o filme *La ladrona de libros* (“*A menina que roubava livros*” em português) e tivemos uma surpresa desagradável ao descobrir, dentro da sala de cinema, que os espanhóis não assistem a filmes legendados, apenas dublados. No fim das contas, vimos *A menina que roubava livros* dublado em espanhol.

O fato de os espanhóis não assistirem a filmes em outros idiomas remonta à ditadura de Franco, instaurada no país após a Guerra Civil Espanhola, que durou de 1936 a 1939 e deixou cerca de um milhão de mortos. Terminada a guerra com a vitória dos

autodenominados “nacionalistas” ou *Movimiento Nacional*, Francisco Franco passou a ser o chefe de Estado. Durante os primeiros anos de regime, que coincidiram com a Segunda Guerra Mundial, retribuiu toda a ajuda bélica que havia recebido de Hitler e Mussolini para tomar a Espanha.

Ideologicamente, o franquismo era extremamente nacionalista, o que causou supervalorização da cultura do país e fez com que estrangeirismos, como filmes em outros idiomas e expressões linguísticas americanizadas, fossem proibidos. Por exemplo, enquanto outros países de língua espanhola chamam vôlei, basquete e handebol de *vóley*, *básquet* e *hándbol*, respectivamente, a Espanha foi proibida de usar esses termos provenientes do inglês e passou a se referir a estes esportes como *balonvolea*, *baloncesto* e *balonmano* (até hoje os espanhóis usam estas palavras). O futebol já tem voltado a ser chamado de *fútbol*, mas por bastante tempo recebeu o nome *balonpié*. Pois bem, os filmes dublados também são resquício da política nacionalista de Franco.

O regime franquista ainda sobreviveu à morte do ditador (em 1975, aos 82 anos de idade), até a autodissolução das cortes franquistas, em 1977, em consequência da aprovação da lei para a Reforma Política. Ou seja, o fim da ditadura ainda é muito recente (não tem nem 40 anos).

Outra consequência dessa política franquista é que o inglês dos espanhóis, de maneira geral, é terrível. Quase ninguém fala inglês em Sevilha e quem fala tem sotaque carregadíssimo. Além disso, para que entendam, é preciso falar inglês com sotaque espanhol. Se alguém fala inglês americano ou britânico, eles têm uma dificuldade absurda para compreender. Inclusive, pronunciam nomes de atores de Hollywood e bandas famosas da forma como se lê em espanhol e, não, como se fala em inglês. Algo que me divertiu muito foi quando ouvi uma rádio espanhola anunciar: “*Concierto de U Dooos*” (“Show do U Dooois”). Demorei alguns segundos para entender que se tra-



tava de um show da banda de rock irlandesa U2 (o número dois deve ser pronunciado em inglês: “two”). É preciso falar “spanglish” (mistura de espanhol com inglês) para que compreendam.

Os próprios espanhóis fazem piadas com eles mesmos em relação a isso – há inúmeros vídeos de humoristas que tratam do assunto – e têm consciência de que costumam ter uma dificuldade muito maior para falar inglês que pessoas de outras nacionalidades. Isso contribui para que só vejam filmes dublados. Sempre que reclamo porque no cinema só tem filme dublado, os sevilhanos dizem que é impossível ver legendado, porque “ou veem a imagem, ou leem a legenda”.

Durante todo o ano de 2014, o filme campeão de bilheteria nos cinemas espanhóis foi a produção nacional *Ocho apellidos vascos* (a tradução exata para português seria “Oito sobrenomes bascos”, mas foi traduzido no Brasil para *Namoro à espanhola*). Foi a maior sensação cinematográfica na Espanha de março de 2014 (quando foi lançado) até janeiro do ano seguinte.

O filme conta a história de um rapaz sevilhano, chamado Rafa, repleto dos estereótipos citados ao longo do livro – piadista, devoto da Virgen de la Macarena, usa calças coloridas, caminha pelos pontos turísticos da cidade, torce pelo tradicional time Real Betis Balompié (rival do Sevilla FC) etc. –, que se apaixona por uma mulher basca (do País Basco, comunidade autônoma da Espanha que luta pela independência). Na comédia romântica, é mostrado todo o choque cultural entre o sul (ou seja, a parte do país que mais tem orgulho de pertencer à Espanha) e o País Basco, no norte (região que quer deixar de fazer parte da Espanha e se tornar país independente). Os sevilhanos se sentiram extremamente orgulhosos e representados pelo filme e pelo protagonista, que usa inúmeras gírias e expressões andaluzas nos diálogos.

O sucesso foi tanto, que lançaram continuação, em novembro de 2015, chamada *Ocho apellidos catalanes* (“Oito so-

brenomes catalães”, ao pé da letra, mas chamado no Brasil de *Namoro à espanhola – Aventura na Catalunha*). No segundo filme, Rafa vai a Barcelona (capital da Catalunha, comunidade autônoma que também busca independência da Espanha) tentar impedir o casamento da mulher basca que ama com um catalão. O choque cultural do rapaz sevilhano na capital catalã também enorme e é abordado de maneira muito divertida. Novamente, o filme mostra belas imagens de Sevilha e estereótipos da capital andaluza, como bares e restaurantes com shows de flamenco, as famosas charretes da cidade e outros pontos turísticos que não haviam sido mostrados no primeiro filme.

Apesar da dificuldade acentuada com idiomas estrangeiros, o povo andaluz é extremamente aberto e simpático. Sempre se esforça para entender quem vem de outros países e tenta se comunicar. As pessoas da Andaluzia são conhecidas por serem as mais alegres da Espanha. Grande parte dos comediantes espanhóis saem do sul e, se alguém vai para o norte e diz que é da Andaluzia, costumam pedir para contar piadas.

Contudo, a despeito da grande simpatia dos andaluzes, tornar-se amigo (quando digo “amigo”, é realmente fazer parte do círculo de amizades: sair junto, telefonar, trocar mensagens etc.) é algo bem complicado, ainda que se fale espanhol fluentemente. Os sevilhanos costumam conversar com todos, são atenciosos e simpáticos, mas amizade mesmo é algo que envolve árduo processo de conquista. Tanto que, na universidade, intercambista se torna amigo de intercambista e, não, de espanhol.

Na sala de aula, os espanhóis têm panelinhas e não fazem questão alguma de incluir quem vem de fora. Enquanto no Brasil amamos estrangeiros e, quando um gringo aparece, todos querem virar amigos, convidar para sair e fazer trabalho juntos, na Espanha, não ligam muito para gringos, não. O normal na universidade é ver franceses andarem com eslovacos, norte-americanos,

porto-riquenhos, enquanto espanhóis só andam com espanhóis. Os intercambistas (de várias nacionalidades) se misturam bastante entre si, mas pouco entre os espanhóis.

Parece até que Franco deixou como resquício a pouca vontade dos espanhóis de se tornarem amigos de forasteiros. No meu ano em Sevilha, fiz poucos amigos andaluzes (mas vários amigos de outros países da Europa). Uma das minhas amigas sevilhanas, Eugenia Sirgo, é 30 anos mais velha que eu e a conheci pelo Instagram, aplicativo de fotografias. Nós duas postávamos muitas fotos da cidade e curtíamos as fotos uma da outra por causa de *hashtags* referentes à capital andaluza.

Começamos a conversar por comentários e descobri que Eugenia fazia aulas de português e era apaixonada pelo Brasil – inclusive, já havia estado em terras brasileiras diversas vezes. Ela me fez diversos convites para nos encontrarmos em cafeterias para conversar, mas eu não aceitava por medo de se tratar de alguma sequestradora, ou de Eugenia não ser quem dizia que era. Meus amigos me diziam: “Isso é um perigo! Não vai! Não aceita!”.

Depois de sete meses de conversa, aceitei o convite para ir tomar café da manhã em uma cafeteria no centro de Sevilha e deixei alguns amigos de sobreaviso, caso eu nunca mais voltasse, para que ativassem a polícia. Mas o pedido de resgate não foi necessário. Eugenia é uma senhora sensacional, com papo extremamente agradável e enriquecedor.

Aprendi bastante com ela em nossos cafés da manhã, que se tornaram recorrentes. Inclusive, levou-me para conhecer o ministério onde trabalha – é funcionária pública e me encontrava sempre no intervalo para o lanche da manhã. Fiz um passeio guiado pelo órgão público, localizado no centro histórico, com vista para o Real Alcázar. Conheci alguns de seus companheiros de trabalho (alguns fotógrafos, outros cineas-

tas) e conversamos justamente sobre o fato de não haver filmes legendados nos cinemas. A opinião dos cineastas era unânime: “Precisamos que os filmes sejam dublados para vermos bem as imagens”. Gegê (como Eugenia gostava de ser chamada) foi a única que concordou comigo: “A voz original dos atores é parte fundamental da atuação e faz toda a diferença”.

## Expressões linguísticas

No Brasil, quando queremos dizer que alguém é bonito, chamamos de gato(a). Na Espanha, quando querem dizer que alguém é bonito, chamam de mono(a). Acho isso bem interessante, porque mono significa macaco. Ou seja, quando querem dizer que uma pessoa é linda, dizem “*¡qué mona!*”, que em português equivale a “que macaca!”. Os apelidos carinhosos também têm uma tradução superdivertida. Por exemplo, é muito comum casais se chamarem de *renacuajo(a)*, que significa girino(a), e *gorrión/gorriona*, que significa pardal.

Coisas bobas me entretiam. No meu primeiro dia em Sevilha, percebi que, quando pagamos com cartão, a máquina não pede a senha (contraseña em espanhol). Pede o “número secreto” – me senti super James Bond digitando meu número secreto. Essa observação, inclusive, está entre as quatro primeiras que originaram os “Quatro fatos de Sevilha”.

As expressões linguísticas em espanhol são bastante engraçadas. Eu achava o máximo quando ia a um restaurante de tapas chamado Rialto (sempre me imaginava rindo em voz alta). Também adorava o fato de que as turmas da faculdade, em vez de terem “representantes de classe”, têm delegados de *clase*. Gostei de

ter uma delegada na turma. E ainda havia o subdelegado, para quando a delegada faltasse. Poderiam ter criado o cargo de “xerife de classe”, porque eu adoraria ser a xerife da sala.

Algo que também me fez rir bastante foi quando descobri que os espanhóis chamam aqueles pneuzinhos de gordura que se acumulam na barriga de *Michelin*, como a fabricante de pneus. Demorei a fazer essa descoberta. Só fui saber que gordura na barriga era chamada dessa maneira depois do Natal, quando uma amiga espanhola disse que havia ficado com um *Michelin* depois da ceia. No início, pensei que *Michelin* fosse um cara. Até falei: “Huum, quem é esse Michelin? Ele é gatinho?” (gatinho, no caso, era *mono*). Depois descobri que não se tratava de um homem, mas, sim, de um pneu na barriga.

Outras expressões podiam confundir bastante, por causa da similaridade do espanhol com português. Logo que cheguei em Sevilha, perguntei para uma mulher onde havia um mercado. Ela me mandou para uma feira. Posteriormente, descobri que, na Espanha, “mercado” é feira, e o estabelecimento que eu procurava é *supermercado*. Não importa se o mercado é pequenininho, menor até que a frutaria da esquina, ele é chamado de *supermercado*.

Sempre me confundia com nata em espanhol, porque “chantilly” e “creme de leite” são ambos chamados assim. O chantilly é a nata montada e o creme de leite é a *nata espesa*. Outro nome que mudava é o da marca de sorvete Kibon, que, na Espanha, se chama Frigo.

Demorei a me acostumar também com a maneira como chamam M&Ms. Em Sevilha, quase nunca entendiam quando pedia M&Ms. Os confetes mais famosos na Andaluzia se chamam Lacasitos e, por isso, independentemente da marca, os andaluzes costumam se referir a confetes como Lacasitos e, não, M&Ms. Por exemplo, uma vez fui a uma sorveteria e tinha de escolher uma

cobertura para o meu sorvete. Vi que havia M&Ms e pedi, mas a funcionária não entendeu o que eu queria. Ela só foi entender quando eu disse “*lacasitos, por favor*”. A marca Lacasitos também produz barras de chocolate recheadas com confetes, eu adorava.

Além de precisar aprender essas expressões linguísticas diferentes, também pude aprender mais sobre meu idioma, como no dia em que fui ao Museo de Carruajes (um museu só de carruagens, com todos os tipos que você puder imaginar). Vi carruagens de guerra, carruagens cerimoniais, carruagens de passeio, carruagens de campo e lavoura, até que cheguei a uma carruagem chamada *buggy*. Ela me chamou a atenção por ter o mesmo nome dos *buggys* de praia e decidi ler mais sobre ela. Descobri que a palavra *buggy* faz referência a carruagens de duas ou quatro rodas de diâmetro grande, muito velozes, procedentes da América. Achei interessante saber que o nome do carrinho de praia é inspirado em um tipo antigo de carruagem.

Mais uma relação com o Brasil que me entretia bastante: em Sevilha, os funcionários do caminhão de gás anunciam os botijões com o mesmo tom de voz que os do Brasil. Eles colocam exatamente a mesma melodia na voz. Só que, enquanto no Brasil eles gritam “OLHA O GÁAAAAS!”, em Sevilha, eles gritam “BUTANOOOOO!”. Deve rolar um padrão mundial de voz para anunciar o gás.

Pelo menos, não passei tanta vergonha na Espanha como passei quando tinha 14 anos e morei por dois meses com três chilenas em Atlanta, nos Estados Unidos. Era o meu primeiro contato com a língua espanhola e, em um momento no qual quis dizer que estava com vergonha, disse que estava *embarazada* (em inglês, a expressão correta seria *embaressed*, então fiz uma associação). Porém, *embarazada* em espanhol significa “grávida”. As chilenas passaram uma semana acreditando que eu estava grávida, até o dia em que decidimos ir a um parque de diversões e elas disseram que eu não poderia andar na montanha russa por causa do bebê.

Falei: “Que bebê?? Vocês estão loucas?”. E aprendi a lição da maneira mais embaraçosa possível.

Em Sevilha, alguns amigos também se enrolavam um pouco com o idioma. Os sevilhanos, por exemplo, costumam exclamar bastante “¡Hombre!”, como sinônimo de “cara!” em português. Minha amiga brasileira Carla Matzenbacher confessou, certa vez, que demorou bastante a entender que essa expressão funcionava dessa maneira e que, sempre que alguém lhe dizia “¡Hombre!”, ela pensava “¡Pero soy una mujer!”.

Felizmente, eu não estava sozinha nessas confusões linguísticas e nos aprendizados. Embaralhar-se com expressões idiomáticas era uma via de mão dupla. Da mesma forma que me confundi com nata, mercado, Kibon, M&Ms e pneu de barriga, português também podia ser cilada para os espanhóis.

Certa vez, conversava sobre música com meu amigo sevilhano Manu Muñoz e decidi apresentá-lo à grande pensadora contemporânea Valesca Popozuda. Tentei traduzir da forma mais fiel possível o hit *Beijinho no Ombro* e expliquei o que “popozuda” significava. Ele ficou chocado com o fato de algumas mulheres colocarem silicone na bunda, mas adorou a palavra “popozuda”.

Uma semana depois de mostrar-lhe a música, fizemos uma maratona de filmes com a Carla e ensinei a ele que *palomitas* era “pipoca” em português. Coitado, em um período de uma semana aprendeu dois termos em outro idioma cujas duas primeiras sílabas tinham duas letras “p” e duas vogais, e que também terminavam a com a mesma letra. Deve ter sido, realmente, confuso. Quando terminamos os filmes, falei para Carla algo em português que tinha a palavra “pipoca” no meio e Manu soltou inocentemente: “*Pipoca es culo, no?*” (“pipoca é bunda, né?”). “Popozuda” e “pipoca”, duas palavras mais parecidas do que eu pensava.



# Universidade

Os universitários brasileiros ganham muito dos espanhóis no quesito “cultura geral”. As escolas do Brasil abordam mais áreas de conhecimento e cobram dos alunos uma diversidade maior de assuntos que as da Espanha. No ensino médio espanhol, por exemplo, os jovens não se aprofundam no estudo das ciências, como acontece no Brasil. Também não parecem saber tanto sobre outros países localizados fora do continente europeu, ou sobre história geral.

No meu primeiro semestre na Espanha, cursei uma disciplina chamada *Comunicación Audiovisual e Interculturalidad* e, em uma das aulas, o professor tentou estabelecer uma relação entre cultura e biologia. Para isso, perguntou se algum aluno sabia o que era genótipo e fenótipo. Ninguém se manifestou, então, levantei a mão e dei a resposta (adorava genética quando estava no ensino médio). Todos ficaram impressionados e não paravam de me perguntar como sabia disso, como se eu fosse uma espécie de gênica das ciências que caíra de paraquedas na turma de jornalismo. Eu disse que, no Brasil, para prestar vestibular e entrar em uma boa universidade, precisamos estudar bastante biologia.

Quando se trata de jornalismo, também acho o ensino espanhol mais fraco que o brasileiro. Acredito que a Universidade de Brasília

(UnB) forma jornalistas muito mais preparados que a Universidad de Sevilla (US). Na Espanha, só fiz matérias de fim de curso e os alunos estavam aprendendo conteúdos que aprendi no meu primeiro semestre de faculdade. A UnB, pelo menos no curso de Comunicação Social, é bem mais rigorosa e exigente. No Brasil, precisei fazer mais trabalhos, mais provas, fui mais cobrada. Além disso, o sistema de matrículas da Universidad de Sevilla consegue ser ainda mais complicado que o da UnB. Só Jesus na causa!

Durante meus primeiros seis meses na Espanha, tive uma vizinha brasileira – garota doce e alegre de Salvador (BA), chamada Renata Hohenfeld – que cursava relações internacionais na Universidad de Sevilla. Além de me emprestar panelas quando eu queria preparar jantares mais elaborados, Renatinha, juntamente com os cinco estrangeiros de diversas partes da Europa que viviam com ela, dava muitas festas em seu apartamento. Como eu morava no apartamento da frente, frequentei bastante a casa da soteropolitana.

Renatinha sempre me contava sobre como também achava o ensino em Sevilha mais fraco que o de Salvador. Certa vez, contou-me horrorizada que um de seus professores havia perguntado na turma de relações internacionais se alguém sabia o que era ONU (Organização das Nações Unidas) e ela foi a única que soube responder.

Outras histórias sobre o ensino espanhol rolavam soltas, como a de um estudante brasileiro de medicina que chegou em Sevilha e logo foi levado a um hospital para fazer suturas. Porém, no Brasil, ainda não havia aprendido a suturar. Quando disse à professora que não poderia realizar as atividades por não haver aprendido, ela lhe respondeu: “Veja como eu faço e faça igual nos pacientes”. O garoto ficou inconformado, pois pessoas reais seriam cobaias de alunos que mal sabiam costurar.

Conversei com outros brasileiros intercambistas de outros cursos e todos diziam a mesma coisa: “O ensino no Brasil é mais forte

e mais puxado”. Contudo, apesar de a qualidade do ensino deixar um pouco a desejar, a estrutura da universidade é fenomenal. Prédios bonitos, bem cuidados, limpos, organizados, com equipamentos de primeira linha, banheiros cheirosos, boas lanchonetes e diversos recursos tecnológicos.

Nas *bibliotecas dos campi* da US, além de alugar livros, os alunos também podem alugar notebooks. Então, se alguém precisa fazer um trabalho e o computador para de funcionar, ou se a pessoa não tem computador, pode pegar um laptop na biblioteca (gratuitamente). A biblioteca da Universidad de Sevilla é a terceira maior biblioteca universitária da Espanha, atrás apenas da Universidad Complutense de Madrid e da Universidad de Barcelona. A US também possui uma videoteca gigantesca, onde os estudantes podem pegar filmes emprestados sempre que quiserem.

Para que o governo mantenha essa ótima infraestrutura nas universidades federais, elas são pagas. O valor é bem menor do que o das universidades particulares, mas, mesmo assim, os estudantes precisam pagar determinada quantia ao fazer as matrículas. Muitas das greves estudantis que acontecem em Sevilha reivindicam a diminuição deste valor pago pelos estudantes de universidades públicas, que fica em torno de 400 euros por semestre. Em 2014, ano que estudei na Espanha, passei por uma greve de duas semanas.

A US é referência no país inteiro, como uma das melhores e mais tradicionais universidades espanholas. Fundada em 1505, tem mais de 500 anos. É a terceira universidade com maior número de estudantes na Espanha – atrás da Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED) e da Universidad Complutense de Madrid – e a primeira na região da Andaluzia. Mais de 80 mil pessoas integram a comunidade universitária, entre alunos, professores e profissionais de administração e serviços. De acordo com o Ranking Web de Universidades (Webometrics), a US está entre as 250 melhores do mundo (234<sup>a</sup>).

Sevilha tem duas universidades federais. Além da aclamada US, que atrai estudantes de todas as partes do país, há também a Universidad Pablo de Olavide, um pouco afastada do centro da cidade. Essas duas universidades recebem muitos intercambistas do mundo inteiro – principalmente da Europa, com o programa Erasmus, de mobilidade para alunos e professores –, o que faz da capital andaluza uma cidade bem universitária.

Muitos dos que se mudam para estudar em Sevilha vivem em residências universitárias, prédios apenas para estudantes, com regras muito específicas de acesso, administrados por um único dono ou instituição. Os alunos pagam mensalidade e podem usufruir dos serviços oferecidos pelos edifícios. As residências universitárias mais caras têm até piscinas, saunas, quadras poliesportivas, academias, salas de estudos, quartos com banheiros individuais, refeitórios com café da manhã, almoço e jantar incluídos, lavanderia. Em residências mais baratas, estudantes podem dividir quartos e devem usar banheiros compartilhados.

A maioria das residências é religiosa, mantida por freiras ou paróquias, por exemplo. As portas são fechadas em determinado horário da noite, então a maior parte dos estudantes de residências universitárias têm hora para voltar. Se perderem o horário (que é por volta de meia-noite), devem encontrar outro lugar para passar a noite, pois só poderão entrar de volta em casa na manhã seguinte.

No meio do ano, começam a acontecer em Sevilha as calouradas nas residências universitárias. Na Europa, o ano letivo começa em setembro, pois as férias de verão são em julho e agosto. Então, em setembro, calouros chegam de várias partes da Espanha (e do mundo) para estudar na capital andaluza. Aqueles que optam por viver em residências universitárias recebem trotes durante os primeiros meses na faculdade e é comum ver gente pintada andando pelas ruas, meninas com bigodes de canetinha, meninos vestidos de mulher e vários grupos de jovens fazendo festas e bagunças por aí.

A Universidad de Sevilla, onde estudei, tem cinco *campi* espalhados pela cidade, além de diversos outros edifícios próprios que também realizam atividades da instituição, como a sede da Faculdade de Belas Artes, o prédio responsável por todos os programas de mobilidade acadêmica (como intercâmbios internacionais), ou o Sadus (*Servicios de Actividades Deportivas de la Universidad de Sevilla*), uma espécie de centro olímpico com piscinas, academia, quadras poliesportivas, pista de atletismo etc.

A Faculdade de Comunicação fica em um edifício bem novo, em um bairro institucional da cidade chamado La Cartuja – neste bairro, não há prédios residenciais, apenas comerciais e institucionais. De carro, La Cartuja fica a cerca de 15 minutos de Triana (onde morei no primeiro semestre) e a 20 minutos do centro histórico (onde morei no segundo semestre), então precisava pegar um ônibus para ir às aulas. Eu caminhava cerca de 15 minutos até a parada de ônibus mais próxima (tanto em Triana, quanto em Santa Cruz) e pegava o ônibus até a faculdade.

As salas de aula tinham mesas bem compridas, nas quais cabiam cerca de oito alunos e as fileiras de mesas eram cortadas por um corredor. Então, em uma fileira havia cerca de 16 alunos, oito de um lado do corredor e oito do outro. Algo que me chamou a atenção logo no primeiro dia de aula foram os ganchos espalhados pelas paredes, para que, no inverno, os alunos pudessem pendurar os casacos grandes de inverno. Como cheguei em janeiro, na época de frio, as paredes da sala eram repletas de abrigos pendurados.

Eu me senti um pouco deslocada no início, porque não tinha casacos para frio europeu, então ia de moletom e várias blusas por baixo, enquanto as outras meninas se arrumavam bastante – sempre vestiam sobretudos, ou jaquetas muito bonitas e elegantes. Só quem usava moletom eram alguns rapazes.

Como sempre gostei muito de cinema, metade das matérias que escolhi cursar em Sevilha eram de audiovisual (a outra metade, de jornalismo). Em uma destas disciplinas de audiovisual, o professor dividiu o cinema espanhol em três fases: *Cine Años 40 y 50*; *Nuevo Cine Español*; *Almodóvar*. O Almodóvar é considerado uma fase do cinema espanhol. Bem que, antes de me mudar para a Espanha, meus amigos brasileiros brincavam dizendo que as matérias de audio seriam Almodovar I, II e III.

Um assunto muito abordado e debatido em sala de aula, em todas as disciplinas que fiz, é a crise econômica espanhola (real e visível). Muitas pessoas instruídas, com qualificações como pós-graduações e mestrados, não conseguem encontrar emprego de jeito nenhum. Como a educação básica na Espanha é muito boa e acessível a todos, os espanhóis em geral passam por todos os níveis educacionais. Ou seja, há mais gente qualificada do que ofertas de emprego. Enquanto no Brasil falta gente devidamente qualificada em grande parte das áreas, na Espanha é normal ver pessoas bem vestidas, instruídas, com mais de um diploma de nível superior, pedirem dinheiro nas ruas porque precisam sustentar os filhos e não têm emprego.

No hotel no qual fiquei hospedada com meu pai assim que cheguei na capital andaluza, conhecemos uma recepcionista cujo marido tinha doutorado e estava desempregado havia dois anos. Quando meus colegas da universidade encontravam empregos como vendedores, camareiros ou recepcionistas, comemoravam bastante, pois é muito difícil encontrar qualquer tipo de trabalho. Os estágios para estudantes não são remunerados como no Brasil.

Mas o que interessa verdadeiramente é que, no fim do ano, quando vivi o segundo inverno na Europa, eu já não era mais a garota dos moletons com sete blusas por baixo. Havia me tornado fina e elegante como as outras alunas e pendurava meu casaco de esquimó no gancho da parede da sala.

# Jornalismo e publicidade

O gênero jornalístico mais utilizado na Espanha é a crônica. Em todos os jornais e revistas, a grande maioria das notícias é escrita neste formato. Inclusive nos jornais mais famosos, como *El País*, *Marca* e *El Mundo*, é muito visível que os textos não são puramente informativos. Há sempre um toque próprio do jornalista, que inclui nas notícias e reportagens elementos de ficção, fantasia, crítica, que textos essencialmente informativos não contêm.

Nas disciplinas de jornalismo que cursei na Universidad de Sevilla, a crônica era o estilo mais praticado pelos alunos. Gosto disso, porque é um estilo que se situa entre o jornalismo e a literatura. Era comum que eu abrisse alguma notícia no site do *El País* e ela começasse com: “Na linda manhã ensolarada de ontem, levantei da cama, fui até a varanda com uma xícara de café amargo, senti a brisa matutina no rosto e desejei que o café fosse a única parte amarga do dia. Infelizmente, não era. A pouco menos de dez quilômetros de onde estava, uma bomba explodiu, às 16h34, no meio da Plaza de Legazpi, no centro de Madri. Ao todo, oito mortos e 14 feridos”. Esta notícia é fictícia, mas este é mais ou menos o estilo de escrita de grande parte dos jornalistas de veículos espanhóis impressos e digitais. Também era comum que jornalistas opinassem nas notícias, por exemplo: “Esta barbárie não desce na garganta. É inacreditável. Justiça deve ser feita”.

O jornalismo televisivo espanhol também é bem diferente do brasileiro. As roupas dos repórteres, principalmente das mulheres, costumam ser bem mais coloridas e espalhafatosas – grandes cachecóis vermelhos floridos, blazers rosas, penteados com cabelo armado etc.

O canal espanhol que tem mais audiência é a TVE (*Televisión Española*), empresa gestora da televisão pública nacional. Ela começou as transmissões regulares em 1956 e é carro-chefe do maior grupo audiovisual da Espanha. Está presente com transmissões em cinco continentes via satélite e através das principais operadoras de cabo da Europa, América e Ásia.

Desde 2010, financia-se através de subsídios públicos e impostos diretos sobre os operadores privados de televisão e telefonia (a TVE abandonou o mercado publicitário). A Espanha é um dos poucos países da União Europeia no qual os cidadãos não pagam um valor para subsidiar de maneira parcial ou total a radiodifusão pública.

Talvez, o fato de o principal canal televisivo do país ter abandonado o mercado publicitário contribua para que publicidade na Espanha seja terrível. A maioria das propagandas é tosca. Sempre que via algum comercial espanhol, agonizava na dúvida entre rir ou chorar. A breiguice é sem fim.

Lembrava-me demais dos meus colegas publicitários do Brasil e pensava em como a Espanha precisa deles. O legal é que o Brasil é considerado pelos europeus referência de excelente publicidade. Na universidade, os professores sempre utilizam exemplos de propagandas brasileiras para ensinar aos alunos como uma boa propaganda deve ser feita. Na Europa, a publicidade brasileira é vista como algo de altíssimo nível.

Acredito que, na Espanha, quiçá por causa dos péssimos comerciais, as pessoas sejam menos consumistas, principalmente quando se trata de produtos tecnológicos (o que é uma vanta-



gem). Quase ninguém tem iPhone em Sevilha, por exemplo. E as lojas de celular também não vendem Motorola. O iPhone é visto como uma ultratecnologia muito cara que praticamente ninguém faz questão de ter. Não existe em Sevilha o consumismo tecnológico exacerbado que existe no Brasil, de acordo com o qual todo mundo precisa ter o melhor e mais caro celular. As pessoas se contentam com aparelhos mais simples que fazem ligações, enviam mensagens e baixam aplicativos. A marca mais consumida por lá é Samsung.

Provavelmente, eu tenha sido picada pelo mosquito da crônica em Sevilha e, por isso, decidi me arriscar neste gênero ao produzir meu trabalho de conclusão de curso em jornalismo. Também há chances de que o mosquito da Samsung tenha me atacado, pois, desde que o Motorola que eu tinha em 2014 parou de funcionar, não abro mão da marca mais consumida na capital andaluza. Espero que a breguice dos comerciais espanhóis não me afete de maneira alguma e aconselho publicitários brasileiros a se arriscarem na Espanha. Tenho certeza de que serão apreciados.

# Estereótipos

Toda vez que dizia para algum europeu que sou brasileira, eles comentavam: “Nossa, você não parece brasileira...”. Quando perguntava o porquê, eles respondiam: “Porque você é branca”. Existe um “estereótipo” brasileiro muito marcado na Europa, no qual todos os brasileiros são negros ou mulatos e arrasam no samba. Para a maioria dos espanhóis com os quais convivía, era inconcebível a ideia de uma brasileira branca que não sabe sambar.

Certo dia, na aula, os alunos precisaram montar grupos de cinco integrantes. Enquanto conversava com as meninas (espanholas) do meu grupo, elas me disseram que eu não tinha o estereótipo brasileiro. Intrigada, perguntei qual era o estereótipo brasileiro e elas me responderam: “Morena exuberante”. Foi quando aprendi que não sou uma morena exuberante.

Mudei-me para Sevilha em ano de Copa do Mundo de Futebol e vi como o fato de o Brasil sediar a Copa, em 2014, e os Jogos Olímpicos, em 2016, era polêmica não apenas nacional, mas internacional também – e como reforçava os estereótipos brasileiros na Europa. Certo dia, na aula de jornalismo esportivo (disciplina que cursei no primeiro semestre de intercâmbio), a professora passou um documentário que mostrava de

forma exagerada a violência e a marginalização das favelas do Rio de Janeiro.

Ao final, a discussão foi se o Brasil realmente deveria investir em eventos esportivos de grande porte enquanto pessoas sofrem com falta de educação e saneamento básico, com um sistema público de saúde precário e insegurança nas ruas. Uma discussão totalmente válida. Porém, acho que o documentário retratou o país de forma sensacionalista e a imagem que foi passada a meus colegas espanhóis é a de que o Brasil é um país sangrento, perigoso, dominado pelo tráfico de drogas e repleto de balas perdidas que raspam a todo instante pelas nossas cabeças.

Nos meses de junho e julho de 2014, assisti aos jogos da Copa na Europa – a maioria em Sevilha, mas, no fim de junho, viajei para mochilar e vi o restante das partidas em outras cidades. Assisti à final entre Alemanha e Argentina em uma ilha da Croácia chamada Hvar e, coincidentemente, fui para a Alemanha logo em seguida. Assim, por pura coincidência, estava em Berlim quando a seleção vencedora chegou para comemorar pelas ruas da capital alemã.

Antes mesmo de o Mundial começar, acompanhava pelas redes sociais a febre que era, no Brasil, o álbum de figurinhas da Copa. Minha irmã mais nova, meus tios, meus primos, meus amigos, todos colecionavam. Sempre amei álbuns de figurinhas e lamentava por não poder participar.

Certa manhã, Carlinha (a mesma do episódio de quando fiquei trancada em casa) me ligou e disse que estava a caminho da minha casa, para irmos tomar café da manhã juntas. Tirei o pijama, vesti-me para sair e fui com ela a uma cafeteria na Calle Regina, ao lado do Metropol Parasol, no centro da cidade. Uma amiga francesa de Carla chamada Nina Danet juntou-se a nós e pedi-

mos o típico café da manhã andaluz (torradas com azeite, molho de tomate e *jamón serrano*). Enquanto conversávamos, demos conta de que era quinta-feira, dia de feira na Calle Feria.

Todas às quintas-feiras de manhã (até por volta das 13h) há uma feira de antiguidades no meio de uma rua chamada Feria, a dois minutos dali. Esta feira é o máximo. Os produtos vendidos são incríveis. Inúmeros vendedores espalham mesas repletas de antiguidades – muitas delas centenárias. Outros estendem panos nas calçadas para colocar as mercadorias em cima. A variedade de produtos é imensa: heranças de família, livros, filmes, discos, bonecas, roupas, sapatos, óculos (escuros e de grau), joias (de pedras preciosas, ouro e prata), bijuterias, caixas, móveis, ferramentas, brinquedos etc. A grande maioria do que é comercializado não é novo (são produtos usados) e o preço é bem acessível.

Então, saímos da cafeteria e fomos à feira de antiguidades. Carlinha comprou um binóculo burguês do século 19 por apenas dez euros. Continuamos a andar e de repente vi: em meio aos feirantes, havia um homem atrás de uma mesa bem pequena e, em cima da mesa, álbuns de figurinhas da Copa do Mundo. Não acreditei. Corri para falar com o homem e ele me explicou que vendia álbuns, mas que não tinha pacotes fechados de figurinhas. Ele vendia os adesivos avulsos por 50 centavos cada (Cristiano Ronaldo, Messi, Neymar e adesivos brilhantes eram mais caros, custavam 80 centavos), então eu não precisava contar com a sorte e podia escolher exatamente as figurinhas que queria.

Não pensei duas vezes. Comprei o álbum e todas as figurinhas da Seleção Brasileira. Além dos jogadores do Brasil, também comprei o português Cristiano Ronaldo, que tem um pedaço do meu coração. Depois, descobri na cidade alguns *chinos* que não vendiam álbuns, mas vendiam pacotes fechados de figurinhas. Comprei pacotes algumas vezes, mas não pude manter o hábito, pois era caro.

Havia um brasileiro muito amável de São Paulo (SP) em Sevilha, Pedro Rittner, que também tinha o álbum e trocou figurinhas comigo uma vez. Em julho, voltou para o Brasil e combinamos de trocar mais adesivos por carta. Pedro me enviou uma lista das figurinhas que faltavam para ele e fiz o mesmo também. Separei as figurinhas repetidas que eu tinha e meu amigo não e enviei por carta. Ele disse que faria o mesmo, mas nunca me mandou. Fui enganada. Pedro, se você estiver lendo esta crônica, quero dizer que te perdoo por haver me iludido, só porque você é muito querido.

Sempre pensei que o hábito de colecionar figurinhas, nos tempos atuais, fosse algo típico de brasileiros. Aliás, pensava que a editora Panini, que produz a grande maioria dos álbuns de figurinhas vendidos no Brasil, fosse brasileira. Contudo, estava enganada. Em Sevilha também é muito comum colecionar figurinhas. As bancas de revistas (conhecidas em Sevilha como “*tabaquerías*” ou “*estancos*”) vendem inúmeros álbuns que fazem bastante sucesso entre a molecada. O álbum da vez é o da liga espanhola de futebol, que equivale ao “Brasileirão” da Espanha. São figurinhas dos jogadores de todos os times da primeira divisão do Campeonato Espanhol de Futebol. As crianças espanholas (e muitos adultos também) colecionam com a mesma empolgação que as brasileiras.

Além disso, descobri que a Panini não é brasileira, mas, sim, italiana – é um grupo editorial italiano de produção de história em quadrinhos e vídeos animados, com atuação centrada no mercado europeu. Ela tem filiais no Brasil, França, Reino Unido, Alemanha, Espanha, Argentina e Hungria. Hoje, é detentora exclusiva dos direitos de publicação mundiais dos títulos da Marvel.

De volta ao assunto dos estereótipos, apesar da imagem equivocada que grande parte dos europeus podem ter do Brasil, percebi de maneira clara a “corrupção” incrustada no povo brasileiro. Querer se dar bem, “dar um jeitinho”, é algo tão presente na nossa

cultura, que não conseguimos ver como certas atitudes são erradas. Isso me chamou a atenção na Espanha, pois os europeus são tão corretos, civilizados e respeitadores das regras, que me sentia envergonhada com a atitude de brasileiros – e comecei a repensar minhas atitudes também.

Por exemplo, em Sevilha, há o *tranvía*, espécie de bonde elétrico que circula pela cidade. Dentro dele, não há cobrador. Você compra o bilhete em uma máquina na parada do bonde e, quando entra, passa este bilhete em um leitor. Você também pode ter um cartão de transportes e recarregá-lo sempre – neste caso, você entra no *tranvía* e passa esse cartão no leitor. Ou seja, ninguém checa se você pagou ou não. As pessoas podem muito bem utilizar o *tranvía* sem pagar (é só entrar, sentar e não passar nada no leitor). Mas os sevilhanos são tão honestos e conscientes de que é necessário pagar para utilizar o serviço, que todo mundo paga. A prefeitura confia tanto na honestidade dos sevilhanos, que implanta um sistema maravilhoso de transporte público e sabe que não precisa contratar alguém para cobrar pagamento, pois as pessoas pagarão. De vez em nunca, um fiscal passa pelos vagões para checar se o pagamento foi feito (caso não tenha sido feito, a pessoa recebe uma multa enorme), mas é muito raro.

Certa vez, saí com um grupo de brasileiros e fomos pegar o elétrico. Nenhum deles pagou. E riram da situação, acharam-se o máximo, super espertinhos por usarem o transporte de graça. Eu olhava aquilo indignada e pensava em como no Brasil somos criados com a ideia de que sempre que pudermos nos beneficiar, mesmo que às custas de outro, devemos fazê-lo.

Outra vez, fui ao McDonald's e a moça do caixa se confundiu e me deu troco a mais. Devolvi a quantidade a mais que tinha recebido e a brasileira que estava comigo disse: “Nossa, que honesta! O McDonald's é rico, não precisa desse dinheiro, não... Se fosse eu, não devolvia!”. Não importa se o McDonald's é rico ou não.

É errado. O lanche custa determinado valor e eu compro ciente disso. Não sou espertinha se levo comigo dinheiro que não é meu por direito, sou desonesta.

Em muitas festas em Sevilha, vi brasileiros levarem copos do bar para casa. Vi contarem vantagem por terem ido à FNAC, pego um produto que custava 70 euros e, por engano do funcionário do caixa, pago apenas 20 euros. Essa desonestidade e falta de respeito pelas regras é uma característica que, infelizmente, vejo de maneira acentuada nos brasileiros. Nunca vi espanhol dar calote ou fazer de tudo para contornar regras e se dar bem. Eles respeitam e pronto.

Obviamente, existem exceções. Claro que existe corrupção na Espanha, como em todos os lugares do mundo. Existe corrupção no governo espanhol, escândalos que envolvem a família real. Mas, no Brasil, é exagerado. Pensava em como sou corrupta inúmeras vezes e não percebo, pois fui criada no Brasil e, no meu país, é assim que a sociedade pensa. Em como fazemos coisas que são erradas por natureza, mas tentamos nos enganar e amenizar a gravidade do ato, pois é questão de esperteza.

Bom, esse foi o “estereótipo” que mais me chamou a atenção nos brasileiros quando estava em Sevilha. Os sevilhanos, felizmente, não associam Brasil a corrupção e desonestidade. Associam a mortes sangrentas, barulho de tiros, samba e pele mulata. Expliquei a meus amigos espanhóis como o Brasil é um país grande, miscigenado, extremamente diversificado. Contudo, seria bom se, quando eu passasse por espanhóis, tivessem o seguinte diálogo:

- Olha aquela menina, certeza que é brasileira!
- Por que brasileira?
- Morena muito exuberante!

# Precisamos falar sobre moda

Desde que voltei do intercâmbio, meus amigos passaram a fazer piadas com minhas meias. “E essa meia preta aí, Cacá?”, “Adoro suas meias zoadas!”, “Deixa eu ver a meia de hoje?”, “Caramba, agora você apelou! Meia beterraba?” são comentários que escutei algumas vezes. Então, decidi contar a historinha de como as meias dos meus pés deixaram de ser brancas e começaram a ser “diferentes”.

Tudo começou em uma manhã, em Sevilha, quando estava entediada no ônibus a caminho da universidade. Em meio ao tédio, comecei a observar as roupas de todas as pessoas que estavam ao meu redor. Olhei blusas, calças, casacos, sapatos... até que cheguei nas meias. Todos que estavam no ônibus, com exceção de mim, vestiam meias pretas. Achei curioso e decidi continuar a apuração.

Cheguei na sala de aula e comecei a olhar os pés de todos os meus colegas. Praticamente só havia meias pretas. Os poucos que não vestiam meias dessa cor usavam meias coloridas de tons escuros, como azul escuro, verde escuro, vinho, roxo etc. Depois, comecei a observar as pessoas enquanto caminhava pelas ruas... A mesma coisa. A grande maioria dos sevilhanos só usa meias pretas. Na verdade, não consigo me lembrar de ter visto um único andaluz de meias brancas durante o ano em que morei na Espanha.



Até que precisei comprar meias. À época, eu só usava meias brancas, mas, quando cheguei nas lojas, elas não vendiam meias claras, apenas escuras. Comecei a comprar pares de cor preta por falta de opção, mas, depois de um tempo, passei a gostar bastante deles.

Certo dia, perguntei a um colega da faculdade: “Aqui vocês gostam muito de meias pretas, né? Só usam essa cor praticamente”. Ele respondeu: “Por quê? Que cor vocês usam no seu país?”. Falei que, no Brasil, meias brancas são as mais comuns. O rapaz assustado exclamou: “Eca! Meias brancas! Que estranho! Sujam e encardem facilmente...”.

Voltei para o Brasil carregada de meias negras e comecei a usá-las em Brasília. O choque foi imediato. Meus amigos brasileiros faziam piadas com minhas meias pretas, a maioria as achava feias. Mas elas já eram um pedaço da moda sevilhana em mim, algo que me faz lembrar da pessoa que fui no intercâmbio. E realmente comecei a achá-las bem estilosas (uma moda meio alternativa).

Apesar de ter aderido ao uso de meias pretas, há alguns elementos da moda sevilhana aos quais nunca consegui aderir e, até hoje, não entendo como os andaluzes acham bonitos. Por exemplo: os tênis de plataforma. São tênis normais com uma plataforma plana embaixo. Não são aqueles tênis de salto que fizeram sucesso no Brasil há alguns anos (os quais também acho horrorosos, diga-se de passagem). Os pés das pessoas ficam retos (não inclinados) e as plataformas podem ter até dez centímetros de altura. Essa moda me dá vontade de chorar de tão feia que acho. E ela só cresce cada vez mais pela Andaluzia. A Vans – marca de roupas e sapatos voltada para skatistas – lançou em 2014 uma linha só de tênis de plataforma, para concorrer com todas as outras marcas que arrasavam vendendo esses tênis, e vende que nem água. Fico estupefata.

Mais uma moda que nunca fez meu estilo são as calças de cintura altíssima (preciso usar o superlativo, pois “cintura alta” não

faz jus ao quão altas essas calças realmente são). As espanholas da Andaluzia só usam peças de cós muito alto. E, como todas as calças femininas são usadas praticamente embaixo dos peitos, é uma missão bem difícil encontrar peças com cós normal em lojas. As calças também são extremamente justas. Era muito difícil para mim comprar *jeans* em Sevilha.

Os homens andaluzes adoram calças vermelhas, laranjas, rosas e de tons igualmente chamativos. Eu costumava brincar dizendo que, se você vir um cara passeando de calça vermelha por aí, 90% das chances são de que ele seja andaluz. Inclusive, essa maneira chamativa de se vestir faz parte do estereótipo que as outras regiões da Espanha atribuem à Andaluzia – quando pessoas de fora da Andaluzia querem imitar um andaluz, vestem-se com calças de cores quentes.

Os europeus também amam a marca de tênis New Balance (o símbolo no tênis é um “N”). Vi muito mais New Balance na Espanha do que Nike ou Adidas. E é modinha ter um tênis com o “N”. Muitas estrangeiras intercambistas iam para as baladas de saia/vestido, meia calça e tênis “N”. Não combinava nada, porque a roupa era chique e elegante e, o tênis, bastante esportivo. Em 2014, essa marca ainda não era vendida no Brasil, então, quem usava geralmente era europeu ou norte-americano.

Aproveito o gancho do assunto “tênis” para dizer que o clássico modelo All Star (outro que ganhou, recentemente, uma linha de plataforma), da marca Converse, é muito mais caro na Europa do que no Brasil. Em terras brasileiras, é possível comprar pares por cem reais, enquanto, na Espanha, cobram por volta de 70 euros.

Outro calçado que faz o maior sucesso na Europa são as Havaianas. Porém, esses chinelos brasileiros são caríssimos na Europa, principalmente aqueles que têm a bandeirinha do Brasil estampada (o par mais barato que encontrei na Espanha custava

mais de 20 euros). Muita gente só sabe qual é a bandeira do Brasil por causa das Havaianas. Porém, os modelos mais recentes demoram a chegar na Espanha. Um dia, eu estava com minhas Havaianas Flat e me perguntaram porque eu não usava Havaianas, se sou brasileira. Aí, tive de explicar que aquele era um modelo que ainda não existia por lá. Acharam as tiras pequenas muito bebês para serem Havaianas.

Ainda em relação à moda espanhola, algo que me incomodava bastante é que, na Espanha, as mães têm a mania de vestir os filhos todos iguais. Não apenas gêmeos, mas todos os filhos. Nas ruas, sempre há famílias com crianças de idades diferentes e todas elas usam a mesma roupa. Muita gente acha fofo. Eu, particularmente, não gosto. Sinto que tira a individualidade de cada filho, já que cada criança deve ter um gosto diferente. E se alguma filha não quiser usar calça cintura altíssima e tênis de plataforma? E se algum filho não curtir muito calças laranjas e tênis New Balance? E se eles forem revolucionários e quiserem usar meias brancas em Sevilha? Acho que deveriam ter essa liberdade.

## Estética e cosméticos

Sou uma mulher de poucas vaidades. Contudo, quando decidia ser um pouco vaidosa no intercâmbio, a Espanha me boicotava. Por exemplo, em Sevilha, as manicures só pintam unhas. Não tiram cutícula nem fazem o serviço bem feito como no Brasil. O cliente paga cerca de dez euros para ter as unhas lixadas e pintadas, nada mais. Não que eu costume ir muito a salões de beleza em Brasília, porque não vou, mas passei mais de um ano sem fazer pé e mão – apenas cortava as unhas.

Também nunca consegui encontrar *leave-in* de cabelo (espécie de hidratante capilar usado após o banho, ótimo para quem tem pontas secas, como eu) no intercâmbio. Fui em diversas lojas de cosméticos e ninguém sabia nada sobre cremes sem enxágue. É até engraçado, porque, para eles, creme é algo que precisa ser enxaguado e pronto. Depois de muita procura, desisti e comprei um *spray* hidratante de cabelo (o mais próximo de *leave-in* que consegui encontrar).

Se você ficou com vontade de ir a Sevilha depois de ler essas crônicas, devo ressaltar que, quando precisar de algum produto de beleza, não é na farmácia que tem de procurar. As farmácias espanholas não costumam vender cosméticos (perfumes, cremes, hidratantes e

produtos de cabelo) como no Brasil. Elas são totalmente voltadas a medicamentos e outros produtos que ajudem a lidar com problemas de saúde. Então, se precisar de xampu e condicionador, por exemplo, tem de ir ao mercado comprar e não à farmácia.

Ainda sobre produtos que no Brasil compro em farmácias e em Sevilha precisava comprar em mercados, absorventes são três vezes mais caros na Espanha do que no Brasil. Em compensação, são três vezes mais perfumados. Eu gostava, porque adoro coisas cheirosas.

Contudo, o que mais me fez sofrer bastante naquele país foi depilação. Nunca passei gilete, sempre me depilei com cera quente, mas os europeus não sabem lidar bem com cera. A depilação brasileira é reconhecida no mundo inteiro e não é à toa. Esse serviço na Europa é triste demais. Inclusive, o nome da depilação para mulheres que querem remover todos os pelos do corpo é “depilação brasileira” – não só na Espanha, mas em diversos países.

Quando fui me depilar em Sevilha pela primeira vez, a mulher da clínica de estética falou toda orgulhosa: “Estamos com uma nova tecnologia de depilação! *Roll on!*”. Quase chorei. No Brasil (ainda bem), o *roll on* – espécie de rolo cheio de cera que a depiladora passa pelo corpo da cliente (e depois retira essa cera com pedaços de papel) – é bastante ultrapassado. Os salões brasileiros usam cera negra (os pelos são retirados com a própria cera, que seca no corpo da cliente). Esse processo brasileiro oferece menos riscos de irritação da pele e é menos dolorido. As depilações na Espanha ainda são feitas com *roll on* ou palitinhos de picolé (as depiladoras passam a cera nas clientes com palitos de picolé e também retiram com pedaços de papel). A cera negra ainda não existe na Espanha. Abrir uma clínica de depilação brasileira em Sevilha é outra possível opção de investimento bem sucedido na Europa – juntamente com importação de azeite e quiosques de cachorro-quente em saídas de festas.

Como se não bastasse a Espanha não oferecer tantos produtos e serviços estéticos, eu também falhava quando tentava ser vaidosa por conta própria. Vou compartilhar um caso vergonhoso para finalizar esta crônica. Sempre me esqueço de passar creme hidratante nessa vida. Fico meses, meses e meses sem passar e me orgulho muito quando lembro e saio por aí com a pele macia e cheirosa.

Certa vez, em Sevilha, depois de inúmeros dias sem hidratar a pele, tive a luz de passar um creminho. Vi um produto cremoso no banheiro, enchi a mão com o conteúdo do pote (exatamente como a Xuxa fazia na propaganda do Monange Paixão) e comecei a passá-lo pelo corpo. Mas o creme não espalhava. Depois de muito esforço para espalhar sem obter sucesso, pensei: “Tem alguma coisa errada com esse creme”. Quando peguei o pote do produto para ver que negócio estranho era aquele, vi que era demaquilante. E a dificuldade para tirar todo o demaquilante da barriga, peitos e braços? Falhei miseravelmente. Na próxima tentativa de passar hidratante, estarei mais atenta.

## Aparentemente ilegal

Nos meus primeiros meses em Sevilha, acreditava que todo mundo fumasse maconha descaradamente, pois sempre via pessoas enrolarem cigarros em bares, restaurantes e no meio da rua, sem pudor algum. Pensava: “Gente, eu achava que só fosse legalizado na Holanda, mas pelo jeito em Sevilha também é tranqüilão fumar baseados em qualquer lugar”.

Depois, descobri que eram cigarros “normais”. Como na Europa cigarros são caríssimos – enquanto no Brasil um maço custa por volta de oito reais, na Espanha custa cinco euros (praticamente três vezes mais) –, as pessoas não costumam comprar carteiras de cigarro. Como é um vício caro de se manter, elas compram o tabaco separado, a seda e o filtro, e enrolam os próprios cigarros.

As opções de cigarros na Espanha são variadíssimas. A nova sensação, que conheci quando voltei a Sevilha em julho de 2016, são os cigarros com sabores especiais. Frutas vermelhas, limão com menta e mojito. Em 2014, disseram-me que cigarros mentolados haviam sido proibidos no país, por serem “gostosos” e “fáceis de tragar”. Pelo jeito, isso fazia com que jovens começassem a fumar mais cedo. Bom, quando retornei ao país em 2016, isso havia ficado para trás. Todos só falavam no cigarro de frutas vermelhas, com sabor de chiclete, e no de mojito, que proporcionava “duplo frescor”.

Os espanhóis fumam bastante, desde muito jovens. Na faculdade, inclusive, há fumódromos para a enorme quantidade de alunos fumantes. Há bares e casas de festas onde é permitido que todos fumem no espaço fechado. E os fumantes são extremamente habilidosos na arte de elaborar os próprios cigarros. Em bares, é comum que te peçam: “Licença, você pode me dar uma seda, por favor?”

Além de diversos bares e casas de festa não exigirem que clientes fumem em espaços ao ar livre, grande parte dos estabelecimentos não trabalha com o esquema de comanda, no qual o cliente pede tudo o que quiser e, ao final, paga pelo que consumiu. A pessoa deve pagar na hora pelo que pede. Não é possível acumular os pedidos para pagar tudo junto quando for embora. A pessoa pede um drinque e paga na hora, pede outro drinque e paga, e assim vai. Eu gostava disso, porque faz com que seja impossível gastarmos dinheiro que não temos. Não corremos o risco de, no fim, a conta ser mais cara do que o que temos no bolso.

Grande parte dos bares sevillhanos aceita cachorros. Assim, muitos donos levam os bichinhos para os bares quando vão tomar uma cerveja. Foi desse jeito que conheci o Mujuga, cachorro espanhol muito simpático que sempre estava em um bar que eu frequentava com amigos, chamado La Bicicleteria – carinhosamente apelidado de Bici. O dono do cão era frequentador ativo do local e levava o Mujuga toda vez, que andava solto pelo espaço e interagia com os clientes.

A Bici não tem alvará para funcionar, por isso é localizada em um espaço superescondido no centro de Sevilha. Quando me convidaram para conhecer La Bicicleteria pela primeira vez, pensei que se tratasse de uma loja de bicicletas. Perguntei: “Que loja é essa que está aberta às dez da noite? E o que vocês querem fazer numa bicicleteria agora?”. Explicaram-me que se tratava de uma bar e me conduziram até lá. Quando chegamos no local, não vi o



bar e continuei a caminhar. Passaria direto pela porta de metal fechada, escura, antiga e grafitada. Se meus amigos não tivessem me avisado que o bar era ali, nunca teria percebido o estabelecimento.

A situação me lembrou o Beco Diagonal do Harry Potter, passagem que trouxas (como são chamadas as pessoas que não têm poderes mágicos) não podem ver. Aquele local era conhecido por poucos, assim como o escondido Beco Diagonal do livro que marcou minha infância e adolescência.

Para entrar na Bici, precisávamos tocar o interfone e nos identificar. Assim, alguém abria a porta discretamente para entrarmos. O local é fechado, a decoração é toda feita com itens recicláveis – os donos gostam de fabricar os próprios móveis com materiais em bom estado que encontram no lixo –, é permitida a entrada de cachorros e pode-se fumar lá dentro (inclusive, maconha é permitida). A música é muito boa. O que mais toca é rock antigo e *indie* rock. De vez em quando, também colocavam músicas brasileiras, MPB principalmente. O lugar e o público são bem alternativos (pessoas completamente tatuadas, homens com barbas enormes, hippies etc.).

Quando eu ia a boates populares da cidade, também costumava ouvir músicas brasileiras. Em 2014, havia quatro músicas em alta, que tocavam sempre em festas de intercambistas: *Ai se eu te pego*, do cantor sertanejo Michel Teló, *Bara bara*, do cantor sertanejo Cristiano Araújo (que morreu em 2015 em um acidente de carro), *Balada boa*, do cantor sertanejo Gustavo Lima, e o funk *Rap das armas* (famoso por ser trilha sonora do filme *Tropa de elite*), da dupla Cidinho & Doca.

Há uma boate alternativa na Alameda de Hércules (bairro boêmio) chamada Fun Club, que costuma tocar músicas da banda brasileira Copacabana Club. Em 2016, fui à Fun Club e ouvi uma música brasileira muito divertida que nunca havia ouvido antes: *Ripa na Xulipa*, de um trio da década de 1970

chamado Rabo de Saia. Eu e meus amigos nos divertimos cantando: “Ripa na xulipa ripaaaaa, ripa na xulipa ripaaaa, ripa na xulipa ripaaa” (a letra é toda assim). Um alerta para quem estiver lendo esta crônica: cuidado ao ouvir a música. Ela demora alguns dias para sair da cabeça.

Dentro da Fun Club não é permitido fumar, por isso, quando eu e meus amigos saímos da festa para ir embora, com os óculos descolados que ganhamos (caso relatado na crônica Cruzcampo), havia muitos grupos de fumantes do lado de fora que cantarolavam o hit brasileiro lançado em 1979: “Ripa na xulipa ripaaaa”. Mas nem os espanhóis, nem os brasileiros, sabem o que significa isso. Tenho até medo de saber.

# Natal

Quando o frio começou a chegar na capital andaluza, em novembro, surgiram vendedores ambulantes de um alimento muito esquisito. Sempre os via preparem uma espécie de semente gigante e gostava de passar perto dos carrinhos deles, porque saía fumaça quente de lá. Porém, nunca soube que comida era aquela. Apenas em janeiro descobri que a semente enorme é uma tal de castanha portuguesa. Em Portugal e na Espanha, existe o hábito de consumir estas castanhas – que começam a ser vendidas no início da temporada do frio – em ceias natalinas.

O período natalino de Sevilha me encantou, pois as tradições espanholas são muito diferentes das brasileiras. Na Espanha, o Natal mantém fortemente as origens de festa cristã. Todos os anos, algumas semanas antes da festividade, começam na cidade os *mercados belenísticos*. “Belén” é como os espanhóis chamam “presépio” e os “*mercados belenísticos*” são feiras especializadas em vender presépios.

Existem inúmeros artistas e artesãos especializados na arte de fazer presépios (“*arte belenístico*”). Uns três meses antes do Natal, montaram um *mercado belenístico* perto da catedral e eu não entendia o motivo de tantas barracas venderem santinhos naquele

lugar. Depois, uma amiga me contou que não era qualquer imagem de santo, apenas personagens do nascimento de Jesus. Você pode comprar personagens separados para incrementar ainda mais seu presépio. Por exemplo, se você acha que há poucos animais na manjedoura, pode comprar mais uma vaquinha, ou uma ovelhinha. Nestes mercados, há presépios feitos com todos os materiais possíveis e imagináveis: crochê, latão, madeira, chumbo, cerâmica, alumínio, pedra, arame, tecido etc. Além disso, a cidade é toda decorada com presépios de luzinhas.

É tradição no país que cada membro da família tenha o próprio *belén*. O pai tem um, a mãe tem outro e cada filho tem o seu. A cada ano, a pessoa ganha um personagem novo do presépio, então, quanto mais velha ela é, mais personagens ela tem. Por exemplo, em um ano você ganha José, no ano seguinte você ganha um pastor, no outro você ganha Gaspar e assim por diante, até completar seu *belén*.

Na Espanha, quase não existe a figura do Papai Noel. As crianças, de maneira geral, não acreditam no bom velhinho que vive no Polo Norte e distribui presentes na noite de Natal. Tanto que as pessoas não costumam se presentear em 25 de dezembro. Os presentes só vêm em 6 de janeiro, que é Dia de Reis (feriado nacional). Como Jesus só foi presenteado quando os Reis Magos chegaram, os espanhóis esperam o Dia de Reis para trocar presentes também.

Na ceia de Natal, os sevillhanos costumam preparar aperitivos com frutos do mar, sempre acompanhados de bons vinhos. Após a ceia, costumam tomar café enquanto comem vários tipos de *turrón* (mole, duro, de chocolate, crocante etc.) – em português, torrão, um doce feito de mel, clara de ovos e amêndoas. Não há doce mais natalino que o *turrón* na culinária espanhola. Acho uma delícia.

Infelizmente, não cheguei a provar as castanhas portuguesas, mas tenho consideração enorme pelos vendedores que as

preparam no meio da rua em dias frios e nublados. O calorzinho que sai dos carrinhos de castanha portuguesa renova a vontade de viver. Também tenho consideração enorme pelo recesso de Natal, que vai até 6 de janeiro, graças à necessidade de aguardar a chegada dos Reis Magos – como as férias de verão são em julho e agosto, as aulas na universidade só param para o recesso de Natal no fim do ano. Ou seja, mais dias de descanso para comer *turrón* embaixo do cobertor.

# Nomes

Tem muita coisa maravilhosa na Espanha, mas poucas são tão maravilhosas quanto os nomes das pessoas. O maior exemplo: Jesus é um nome extremamente comum no país. Em todas as minhas salas de aula havia, pelo menos, um Jesus. Por isso, é muito comum sua amiga dar uns beijos em Jesus, namorar Jesus, elogiar o tanquinho maravilhoso de Jesus, ou te dar um bolo porque Jesus a convidou para a balada.

Para melhorar, havia uma boate em Sevilha chamada Santuário (hoje, ela se chama Tokyo), então era possível encontrar Jesus no Santuário no meio da madrugada ao som de reggaeton. Certa vez, estava em um bar, antes de ir para uma festa no Santuário, e conheci um sevilhano chamado Jesus. Conversamos bastante e, antes de sair do bar, disse a ele: “Jesus, me encontra no Santuário”. Esta foi uma das melhores frases que disse na vida.

Outro ponto ótimo em relação a nomes é que, em Sevilha, as pessoas te felicitam no dia do santo que tem seu nome. Por exemplo, se você se chama Francisco, vai receber os parabéns no dia de São Francisco. É como se fosse um segundo aniversário. Foi quando descobri que existe uma santa com meu nome (martirizada no ano 360, na Turquia) e o dia dela é 7 de novembro, dez dias antes do meu aniversário.

Os espanhóis estranhavam bastante quando meus amigos brasileiros me chamavam de Cacá, meu apelido no Brasil. “Caca” em espanhol significa “cocô” e, como neste idioma todas as vogais têm sempre o mesmo som (não há sons nasais em espanhol, como vogais abertas e fechadas), eles não eram capazes de perceber a acentuação no último “a” e achavam que me chamavam de excremento. Sempre precisava explicar que, no Brasil, meu apelido não significava “cocô”. De qualquer maneira, meus amigos de língua espanhola (como a peruana Lucia Meneses, que viveu comigo no primeiro semestre) preferiam me chamar de Cari.

Divertia-me muito com amigos quando ia ao 100 montaditos ou ao Starbucks Coffee, porque, nestes estabelecimentos, o funcionário do caixa pergunta o nome do cliente, para chamá-lo quando o pedido ficar pronto. Muitas vezes, as pessoas dizem nomes fictícios para brincar. Uma vez, eu disse que me chamava Beyoncé e me senti toda poderosa. Ou brincava com nomes típicos e divertidos das espanholas, como Blanca, Nieves e Soledad (que significam Branca, Neves e Solidão, respectivamente).

Minha amiga brasileira Carla Matzenbacher é muito parecida com uma cantora andaluza de flamenco contemporâneo chamada India Martinez. Alguns bêbados em bares a confundiam com India e pediam para tirar fotos. Era unânime a semelhança entre as duas, ambas muito bonitas – magras, de pele morena, cabelos lisos da mesma cor dos olhos castanhos, estereótipo latino. Certo dia, pedi que Carla dissesse que se chamava India ao fazer o pedido no 100 montaditos. A funcionária do caixa a analisou atentamente para ter certeza de que não se tratava da estrela do flamenco contemporâneo.

Mais uma curiosidade em relação a nomes: no Brasil e em muitos países, é bastante comum que filhos meninos sejam batizados com os nomes dos pais ou avós. Na Espanha, porém, o mais comum é que as meninas recebam os nomes de suas mães ou avós.

É bem normal sua amiga espanhola ter o mesmo nome da mãe. Outra diferença é que, em países de língua espanhola em geral, o sobrenome do pai precede o da mãe – diferentemente do Brasil e países anglo-saxões, nos quais o sobrenome paterno é o último.

Apesar de haver me divertido bastante ao dizer que me chamava Beyoncé, Mariah Carey, Madonna, Teresa, Blanca, Nieves, Dulce, Estefania, ao receber os parabéns no dia de Santa Carina e ao dizer que sou grande amiga da famosa India Martinez, nada me divertiu mais do que pedir para Jesus me encontrar no Santuário no meio da noite.



# A volta

É claramente perceptível o tanto que me apeguei a Sevilha e não é difícil imaginar como foi duro ir embora. Depois de mais de um ano de touros, tapas, meias pretas, flamenco, *reggaeton*, vinho na beira do rio, tinto de verano, Cruzcampo Radler, churros com chocolate quente, charretes e caminhadas diárias por ruas milenares, precisei voltar à vida real.

As duas últimas semanas foram de pura nostalgia. Caminhava sozinha pela cidade todos os dias e tentava guardar todos os detalhes na memória. Não podia me esquecer de nada. Não podia me esquecer das cores vivas, dos sons, dos cheiros, dos gostos. Precisava lembrar de tudo. Caminhava completamente sem rumo. Queria percorrer o máximo que conseguisse da capital andaluza e armazenar tudo eternamente dentro da cabeça (no coração já estava).

Organizei-me para ir a todos os locais de Sevilha que tinha vontade de conhecer. Fui ao Centro de Interpretación Judería de Sevilla (museu no bairro de Santa Cruz, que conta a história da zona judaica), ao Archivo de Indias (sobre o qual falei na crônica *Centro histórico*) e à Puerta de Córdoba (uma das

portas da antiga muralha que cercava a cidade, explicada na crônica *Lágrimas santas*).

Na penúltima semana, ainda tive provas na universidade e, na última, precisei buscar diversos documentos para trazer de volta para a UnB. Então, tive de correr para dar conta de tudo: estudar para provas, passar por burocracia na secretaria da faculdade, entregar o apartamento, arrumar minhas malas e me despedir das pessoas e lugares.

Sempre gostava de ver o pôr-do-sol no belo e histórico Rio Guadalquivir, que corta a cidade. É o maior rio da Andaluzia e o quinto da Península Ibérica (após o Tejo, o Ebro, o Douro e o Guadiana). Como voltei em fevereiro de 2015 (inverno na Europa), os atletas de remo que tomam conta do Guadalquivir no verão não estavam em época de treinos, devido à baixa temperatura. De vez em quando, alguém se arriscava a remar de moletom, mas eu não podia deixar de lembrar dos inúmeros barcos e remadores em rápido movimento pelas águas nos meses quentes do meio do ano, quando o sol se põe às 22h. Bom, o fato é que, como as construções no centro de Sevilha são baixas, as águas do Guadalquivir refletem totalmente a luz do sol, sem sombras que atrapalhem. No fim do dia, passam gradativamente de azul para amarelo, depois laranja, até chegar ao vermelho sangue que me tira o fôlego.

Eu havia escrito inúmeros textos sobre a cidade durante aquele ano, porém, na hora de me despedir, calei-me. Não queria escrever, não queria falar. Só queria ficar em silêncio e absorver tudo o que tinha vivido naquele lugar. Não existem palavras no mundo para o que tenho guardado dentro de mim. Para explicar o que aquela cidade fez por mim. Para dizer como me reconstruí e me refiz totalmente nas terras andaluzas.

Até porque nem sempre as coisas foram lindas. Apesar de ter vivido os melhores momentos da minha vida por lá, tam-

bém vivi alguns dos piores. Tive alguns baques, passei por uma série crise que colocou minha vida de cabeça para baixo, que remexeu tudo dentro de mim, e dou graças a Deus por estar na capital andaluza quando levei estas rasteiras da vida, pois pude me reconstruir lá. E como Sevilha me ajudou nesse processo de recuperação e autoconhecimento! Como sou grata a ela por me abraçar e me consolar com violeiros pelas ruas enquanto eu caminhava, com cafés com chantilly no meio da tarde e pelos grandes amigos que me apresentou.

Quando fui embora, não consegui fazer texto grande de despedida. Escrevi apenas:

*Obrigada, Sevilha. O obrigada mais profundo, complexo, significativo e cheio de sentimento que já disse na minha vida. Depois de você, nunca mais serei a mesma.*

E haja profundidade, haja complexidade, haja significado e haja sentimento. De fato, nunca mais fui a mesma.

## Em terras brasileiras

Voltar ao Brasil depois de mais de um ano fora causa muitos efeitos colaterais. Tive diversas sensações estranhas pós-intercâmbio. Por exemplo, durante as primeiras semanas em Brasília, precisava me lembrar constantemente de que há certas coisas que não posso mais dizer em voz alta, porque agora as pessoas entendem. Também era muito estranho ver os preços das coisas em reais, pois elas parecem muito mais caras nessa nossa moeda – estava acostumada a pagar cinco euros para comer e levei um susto ao ter de pagar 20 reais em um lanche.

Todas as vezes que alguém passava por mim na rua em Brasília falando português, meu primeiro pensamento era: “Olha!! Brasileiros!!”. E sempre que ia a restaurantes, lojas ou resolver problemas, começava a falar com os funcionários em espanhol, até me lembrar que aqui eles entendem português e achava o máximo. Também achava incrível criancinhas que falam português. Outra sensação esquisita era ver nos termômetros temperaturas que comecem com o número “2” e têm outro número depois – quando saí de Sevilha, era inverno e a temperatura não passava dos 10°C. Que alegria é poder ficar de short e regata em casa!

Falhas idiomáticas eram recorrentes. Logo que voltei, fui comprar um coco e, na hora, esqueci completamente como se pergun-

tava o preço em português. Encarei a vendedora por um tempo em silêncio, tentando tirar palavras da minha boca e arrisquei:

– Quanto vale o coco?

A mulher me olhou com uma cara de “por que você é tão estranha, garota?” e respondeu:

– Hummm... O coco vale... Dois reais...

Passsei alguns meses dizendo “*gracias*” automaticamente na hora de agradecer. Ou, quando me diziam “obrigado(a)”, respondia “*a tí*”. Demorei a relembrar algumas expressões em português, que já haviam sido substituídas na minha cabeça por frases em espanhol. Às vezes, quero me expressar, mas não existe palavra em português que traduza o sentimento, então penso em espanhol algo do tipo: “*¡qué fuerte, tía!*”.

Com o tempo voltei a me adaptar e, mais que isso, o Brasil voltou a ser minha realidade “normal”. Parei aos poucos de pensar em espanhol e comecei a ter de fazer força para me lembrar de determinadas palavras. Sem praticar, perdi um pouco do vasto vocabulário que tinha. Mas, às vezes, ainda era surpreendida com algum resquício do intercâmbio. Quando achava que já tinha me adaptado de volta ao Brasil, meu pai me ligou para perguntar se eu queria que ele trouxesse algo do McDonald’s para mim. Instantaneamente pedi um “*cuarto de libra*” com batatas “*deluxe*”.

Alguns segundos depois, percebi que nem esse sanduíche nem essas batatas existem no Brasil e não consegui me lembrar de jeito nenhum quais sanduíches existem nos McDonald’s brasileiros. Na minha cabeça, eu só via o cardápio espanhol. Desisti e disse: “Pai, pode trazer qualquer coisa”.

“Vou fazer uma tatuagem de Sevilha” é a primeira coisa que penso todas as manhãs quando acordo desde que voltei. A saudade dói tan-

to, que todos os dias penso em tatuar essa cidade em mim, para ver se, marcando-a permanentemente no meu corpo, consigo preencher um pouquinho do vazio que ficou quando saí de lá.

Gosto de comparar minha experiência em Sevilha com o filme *As vantagens de ser invisível*. Há uma cena em que o protagonista, Charlie, fala sobre os raros momentos nos quais nos sentimos infinitos. Eu era infinita em Sevilha todos os dias. Apesar do aperto no coração, sempre me lembro de lá com um sorriso no rosto e um sentimento profundo de gratidão. E todos os dias faço a promessa de voltar sempre que puder, para tentar resgatar meu coração que ficou pelas ruas sevilhanas.

Memória é um negócio engraçado. A gente vive tanta coisa, passa por tanta coisa, em tantos lugares, com tanta gente diferente, mas as lembranças que ficam são sempre as mais simples, dos momentos mais aleatórios, mais inusitados. Depois de ter morado mais de um ano em Sevilha, uma das lembranças mais fortes que me vêm automaticamente à cabeça, todos os dias, é a do barulho dos meus pés caminhando pelos paralelepípedos do bairro de Santa Cruz.

Depois que voltei ao Brasil, todas as vezes que fecho os olhos, escuto o barulho dos meus sapatos andando de madrugada pelas ruelas da cidade. Algumas das coisas mais importantes que vivi acabam escapando da memória, mas o barulho dos meus passos pelo centro histórico, esse eu escuto todos os dias.









**TOUROS, “TAPAS” E MEIAS  
PRETAS — CRÔNICAS DE  
UMA BRASILEIRA EM  
SEVILHA**

As crônicas deste livro apresentam de forma bem-humorada e informativa os choques culturais de uma brasileira que se muda para a cidade de Sevilha, no sul da Espanha. Assim que Carina chega ao novo país, surpreende-se com inúmeros fatos e costumes inusitados, que lhe chamam a atenção por serem bastante diferentes da realidade com a qual estava acostumada no Brasil. O livro é resultado de um ano e um mês de observações e se aprofundam na história da região e na cultura local. Sevilha é retratada de maneira divertida e rica em detalhes, do ponto de vista de uma brasileira encantada com a nova cidade.

**SEVILHA**

É a quarta maior cidade da Espanha, com cerca de 700 mil habitantes. É capital da Andaluzia, região mais ao sul do país, berço do flamenco, das touradas, do *gazpacho*, da cerveja Cruzcampo e da famosa música *Macarena*.